

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

CARISON KAPELINSKI

**A RESSURREIÇÃO E O ESTADO INTERMEDIÁRIO SEGUNDO JUAN LUIS RUIZ DE LA
PEÑA: ASPECTOS BÍBLICOS, ANTROPOLÓGICOS E ESCATOLÓGICOS.**

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre
2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CARISON KAPELINSKI

**A RESSURREIÇÃO E O ESTADO INTERMEDIÁRIO SEGUNDO
JUAN LUIS RUIZ DE LA PEÑA:
ASPECTOS BÍBLICOS, ANTROPOLÓGICOS E ESCATOLÓGICOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, na Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática
Linha de Pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo

Orientador: Érico João Hammes

Porto Alegre
2017

CARISON KAPELINSKI

**A RESSURREIÇÃO E O ESTADO INTERMEDIÁRIO SEGUNDO JUAN LUIS RUIZ
DE LA PEÑA:**

ASPECTOS BÍBLICOS, ANTROPOLÓGICOS E ESCATOLÓGICOS.

Dissertação apresentado à Escola de Humanidades,
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul, como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Teologia, Área de Concentração em
Teologia Sistemática.

Aprovado em 05 de Dezembro de 2017, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

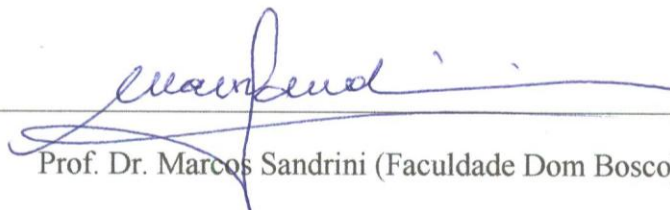


Prof. Dr. Érico João Hammes- (PPGTeo-PUCRS)

(Orientador)



Prof. Dr. Leandro Luis Bedin Fontana (PPGTeo-PUCRS)



Prof. Dr. Marcos Sandrini (Faculdade Dom Bosco)

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só foi possível graças a vários fatores.

O principal agradecimento é para com Deus: pela vida, pelo entusiasmo diário, pelo fortalecimento nas horas difíceis e por não deixar abalar minha fé.

Quero agradecer, igualmente, à Inspetoria Salesiana São Pio X, que acreditou em mim e possibilitou este momento importante.

Não poderia esquecer o professor Dr. Érico João Hammes que é o meu orientador paciente. Juntamente a ele gostaria de agradecer aos professores Leandro Luis Bedin Fontana e Marcos Sandrini que também participaram da Banca. Tenho muito a agradecer a eles e a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUCRS, dos quais aprendi muito para a pastoral e para a vida.

Quero agradecer também a minha saudosa mãe que já ressuscitou e está junto a Deus. A ela que me ensinou as primícias da fé sou muito grato e espero encontrá-la um dia na ressurreição. Dedico estas páginas também em memória de todos parentes falecidos que estão no paraíso nos aguardando.

Vou ajudar quem estiver ao meu alcance para falar sobre a ressurreição, algo central na nossa fé e que merece mais importância no mundo atual.

“Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao criador uma voz de louvor” (*Gaudium et Spes*, 14).

RESUMO

Com o título *A Ressurreição e o estado intermediário segundo Juan Luis Ruiz de La Peña: aspectos bíblicos, antropológicos e escatológicos*, o trabalho versa sobre a temática da ressurreição e seu contexto principalmente na visão cristã católica. Este é desenvolvido desde o Antigo Testamento, com citações próprias e a visão do tempo no pensamento bíblico. O principal é que em toda Bíblia não há uma visão dualista de corpo e da alma, tanto o Antigo como o Novo Testamento apresentam uma visão unitária do ser humano. No sentido antropológico da ressurreição, pode dizer-se que o ser humano é composto de corpo e alma, os dois não se contradizem ou apresentam um dualismo. O corpo apresenta como principais características: o ser mortal; o ser-no-tempo e o ser-no-mundo. A alma apresenta como principais características: o ser mundano que transcende o mundo; ser temporal que transcende o tempo e o ser mortal que transcende a morte. O corpo e alma apresentam uma união substancial em que são equilibrados e igualmente importantes para a salvação da humanidade. Na escatologia descrevemos que Jesus Cristo é a causa eficiente da nossa ressurreição e como membros do corpo de Cristo, ressuscitaremos com ele. Ele é a causa e o exemplo da nossa ressurreição, pois ressuscitou com o corpo e a alma. Segundo a visão do nosso autor, Juan Luiz Ruiz de La Peña, a ressurreição ocorre na hora da morte. Não existe para ele o estado intermediário, um hiato de tempo entre a morte e a Parusia, onde espera-se a segunda vinda de Jesus Cristo. Esta tese é defendida principalmente pela união substancial entre corpo e alma, não tendo como separar os dois na hora da morte e na ressurreição. Esta é a tese principal que rechaça o estado intermediário, exaustivamente destacada nesta dissertação.

Palavras-chave: Ruiz de La Peña. Ressurreição. Estado intermediário. Antropologia. Escatologia.

RIASSUNTO

Con il titolo *La Risurrezione e lo stato intermediario secondo Juan Luis Ruiz de La Peña: aspetti biblici, antropologici e scatologici*, il lavoro si aggira sulla tematica della risurrezione e nel suo contesto principalmente nella visione cristiano cattolica. Questo è svolto fino dall'Antico Testamento, con citazioni proprie e la visione del tempo nel pensiero biblico. Il principale è che in tutta la Bibbia non abbiamo una visione dualista del corpo e dell'anima, tanto l'Antico come il nuovo Testamento presentano una visione unitaria dell'uomo. Nel senso antropologico della risurrezione, possiamo dire che l'essere umano è composto di corpo e anima, i due non si contraddicono o presentano un dualismo. Il corpo presenta come principali caratteristiche: l'essere mortale; l'essere-nel-tempo e l'essere nel mondo. L'anima presenta come principali caratteristiche: l'essere mondano che trascende il mondo; l'essere temporale che trascende il tempo e l'essere mortale che trascende la morte. Il corpo e l'anima presentano una unione sostanziale nella quale sono equilibrati e ugualmente importanti per la salvezza dell'umanità. Nella scatologia descriviamo che Gesù Cristo è la causa efficiente della nostra risurrezione e come membri del corpo di Cristo, risorgeremo con Lui. Lui è la causa e l'esempio della nostra risurrezione, poi risorse con il corpo e l'anima. Secondo la visione del nostro autore, Juan Luiz de La Peña, la risurrezione si verifica nell'ora della morte. Per Lui non esiste lo stato intermediario, una pausa di tempo fra la morte e la Parusia, dove aspetteremo la seconda venuta di Gesù Cristo. Questa tesi è difesa principalmente dall'unione sostanziale fra corpo e anima, non mi è possibile separare i due nell'ora della morte e della risurrezione. Questa è la tesi principale che respinge lo stato intermediario, esaurientemente sottolineato nella dissertazione.

Parole-chiave: Ruiz de La Peña. Risurrezione. Stato intermediario. Antropologia. Scatologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O SENTIDO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO JUAN LUIS RUIZ DE LA PEÑA.....	13
1.1 O SENTIDO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO..	14
1.1.1 Principais fontes literárias no Antigo Testamento.....	16
1.1.2 Principais textos sobre a ressurreição no Antigo Testamento.....	19
1.2 O SENTIDO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO....	21
1.3 O PROBLEMA HERMENÊUTICO NO NOVO TESTAMENTO.....	22
1.3.1 Presente e futuro na escatologia do Novo Testamento.....	27
1.4 CRISTO RESSUSCITOU COM O SEU PRÓPRIO CORPO, NELE TODOS RESSUSCITARÃO.....	31
1.4.1 Cristo, imagem de Deus e o Cristianismo, imagem de Cristo.....	37
2 O SENTIDO ANTROPOLÓGICO DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO JUAN LUIS RUIZ DE LA PEÑA.....	40
2.1 HISTÓRICO DO PROBLEMA ALMA-CORPO.....	44
2.1.1 A idade Patrística e os Apologistas.....	44
2.1.2 Santo Agostinho.....	45
2.1.3 A época medieval e os começos da teologia.....	46
2.1.4 Tomás de Aquino até o Concílio Vaticano II.....	47
2.2 O SER HUMANO É CORPO.....	49
2.3 O SER HUMANO É ALMA.....	53
2.4 O SER HUMANO É UNO EM CORPO E ALMA.....	58
3 O SENTIDO ESCATOLÓGICO DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO JUAN LUIS RUIZ DE LA PEÑA.....	62
3.1 CONTEXTO TEOLÓGICO SOBRE A RESSURREIÇÃO.....	65
3.1.1 A idade Patrística: a ressurreição do corpo total de Cristo.....	66
3.1.2 O período medieval: a sistematização da escatologia pessoal.....	69
3.1.3 As declarações Pontifícias e Conciliares do século XVIII ao Concílio Vaticano II.....	71
3.2 QUE É RESSUSCITAR?.....	73

3.3 NA MORTE DEUS VAI RESTITUIR A VIDA AOS NOSSOS CORPOS MORTAIS.....	77
3.4 A RESSURREIÇÃO E O SEU PROVEITO PARA A HUMANIDADE.....	81
3.5 O PROBLEMA DO ESTADO INTERMEDIÁRIO.....	86
3.5.1 Estado intermediário e doutrina da Escritura.....	86
3.5.2 A discussão teológica católica.....	91
CONCLUSÃO.....	95
REFERÊNCIAS.....	101

INTRODUÇÃO

Este trabalho de dissertação do curso de Pós Graduação em Teologia tem o objetivo de refletir a ressurreição de Jesus Cristo e a nossa. Por isso, o tema: a ressurreição e o estado intermediário segundo Juan Luis Ruiz de la Peña.¹

O método utilizado para desenvolver este trabalho será o analítico hermenêutico. Neste método serão analisadas as principais obras, artigos e livros do autor Juan Luis Ruiz de la Peña. As principais obras analisadas do autor serão: *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*; *La Pascua de la creación: escatología*; *La otra dimensión: escatología cristiana*.

É o nosso diferencial como cristãos e o fundamento da nossa fé. Porém, seria muita pretensão querer entender tudo o que aconteceu, pois é um grande mistério da nossa fé, muito discutido e presente em toda história do cristianismo. Vamos fazer uma aproximação deste Mistério, pois explicá-lo em sua totalidade é um desafio que só será possível após nossa morte e encontro com nosso Deus e salvador.

Para maior facilidade e abrangência, esta dissertação foi dividida em três secções que se complementam. A primeira secção descreve o sentido bíblico da ressurreição, como ocorreu nos relatos bíblicos, e ainda como todos ressuscitarão em Cristo. A segunda secção é sobre o sentido antropológico da ressurreição, onde descreve que o ser humano é corpo, o ser humano é também alma e o ser humano é uno em corpo e alma. Na terceira secção descreve o sentido escatológico da ressurreição e, que proveito a ressurreição trouxe para a humanidade e o problema do estado intermediário.

Poucas verdades da nossa fé têm tido maior incompreensão do que a ressurreição de Jesus Cristo. Sempre foi um tema de grande contestação, desde o tempo em que Jesus andava pela Palestina até os dias de hoje. Os saduceus duvidaram, também as primeiras comunidades paulinas custaram a entender. O que houve após a crucifixão e morte de Cristo foi algo muito impressionante, pois sem elas toda a

¹ Juan Luis Ruiz de La Peña nasceu em Vegadeo, Asturias, no dia 1 de outubro de 1937, faleceu em Oviedo, dia 27 de setembro de 1996. Foi um teólogo espanhol, em janeiro de 1954 entrou para o Seminário de Oviedo e foi ordenado sacerdote em 1961. Depois continuou os seus estudos na Universidade Gregoriana de Roma, onde teve como mestre o Jesuíta Juan Alfaro Jiménez, doutorou-se em teologia em 1970. Foi designado professor de escatologia, antropologia teológica e teologia da criação. Em 1964 foi designado professor de teologia sistemática no Seminário de Oviedo. Exerceu a docência de 1971 a 1976 na Faculdade de Teologia do Norte, foi também professor de antropologia teológica e escatologia na Universidade Pontifícia de Salamanca. Também foi professor da Universidade de Comillas e um dos fundadores da edição espanhola da revista *Communio*, revista internacional de Teologia.

comunidade cristã teria acabado naquele momento. Mas os discípulos continuaram a missão do Mestre e, ao contrário de ter medo, tiveram mais coragem. Essa coragem e ímpeto evangélico é uma demonstração de que Jesus realmente ressuscitou. Isso é o que analisarei na primeira secção com várias citações que defendem este ponto de vista, que Jesus ressuscitou, e que serão desenvolvidos com as principais ideias de Juan Luis Ruiz de La Peña.²

O principal problema analisado nesta dissertação é quanto ao estado intermediário. É grande o questionamento atual sobre o momento em que ocorre a ressurreição. A doutrina tradicional defende um hiato de tempo entre a morte e a ressurreição, onde as pessoas esperarão a Parusia para então ressuscitar. Juan Luis Ruiz de La Peña e vários outros autores citados nesta dissertação, defendem que a ressurreição é já na hora da morte. Isto se baseia em estudos sérios, com livros e citações que comprovam esta tese e que questionam o estado intermediário.

Já na segunda secção descreveremos o sentido antropológico da ressurreição, a partir da compreensão de certos elementos bíblicos como “*nefesh*”, “*basar*”, “*ruach*” e “*leb*”, destacando sua importância para a ressurreição de Cristo. A visão dualista é superada por Juan Luis Ruiz de La Peña porque o ser humano é uma pessoa unitária, desenvolvida nesta parte da dissertação.

Nesta visão o dualismo é criticado e colocado em contradição com o modo cristão de entender a ressurreição. Para nós cristãos a ressurreição é uma maneira imprescindível da realização da vida humana, sendo revelada na ressurreição o poder de Deus sobre o que de mais forte aprisiona o ser humano que é a morte. O ponto central da nossa fé que será desenvolvido neste capítulo não é a devolução do nosso corpo, mas a ressurreição dos mortos.³

² Nesta Secção, o livro base é *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, de Juan Luis Ruiz de La Peña. O autor destaca como tendo a intenção de fornecer aos seus leitores uma visão mais sistemática da escatologia Cristã. O próprio autor escreve que nunca foi fácil fazer a redação de um manual de teologia, pode ser qualificada ainda como árdua e difícil, ainda mais no setor da escatologia que é bastante agitado no contexto atual. Ruiz de la Peña sabe dos riscos de fazer uma obra deste gênero, mas destaca que considera-se feliz por poder dar algum contributo para aumentar a esperança cristã. Este livro é dedicado para os pais do autor, com quem tem um dever de gratidão, também dão um testemunho de uma comum esperança na ressurreição e na vida eterna.

³ A principal referência para esta parte da dissertação é o livro *Imagen de Dios: Antropología teológica fundamental*, de Juan Luis Ruiz de La Peña e que traz uma visão antropológica fundamental. Neste livro o autor procura pela resposta fundamental da antropologia teológica através dos séculos sobre o que é o homem? Para a fé cristã esta pergunta sobre o homem é fundamental e também a sua respectiva resposta. O autor dá a resposta afirmando que na antropologia teológica o mais importante é a relação do homem com Deus e suas situações concretas que perpassam através da história. A pergunta sobre quem é o homem só pode ser respondida na sua relação sobre quem é Deus, como diz o Salmo 8, 5: “Que é o homem para que Deus se preocupe tanto com ele?”

Na terceira secção estuda-se o sentido escatológico da ressurreição. Estes acontecimentos estão destinados para o fim da nossa história vivida aqui na terra, porém será algo que está relacionado com a nossa humanidade. Conservaremos a identidade do que fizemos nesta terra, porém vamos ter um corpo glorificado e que não conhecerá mais as barreiras do tempo e do espaço que conhecemos aqui nesta terra. É importante também para nossa dissertação e para dar um sentido global da teologia, ressaltar o proveito da ressurreição para a humanidade.⁴

Porém, como já foi destacado, a ressurreição não pode ser descrita e interpretada pelos critérios científicos da verificabilidade. É um acontecimento bíblico proposto à nossa fé, transcendendo os limites do tempo e do espaço que conhecemos. O que podemos fazer é uma aproximação deste Mistério, sem alcançar toda sua riqueza e abrangência.

⁴ Nesta parte da dissertação vamos analisar principalmente o livro *La Pascua de la Creación: Escatología*. Da autoria de Juan Luis Ruiz de La Peña, este foi o último livro escrito pelo autor pouco antes da sua morte, literalmente ele morreu no empenho de concluir este livro.

1 O SENTIDO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO JUAN LUIS RUIZ DE LA PEÑA

Esta primeira secção abordará qual o sentido bíblico da ressurreição, como se desenvolveu nos principais relatos bíblicos e como a nossa ressurreição tem sintonia com a ressurreição de Jesus Cristo.

Poucas verdades da fé cristã tem sido objeto de maior incompreensão do que a ressurreição de Cristo. Desde o tempo em que Cristo esteve presente na terra este sempre foi um tema de grande contestação, primeiramente com os saduceus e também com as primeiras comunidades paulinas. Esta incompreensão está bem destacada por Juan Luis Ruiz de La Peña:

Poucas verdades da fé cristã tem sido objeto de maior incompreensão do que esta que nos ocupa (ressurreição dos mortos). Já no Novo Testamento claros sintomas de rechaçar: a controvérsia de Jesus com os saduceus, indicado no livro dos Atos dos Apóstolos (17, 32; 26, 24), os desvios no seio das comunidades paulinas.⁵

Esta incompreensão é bem destacada nesta citação e retomada na última parte da dissertação, com o subtítulo de estado intermediário e doutrina da escritura, Ruiz de La Peña cita além de passagens dos Evangelhos sinóticos, a compreensão do apóstolo Paulo sobre alguns problemas que as comunidades estavam enfrentando. Em 1Ts 4, 13 os cristãos tiveram dúvidas sobre a Parusia iminente. Paulo defende que não terá vantagem quem estiver vivo ou já morreu na segunda vinda de Cristo. Este é um exemplo de como a ressurreição gerou problemas de compreensão para as primeiras comunidades paulinas.

Depois da paixão e morte de Cristo houve uma dispersão dos seus seguidores. A cruz naquele tempo era uma vergonha e o pior dos castigos e até a lembrança da pessoa que morria na cruz era esquecida. O que houve então? Por que o nome de Jesus continuou a chamar a atenção das pessoas? Vamos destacar uma citação que elucida estas questões:

Sua fé fora ligada por Jesus à própria obra e à própria pessoa e, assim, a fé dos discípulos parece ter morrido também com a morte de Jesus. Pelos textos, não se pode dizer que, apesar desta morte a mensagem de Jesus tenha podido continuar. (...) mas foi o próprio Ressuscitado em pessoa que lhes devolveu o Deus vivo. Deve ter acontecido com os onze, e também com

⁵ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 158.

Madalena ao pé do sepulcro, algo de parecido com o que aconteceria com Paulo antes de Damasco: um como ser precipitado ao solo, pelo menos espiritualmente (*At 9, 4*).⁶

Por isso fica claro que as comunidades haviam se dispersado e se Jesus continuasse morto sua mensagem teria morrido com ele. Porém, algo aconteceu após a sua crucifixão que mudou tudo. Os apóstolos passaram por uma experiência do Deus vivo, que é capaz de ressuscitar os mortos em seu Filho Jesus Cristo. Porém, estes não entenderam a mensagem de Cristo e tiveram que refazer sua experiência espiritual, a exemplo de Paulo em Damasco. Caíram por terra e assumiram o projeto de Cristo até as últimas consequências.

Os Evangelhos nos atestam que o sentido de toda a vida de Jesus e de todo o Antigo Testamento só se explica aos discípulos após os acontecimentos pascais, ou seja, a ressurreição de Jesus Cristo. A vida de Jesus é inundada pela luz pascal. A partir da ressurreição a vida de Jesus teve uma coerência e os apóstolos redescobriram o Evangelho, acontecimento após acontecimento da vida de Jesus.

O que é decisivo aí não é o fato de que cada uma das palavras do Antigo Testamento possa ser lida e interpretada, de forma nova, como sendo profecias. (...) o Antigo Testamento como um todo, tenha sido conduzidos a uma síntese exuberante que não podia ser construída a partir dessas Escrituras. Foi à luz de sua realização global que cada uma das passagens pôde ser vista legitimamente sob uma luz cristológica.⁷

Nessas frases ficou claro que Jesus Cristo cumpriu as passagens do Antigo Testamento. É em Cristo que as realizações desde o Êxodo, onde o povo conseguiu passar da escravidão para a liberdade, conseguem reler passagens do Antigo Testamento, como a do Servo Sofredor (*Is 53*) e colocar Jesus Cristo no centro dessas profecias.

1.1 O SENTIDO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Existem outras passagens interessantes e que explicam a escatologia no Antigo Testamento e que foram muito debatidas por vários especialistas. Para começo de explanação sobre a escatologia devemos fazer uma consideração sobre o tempo:

⁶ BALTHASAR, Hans Urs von. *Mysterium Salutis: O Evento Cristo*, p. 153.

⁷ Idem, p. 155.

para as religiões naturais, o mundo e seus fenômenos astronômicos e biológicos são a manifestação do divino. A divinização da natureza consagra a circularidade do tempo. O ser humano, fragmento deste cosmos em movimento cíclico procura inserir-se na sacralidade da natureza, reconhecendo a seu tempo a propriedade de reatualizar o tempo original por meio das celebrações litúrgicas.⁸

Para a metafísica grega o tempo não é visto de forma ascendente, senão como um círculo. O tempo se reproduz segundo um ciclo eterno onde todas as coisas se reproduzem. É um círculo que não tem princípio e nem fim, descreve sempre uma repetição de si mesmo e assim o ser humano é um ser sem destino. Essa compreensão de tempo não tem um fim porque não há um começo. Ao contrário, o pensamento bíblico possui um começo e um fim:

O mundo causado por um Deus criador postula um princípio. E se o Deus criador é, por sua vez, o salvador de sua criação, esta há de dirigir a uma meta que não é a volta ao princípio, senão a consumação da obra de Deus. Entre o princípio e o fim se estende, por conseguinte, a história como duração retilínea e teleológica.⁹

Está aí uma das principais diferenças entre a escatologia bíblica e o pensamento grego da época. Isto é muito importante para compreendermos o sentido de promessa, a escolha de um povo pelo próprio Deus e a ressurreição de Cristo. Desde o princípio Deus pensou este mundo como um pacto entre ele e a humanidade, manifestando-se através da história. A história para o povo da Bíblia tem um efeito e uma duração retilínea, com um começo da parte de Deus e o fim também será junto Dele, não fomos jogados neste mundo, Deus tem um propósito para todos nós.

Para Juan Luis Ruiz de La Peña o mundo não pode ter esta visão grega, ele faz uma pesada crítica sobre este pensamento do tempo como sendo circular. O mundo não é só simplesmente natureza, é também história. A história não é plena nesta vida terrena, a plenitude será na parusia, em nosso encontro definitivo com Cristo em que ele vai transformar o mundo e as pessoas. Assim como o mundo teve um princípio em Deus também terá um fim Nele.

A virada neste pensamento circular veio com a interpretação do tempo como uma experiência de Deus agindo na história. Israel captou ao Deus Javé nos fenômenos da história, no acontecer de sua existência como povo:

⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 44.

⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 45.

Por outra parte, esta verticalidade da liberdade divina não pulveriza o tempo em um atualismo descontínuo, pois está equilibrada pela horizontalidade de sua fidelidade salvífica. Desta forma, pode o tempo ser concebido como um contínuo linear e aberto.¹⁰

A própria experiência do povo de Israel, quando deixa de ser nômade no deserto e se estabelece em Canaã, demonstra que Deus está caminhando com eles. Esta presença de Deus forte acontece na história, é Ele que dá sentido a toda a caminhada e a fixação do povo na terra prometida.

1.1.1 Principais fontes literárias no Antigo Testamento

Esta experiência do povo de Deus foi condensada na Bíblia, especialmente no livro do Pentateuco em que se destacam três fontes: javista, sacerdotal e deuteronomista. As três tiveram semelhanças e diferenças em seus escritos, com informações úteis sobre como Israel compreendeu a sua inserção no tempo, à luz de sua experiência religiosa.

A fonte Javista possui uma compreensão mais universal, situa a sua história a partir da experiência com os outros povos e o faz a partir da experiência de Abraão. Surge daí uma história, entendida mais como hermenêutica do presente e profecia de um futuro que como crônica de um passado. Porém, o plano divino depende da livre decisão humana:

Se a árvore da vida encerra uma promessa de futuro e esperança, a árvore da ciência do bem e do mal notifica que o futuro e a esperança do homem tem de ser recebidos por ele das mãos de Deus. Na obediência a seu mandato está a vida; na desobediência, a morte e uma existência sem futuro.¹¹

Está bem claro nesta citação que o futuro do povo de Israel está em sempre obedecer à vontade de Deus, isso gera a vida para todos. No Pentateuco, quando o povo desobedece vem o castigo e o próprio sofrimento para o povo. Isto nunca provocado por Deus, ao contrário, é o próprio povo que se afasta de Deus. Esta passagem é destacada no paraíso, quando Adão e Eva comeram do fruto da árvore proibida, desobedeceram a Deus e foram expulsos do paraíso. Não foi Deus que os expulsou, as ações de Adão e Eva é que os levaram ao castigo de sair do paraíso preparado por Deus.

¹⁰ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 46.

¹¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de La Creación: Escatología*, p. 40.

Deus nunca abandona o ser humano, isto é destacado na vocação de Abraão. Nele se revalida a opção de Deus de salvar novamente a humanidade. Mesmo elegendo a Abraão, Deus parece apostar em uma causa perdida:

Desenraizado de sua casa, de sua terra e de suas gentes, convertido de sedentário bem acomodado em nômade na busca de uma terra desconhecida, Abraão poderia ser o protótipo do ser humano sem esperança.¹²

Aqui Deus está fazendo uma promessa para o povo e escolhe uma pessoa bem frágil para demonstrar que é ele quem opera e faz maravilhas, mesmo com os recursos humanos limitados e escassos. A esperança cresce no meio do povo mesmo com a sua indignação, isso porque Deus é a causa desta profunda esperança e não vai deixar o seu povo esperar em vão. Abraão será a semente de bênçãos não só para o seu povo como também para todas as gerações e povos da terra.

A fonte Javista acentua muito o fato de Abraão não ter filhos e que tanto ele como a sua mulher são anciãos. Um homem sem descendência em Israel era um homem sem futuro. Mesmo assim Deus nunca abandona:

Pois bem, a um homem a promessa lhe criou um futuro tão dilatado ‘como as estrelas do céu (Gn 15,5). Não se transmite nenhuma resposta de Abraão; só o silêncio de quem crê (...) pode ratificar uma aceitação incondicional.¹³

Isto é importantíssimo para compreendermos a visão do povo bíblico, esta aceitação incondicional, também perpassada através de Isaac, Jacó, Moisés e todos os grandes patriarcas da Bíblia. Eles sempre confiaram em Deus e foram recompensados pela sua fé. Eles confiaram no impossível e Javé respondeu que iria conduzir o povo de Israel para uma terra onde corre leite e mel. Por isso os israelitas sabem que o tempo não é mera circularidade, ao contrário, a natureza é posta por Javé a serviço da história, esta história é um espaço para a salvação de Deus para a humanidade.

Já na fonte Sacerdotal a principal característica apresenta Deus como tendo a vontade de ser do seu povo. Esta mútua pertença entre Deus e o seu povo perpassa toda a fonte Sacerdotal, é Deus que se oferece como promessa para o povo de Israel. Isto é destacado na progressão histórica do nome Deus: “A primeira designação divina ocorre

¹² Idem, p.41.

¹³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de La Creación: Escatología*, p. 42.

no encontro com Abraão: ‘eu sou El Shaday’ (Gn 17,1). A segunda e definitiva se concede a Moisés: ‘eu sou Yahweh.’”¹⁴

Para o povo da Bíblia o nome era algo muito importante, ele tratava da linhagem dos ancestrais e até da missão que a pessoa teria para a sua vida. Quando Deus se dá a conhecer para o seu povo ele está se dando para ele, não só em conhecimento mas em termos de eleição. E não só o ser humano, mas toda a criação faz parte desta promessa, sendo possível não só estudar a escatologia da pessoa como de todo o mundo.

O ser humano possui uma tarefa muito importante na realização da promessa. Não estamos simplesmente jogados neste mundo sem função histórica, ao contrário, Deus conta com o ser humano para que em suas ações o ser humano ajude a cuidar do mundo: “a ação divina não entrega ao homem um mundo acabado; o ato criador de Deus há de ser prolongado durante a história pela ação concriadora da humanidade.”¹⁵

Tudo isso para afirmarmos que a relação entre Deus e os homens é uma relação de aliança. Esta aliança destaca através da Bíblia que nosso Deus é um Deus dos seres humanos e estes, povo de Deus. Este pacto perpassa por todas as épocas e todas as teologias da promessa, para o povo de Israel e sua meta religiosa. Não há oposição entre escatologia e história como acreditavam os gregos, ao contrário:

O estudo da origem e evolução da escatologia bíblica verifica o princípio da necessária conjunção imanência e transcendência, confirmando o caráter antibíblico de uma suposta oposição entre escatologia e história.¹⁶

Como foi visto, para os gregos o tempo é cíclico, sem começo ou fim, como uma continuidade cíclica. Nesta visão nunca haverá uma parusia e nem a conclusão de nossa história terrena em Deus, sendo por isso falsa na visão do povo de Deus. Ao contrário, para o povo de Deus este é tanto a partida como a chegada, Deus se manifesta na história mas vai além desta pois atinge a sua plenitude só no fim dos tempos, na escatologia da pessoa e do mundo. A esperança de Israel é escatológica, não para o passado mas para um futuro plenificador, confiando sempre nas palavras e promessas de Javé para o seu povo.

Já a fonte Deuteronomista destaca o povo de Israel solidamente assentado na terra de Canaã, ele está na terra prometida. Depois de quarenta anos de peregrinação o

¹⁴ Idem, p. 44.

¹⁵ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de La Creación: Escatología*, p. 45.

¹⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 62.

povo chega à terra prometida. A promessa de Deus foi cumprida com êxito, porém ainda tem uma promessa de Deus para o futuro: “portanto, se obedeceres de fato à voz de Iahweh teu Deus, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno, Iahweh teu Deus te fará superior a todas as nações da terra.” (Dt 28, 1) Esta preocupação ética da obediência para com a vontade de Deus garantirá o futuro de Israel e dá esperança para todo o povo.

1.1.2 Principais textos sobre a ressurreição no Antigo Testamento

Os principais textos relativos ao conceito de ressurreição já apareciam no Antigo Testamento, isto no século VI a.C., na visão de *Ez* 37, 1-6. Neste trecho o profeta destaca a ressurreição dos ossos espalhados numa planície: “A mão do Senhor estava sobre mim e o Senhor me levou em espírito para fora e me deixou no meio de uma planície repleta de ossos. Fez-me circular no meio dos ossos em todas as direções. Vi que havia muitíssimos ossos sobre a planície e estavam bem ressequidos. Ele me perguntou: ‘filho do homem, poderão estes ossos reviver?’ E eu respondi: ‘Senhor Deus, tu é que sabes!’ E ele me disse: ‘Profetiza sobre estes ossos e dize-lhes: Ossos ressequidos, ouvi a palavra do Senhor! Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Vou infundir-vos, eu mesmo, um espírito para que revivais. Dar-vos-ei nervos, farei crescer carne e estenderei por cima a pele. Incutirei um espírito para que revivais. Então sabereis que eu sou o Senhor.’” Mesmo que este texto não fale de forma clara de uma ressurreição do indivíduo, ele dá uma esperança para as pessoas de que a morte não é o último destino do ser humano.

Deus é capaz de reviver os ossos que estavam sem vida. E irá restituir a vida para as pessoas que morreram. O profeta Ezequiel viveu no exílio da Babilônia e teve importante papel para o povo. Eles estavam vivendo em Israel esse período difícil, em que quase tudo havia sido destruído. Houve muitas mortes e Israel estava desolado, porém:

Esse povo que se considera morto, sem futuro, ouve um conjuro que o devolve à vida. (...) Deus fará uma nova aliança e habitará permanentemente com o seu povo.¹⁷

¹⁷ SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel: O profeta. Os profetas. A mensagem*, p. 309.

Nisso se alicerça a aliança de Deus, aliança que dura por toda a vida e vai até depois da morte da pessoa. Esta passagem é uma das mais antigas, mas vamos analisar a partir de agora outras passagens mais recentes, do século 4º a.C. Trata-se de uma passagem de *Is 26, 19*: “Teus mortos reviverão, os cadáveres ressurgirão! Despertai e alegrai-vos, vós que habitais o pó!”

Nessa passagem a morte afeta a pessoa na sua totalidade. No Antigo Testamento se acreditava que quando a pessoa morria, continuava existindo a sua sombra no Scheol. Deus é o Senhor também do Scheol e vai resgatar o justo daquele lugar de sofrimento. Se isso acontece com o justo, os ímpios serão simplesmente esquecidos e seus nomes vão desaparecer.

Outros dois textos importantes do Antigo Testamento e que fazem uma referência clara à ressurreição são: *Dn 12, 1-4* e *2Mc 7, 1-42*. Estes dois textos são uma referência clara à Vida Eterna além da biológica, principalmente no texto de Daniel. É a primeira vez que aparece na bíblia a esperança na ressurreição, pedindo para manter coragem diante da morte.

O texto de Daniel afirma: “E muitos dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (*Dn 12, 2*). É uma referência clara à ressurreição da carne, na qual é prometida a vida eterna para quem morre pela fé em Deus.

São perguntas daquele tempo: qual o sentido de tanto sofrimento e da morte do fiel? Tudo fica mais fácil de ser respondido quando colocamos a fé na ressurreição, e as questões acima passam a ter sentido, porque a pessoa vai encontrar justiça pelo que fez de bom nesse mundo. O interessante também é que a morte biológica não é o fim, nem para os bons e nem para os maus. Os dois ressuscitarão, só que os maus para o opróbrio e os bons para a Vida Eterna.

O texto do segundo livro de Macabeus tem sentido semelhante ao de Daniel. Só que nessa passagem é narrado o martírio dos sete irmãos (*2Mc 12, 1-42*). Nos sete casos a mãe exorta os filhos para permanecerem fiéis à Aliança com Deus pois ele vai lhes restituir com sua misericórdia o espírito e a vida.

Deus pode fazer reviver os membros deslocados pelos torturadores e dar uma nova vida para os irmãos. Paradoxo do martírio, o que parece ser a morte encontrará a vida, que é a recompensa de Deus aos que permaneceram justos. É uma clara retribuição à retidão da vida: a última palavra não é da morte, pois Deus chamará o defunto na hora da morte para a sua misericórdia.

1.2 O SENTIDO BÍBLICO DA RESSURREIÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

A ressurreição de Jesus não pode ser interpretada pelos critérios científicos da verificabilidade. É um acontecimento bíblico que escapa ao nosso tempo e ao nosso espaço. Aconteceu no tempo e no espaço mas transcende esses dois limites históricos. Escapa até a todas as formas de expressão, e assim o que conseguiremos é uma aproximação sem alcançar toda a riqueza do mistério da ressurreição.

O Novo Testamento dá um novo sentido ao mistério pascal e à ressurreição de Jesus Cristo. A explicação do nome Páscoa é passar, ou seja:

A passagem de Jesus deste mundo para ao Pai abrange em uma unidade estreitíssima paixão e ressurreição. Esta é a quintessência da teologia joanêa e de todo o Novo Testamento.¹⁸

Foi nesta Páscoa que surgiu a Igreja. Nessa passagem pela paixão, a Páscoa de Deus e a Páscoa do Ser humano se completam. Tudo isso porque em Cristo a divindade e a humanidade são uma só pessoa. Através dele nasceu a nova e a verdadeira aliança com a humanidade, chave de toda interpretação bíblica, em que passamos da morte para a vida através da sua ressurreição.

Nesse sentido também a Bíblia fundamenta um tratado de esperança. Nosso Deus que criou todo o Universo é um Deus que esteve presente em todo o Antigo Testamento. Mesmo com as atitudes de infidelidade do povo, Deus nunca abandonou Israel. O Deus Javé presente na Bíblia acompanhou o povo desde o Gênesis até a chegada de seu Filho Jesus Cristo, e continua presente até hoje em nosso mundo. Esse mesmo Deus escolheu a vida e dá esperança para o Povo. A morte continua sendo um limite para a vida humana, mas esta não é o fim, mas através desta surge um novo começo para a pessoa. É uma passagem de libertação para os que creem que Jesus Cristo também ressuscitou, como nos relatam os textos bíblicos. É esta esperança cristã que vence a morte.

Nos relatos bíblicos do Novo Testamento, nosso próximo tópico de estudos, Jesus Cristo não é reconhecido nem por seus próprios amigos, e quando reconhecido continua estranho.

¹⁸ CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Páscoa*, p. 19. Nesta citação paixão e ressurreição não são mais duas passagens distintas e contrapostas, mas conjugadas entre si através da Páscoa Cristã. Cristo passou por todos esses sofrimentos para entrar na sua glória.

Ele só é visto onde concede visão; só onde abre os olhos e o coração se deixa abrir é que se torna reconhecível neste mundo mortal a face do vencedor da morte e, nesta face, o outro mundo: o mundo que há de vir. Por isso é tão difícil, raiando mesmo pelo impossível, aos Evangelhos descrever os encontros com o ressuscitado, dando a impressão de contradizer-se, ao descrevê-los.¹⁹

Jesus Cristo se apresenta quando ressuscitou, é ele que vai de encontro aos discípulos para os instruir e conduzir. Cada Evangelho e mesmo as cartas paulinas tem um sentido para a ressurreição, porém quanto mais se quer explicar, mais este conceito nos escapa da compreensão. Mas, não podemos deixar de fazer uma tentativa de aproximação deste Mistério, mesmo que seja um acontecimento escatológico e que marca o limite da nossa existência.

Jesus realmente ressuscitou e tivemos muitos relatos bíblicos quanto a esse acontecimento. Mesmo sendo diferentes, os relatos trazem uma verdade intrínseca, a de que Jesus venceu a morte pela ressurreição. Isso abre os nossos corações e nos enche de esperança, porque é a plenitude de tudo o que Jesus pregou na Bíblia.

1.3 O PROBLEMA HERMENÊUTICO DO NOVO TESTAMENTO

Temos várias interpretações sobre a anunciação do Reino de Deus por parte de Jesus Cristo no Novo Testamento. Alguns afirmam que Jesus anunciou o Reino de Deus como uma magnitude estritamente futura, é a teoria da chamada escatologia consequente. Oposta a esta teoria temos a escatologia realizada, isto é, Jesus anunciou o Reino de Deus como atualmente presente e não predisse uma dimensão futura do mesmo.

Temos ainda uma terceira opinião hermenêutica sobre o Novo Testamento, representada por Bultmann²⁰ e sua escola, esta afirma que a temporalidade não pertence à essência da sua mensagem escatológica. Esta mensagem não é centrada nem no presente e nem no futuro do Reino, senão na situação de decisão que transcende a

¹⁹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o símbolo apostólico*, p. 260.

²⁰ Rudolf Karl Bultmann (Wiefelstede, 20 de agosto de 1884 — Marburg, 30 de julho de 1976) foi um teólogo alemão. Em 1912 começou a trabalhar como docente na área de Bíblia - Novo Testamento em Marburg; em 1916, tornou-se professor em Breslau; em 1920 foi para Giessen e, em 1921, transferiu-se para Marburg, onde viveu e trabalhou até o final de sua vida. Ocupou-se com muitos temas da teologia, filologia e arqueologia. Levantou questões importantes que dominaram a discussão teológica do século passado e são relevantes até hoje, como, por exemplo, o problema da demitologização.

temporalidade e origina uma escatologia que pode qualificar-se como atemporal e supratemporal.

O autor Juan Luiz Ruiz de La Peña destaca neste capítulo a exposição de Kümmel²¹ onde Jesus assumirá as representações apocalípticas dos judeus para os tempos finais: tribulações, aparecimento do Senhor, juízo, ressurreição e nova criação. Por todos estes acontecimentos o Reino de Deus é meramente futuro. Jesus inicia sua atividade com um anúncio alarmante: o Reino de Deus está próximo (Mt 4, 17). Esta proximidade do Reino de Deus é a mensagem principal e a razão do seu ministério público, Jesus quer preparar o povo para a chegada do Reino.

Neste sentido a primeira missão dos discípulos é correr de um povo ao outro com o anúncio de que “o Reino dos céus está próximo” (Mt 10, 7), também que no momento presente está próxima a grande tribulação (Mt 10, 16). O reino dos céus está próximo, tanto que os apóstolos não terminarão de recorrer as cidades de Israel antes que volte o Filho do Homem (Mt 10, 23).

Porém, os discípulos percorrem todos os povoados e Cristo acabou não vindo pela segunda vez. Esta crise é resolvida com a ressurreição de Jesus Cristo, antecipada milagrosamente pela transfiguração de Jesus. Este é o acontecimento principal que explica toda a vida de sofrimento, morte e ressurreição de Jesus e a resposta para a hermenêutica do Reino de Deus nesta terra. A morte e a ressurreição de Cristo são o começo do Reino de Deus e sua irrupção neste mundo:

Só quando Jesus ressuscitou se manifestou em Jesus sua qualidade de Messias apocalíptico e poderão os discípulos proclamá-lo como tal (Mc 9,9). Morte e ressurreição são, pois, para Jesus a condição prévia da irrupção do Reino.²²

Por isso se explica que as aparições de Jesus após a ressurreição, nenhuma é a definitiva ou a Parusia em si mesma. Não é a vinda final do filho do homem como destaca a passagem do livro de Ezequiel analisada anteriormente em que todos os mortos ressuscitarão a partir de ossos ressequidos. Os discípulos em vez de se sentarem

²¹ Werner Georg Kümmel nasceu em 1905, na cidade de Heidelberg, Alemanha. Com 23 anos concluiu o seu doutorado e aos 27 tornou-se professor em Zurique, Suíça. Depois da segunda Guerra Mundial voltou para a Alemanha e ensinou nas universidades de Mainz e de Marburg, onde substituiu o renomado teólogo Rudolf Bultmann. Faleceu em 1995 em Mainz aos 90 anos de idade. Kümmel é considerado um dos maiores especialistas do Novo Testamento, depois de Bultmann.

²² RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 107.

em tronos vão anunciar o Reino de Deus e dar testemunho do ressuscitado até que ele volte.

A ressurreição de Jesus se manifesta como o cumprimento das profecias messiânicas e que o tempo final começa a se manifestar na história. Assim, os contatos com o ressuscitado são suscetíveis de receber um sentido escatológico: Jesus foi consagrado Messias por sua morte e ressurreição.

Aos discípulos coube a missão de não ficar esperando o Reino de Deus acontecer de braços cruzados, ao contrário, eles colocaram-se em missão batizando e dando testemunho do Messias ressuscitado. A experiência com o Jesus ressuscitado é também uma experiência escatológica para os discípulos.

Paulo conserva uma esperança próxima na Parusia e aceita esta mesma teoria de que pela morte e ressurreição de Cristo ele é o Messias esperado: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, e que diz respeito ao seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo nosso Senhor, por quem recebemos a graça e a missão de pregar, para louvor do seu nome, a obediência da fé entre todas as nações...” (Rm 1, 1-5).

Com a vinda messiânica de Jesus Cristo se inaugura um novo mundo e com sua morte morre também o velho mundo, as potências seculares estão vencidas, a ressurreição começou e a Parusia está próxima. Em suma, o velho está desvanecido e o novo se manifesta. Também dentro de cada cristão ocorre a mutilação do velho e o novo urge acelerar o processo de transformação.

O Reino de Deus já está presente na vida, morte e ressurreição de Cristo. Para o cristianismo, com a ressurreição de Cristo ocorre a revelação definitiva de Deus:

Para o cristianismo, há um evento único e irrepitível em que Deus consuma definitivamente a revelação e a comunicação de si: é a vida, morte e ressurreição de Cristo. Aqui a história alcança o seu nível supremo, o que equivale a dizer que ela chega, desta maneira, a seu fim. Não no sentido de haja tocado um ponto terminal, senão que o desígnio divino se revela e é cumprido acabadamente.²³

Aqui destaca-se o papel principal da ressurreição e tema central desta dissertação, ela é para todo e qualquer cristão o evento único e que dá sentido para toda

²³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 111.

a existência humana porque é a maior comunicação que Deus faz de si para toda a humanidade. E não só para o cristianismo, toda a história encontra o seu fim porque a revelação encontra o seu ponto mais alto na ressurreição de Jesus Cristo.

A ressurreição é um acontecimento que transcende as esferas do tempo e do espaço, porém é uma revelação também temporal e que se manifesta na história da humanidade e na temporalidade. Por isso não é necessário chegar ao final da história para compreender o caráter absoluto da ressurreição para a vida de todo homem, este é um acontecimento de realidade absoluta e eterna para todos os seres. Toda a história é desvelada no acontecimento único que é Cristo, a sua vida e a sua Páscoa, é assim que Deus estabelece o seu Reino.

Juan Luis Ruiz de La Peña volta a destacar a visão de Bultmann sobre a escatologia e a ressurreição. Este autor, como já foi descrito e agora é lembrado, faz a pergunta de quando irá acontecer o Reino de Deus para a humanidade ?

Para este teólogo alemão, a essência da mensagem escatológica neotestamentária ultrapassa a índole de presente ou de futuro da salvação consumada, a qual se situa em uma decisão de fé do ser humano enquanto está presente numa existência histórica. No entendimento de Bultmann, Jesus centrou a sua pregação no conceito de Reino de Deus, entendido como regime que põe fim ao curso de uma história dominada pelo poder do mal.

Temos vários textos que exemplificam esta visão do Reino de Deus para Jesus, entre os quais a semente que cresce por si mesma (Mc 4, 26-29): “Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos.”

Esta visão de Reino de Deus ultrapassa a compreensão do ser humano e independe da ação humana em seu presente e futuro, ele não tem como compreender tudo o que ocorre ao seu redor, a única e melhor alternativa é acreditar na ressurreição e na irrupção deste Reino de Deus acontecendo aqui na terra.

Jesus se concebe como a última palavra que Deus dirige para a humanidade antes do fim, isto exige do ser humano uma decisão definitiva pela fé. Jesus é o cumprimento de toda a vontade de Deus para o mundo atual e a condição sem a qual não se pode entrar no Reino de Deus. Por isso, o Reino de Deus exige da humanidade

inteira uma decisão incondicional de seguimento pela fé na ressurreição do Filho de Deus, Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo retoma uma mentalidade original de Jesus com a sua tese da atualidade da salvação. Tanto o juízo de Deus como os eventos escatológicos se cumprem no presente pela decisão de fé da humanidade. O mais importante que a fé é um evento escatológico porque é portadora de salvação. Só pela fé o cristão pode dar a sua decisão por Deus, e só graças a fé que temos a participação da vida em Cristo, em sua morte e também na sua ressurreição: “Mas se morremos com Cristo, temos fé que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele. Porque, morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; vivendo, ele vive para Deus. Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado e vivos em Deus” (Rm 6, 8-11).

A teologia Paulina insiste muito neste peso salvífico da nossa decisão pela fé, a justificação ocorre na decisão pessoal de cada indivíduo em professar Jesus Cristo como Deus do Universo que deveria vir ao mundo para nos salvar. Isto para Paulo é muito mais importante do que o drama final da escatologia. Não é a história das nações do mundo que lhe interessa, muito mais importante para Paulo é a decisão de cada pessoa na fé e dentro da sua liberdade. Jesus é para Paulo o sucesso escatológico definitivo, a sua vinda para este mundo já cumpre as promessas esperadas, realiza o juízo e quem crê em Jesus no presente tem a vida eterna. Para São Paulo a fé já é uma existência escatológica.

A teologia do Evangelho de João também vai por este caminho, tanto o juízo, como a justificação, a ressurreição e a vida eterna provém da decisão de fé. É até mais abrangente, afirmando que toda a esperança apocalíptica dos cristãos que é aguardada para o futuro está dada em Cristo. Pela sua fé o cristianismo está mais além do tempo e da história compreendida como apenas um memorial do passado. Isto é, muito para além disso, vivemos uma existência histórica que, graças a fé, cada instante pode ser escatológico.

1.3.1 Presente e futuro na escatologia do Novo Testamento

O Novo Testamento é categórico em afirmar que o Reino de Deus se faz presente em Jesus Cristo, esta é a primeira e fundamental afirmação de todos os

Evangelhos. A enigmática figura de João Batista qualifica o momento histórico como o que precede a era escatológica. O termo “preparai o caminho do Senhor” propõe aos ouvintes um novo êxodo, o povo repetirá nos últimos dias o caminho pelo deserto até a terra prometida. João Batista não introduz o Reino de Deus, ele só prepara para a vinda do Reino em sua iminência através de Jesus Cristo: “Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti a fim de preparar o teu caminho; a voz que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas” (Mc 1,2-3).

Todos os evangelistas relacionam Jesus com a proximidade do Reino de Deus, porém, será que Jesus tinha consciência da pregação de João Batista de que o Reino de Deus está próximo? Os próprios discípulos de João Batista perguntam para Jesus: eras tu que devias vir ou devemos esperar por outro? (Mt 11,3)

Jesus cita como resposta várias passagens do profeta Isaías que descrevem o estado paradisíaco do *eschaton*. A atuação de Jesus nesta terra já é um testemunho de Jesus como o esperado, o que havia de vir porque os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. Estes são sinais visíveis de que o Reino de Deus está já presente neste mundo através do Filho de Deus, Jesus Cristo. São estes milagres que dão sinais de que Jesus era aquele de deveria vir a este mundo, sua atuação não é apenas um presságio, mas o cumprimento das promessas.

Para a instalação do Reino de Deus a teologia judaica trazia como certa a derrota de satanás. Por isso que Jesus deu autenticidade na sua missão através do confronto com as forças do mal e cumpre de forma definitiva esta derrota das forças do mal. Jesus afirma que viu Satanás caindo do céu como um raio, sua derrota é um ato da chegada de Jesus e do Reino de Deus (Lc 10, 18).

Outro grande sinal escatológico da presença do Reino de Deus já acontecendo é em relação aos milagres feitos e curas milagrosas:

Aos milagres poderíamos denominá-los como o Reino de Deus em ação. Igualmente se tem chamado a atenção sobre um ato indiscutível e raramente discutido: Jesus requer para si o poder de perdoar os pecados. Não se limita a transmitir a notícia do perdão divino dos pecados; os perdoa ele mesmo. O escândalo dos judeus é compreensível, pois só Deus pode fazer isto (Mc 2, 5-7).²⁴

²⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 122.

Se Jesus teve esta audácia de até perdoar os pecados, então é sinal de que o Reino de Deus não é só para o futuro, mas está acontecendo já aqui no presente da humanidade, a escatologia está ocorrendo no presente da humanidade. Isto é muito importante notar, o perdão dos pecados era algo que só Deus poderia fazer. Jesus Cristo perdoa os pecados de todos, logo ele é o próprio Deus que deveria vir a este mundo, o salvador da humanidade e o Reino de Deus se faz presente pelas ações de Jesus neste mundo. Não só nos seus milagres, também em suas pregações, atos e principalmente no perdão dos pecados para as pessoas, vencendo ao mal e a satanás.

A comparação entre João Batista e Jesus marca a diferença que havia entre o precursor e o Salvador. Enquanto João Batista anunciava a vinda iminente do Reino de Deus, Jesus manifestava o cumprimento das promessas. A atuação de Jesus se move em direção aos oráculos messiânicos já realizados, Deus entrou na história e o poder do demônio cambaleia, enquanto que o pecado e doença que são símbolos do seu poder retrocedem pela ação salvadora de Jesus.

Uma outra escola teológica representada por Oscar Cullmann²⁵ descreve que o Reino de Deus se consumará no futuro. A pessoa e a obra de Cristo fazem presente um Reino que é o cumprimento das promessas, porém não está consumado. A consumação do cumprimento das promessas será num futuro que há de vir. A designação de século futuro quer dizer a eternidade extramundana, sua duração traz fim a existência mundana do ser humano e é o fim da história.

Nesta visão o passado está esperando a sua consumação. Isto é bem descrito na Parábola do joio e do trigo (Mt 13, 36-43), Jesus havia proposto esta parábola para descrever a situação do próprio Reino de Deus, onde o Salvador estava entre a humanidade e a vitória sobre o mal não foi de forma definitiva, ao contrário, no final dos tempos como diz a Parábola, o Filho do Homem enviará os seus anjos e esses queimarão o joio (símbolo do mal) no fogo. Isto é uma clara alusão de que o Reino de Deus está presente no mundo com a vinda de Cristo, mas encontrará a sua escatologia numa dimensão de futuro.

Em resumo, o caráter futuro do Reino de Deus é descrito através de muitas parábolas. Citada aqui na Parábola do joio e do trigo, se defendermos a escatologia já realizada podemos afirmar que boa parte dos conteúdos dos textos sinóticos poderiam

²⁵ Oscar Cullmann (Strasbourg, 1902 – Chamonix, 1999), professor de Novo Testamento e história da Igreja primitiva na Basileia, Suíça, e observador oficial do Concílio Vaticano II (1962-1965).

ser caracterizados como pouco convincentes. Não há dúvidas de que Jesus falou num século futuro que consumará o século presente. Em vista desta consumação, somos ensinados a orar pela vinda do Reino e estar preparados para receber o Filho do Homem, título com que se desvela a sua autoconsciência de consumidor escatológico do mesmo Reino que ele inaugura em sua atividade salvadora.

No Novo Testamento não precisamos ver a tensão entre presente e futuro de modo antagônico, eles podem ser uma doutrina escatológica coerente. Nas pregações de Jesus temos a justaposição de Jesus dos dois momentos, presente e futuro. Esta simultaneidade do Reino de Deus já acontecendo neste mundo já é destacado na passagem da parábola do crescimento, em que a semente germina por si só: “Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz o fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos. Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou” (Mc 4, 26-29). O Reino de Deus tem a sua implicação no presente com o semear da semente, mas sua eficiência e futuro dependem da ação do próprio Deus muito mais do que a ação do ser humano.

O Reino de Deus tem a sua implantação no mundo atual, porém a sua plenitude só é alcançada numa dimensão de futuro. A certeza do triunfo final do Reino se revela no presente de uma decisão atual, mas a consequência de tal decisão se manifestará só no futuro porque não vemos os frutos definitivos do Reino neste mundo. O mal ainda está presente, as pessoas adoecem e morrem, e o pecado continua presente na humanidade.

Esta tensão entre o já e o ainda não²⁶ pede uma decisão agora na vida de todos. A doutrina de Jesus pede uma decisão que só é possível graças a ação de Deus no ser humano e com a presença operante do Reino de Deus. Para o apóstolo Paulo esta decisão só é coerente quando o cristão se volta para os acontecimentos pascais. É na morte e principalmente na Ressurreição de Cristo que é formado o núcleo dos seus escritos e da sua pregação. Em Jesus Cristo começa um agora que é o começo de uma nova criação, agora é o tempo favorável e se manifesta a justiça de Deus, de modo que tudo o que é velho passou e tudo é novo (2 Cor 15, 44).

²⁶ Esta tensão entre o Reino de Deus já presente no meio da humanidade, porém a sua plenitude não acontece de forma definitiva nesta terra, elas se implicam e pedem uma decisão pessoal do ser humano no momento atual de suas vidas.

E Paulo vai muito além, afirmando que o batismo nos assimila à morte de Cristo para o velho ser humano e nos faz participantes da sua ressurreição. Este é o tema central deste capítulo, onde Jesus inaugura um novo modo de ser e que nos faz participantes da sua ressurreição e conseqüentemente da salvação: “Ou não sabeis que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, é na sua morte que fomos batizados? Portanto pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória de Deus Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm 6, 3-4).

A ressurreição tem uma importância fundamental neste contexto para toda a humanidade porque se Cristo ressuscitou, isto é fundamento da nossa fé, também ressuscitaremos com Jesus através do nosso batismo e filiação divina através de Jesus:

O mesmo Cristo ressuscitado é o primeiro dos que dormem (1 Cor 15, 20-23); sua ressurreição abre o processo escatológico das ressurreições, porém não os esgota: durante a existência terrestre todavia “gememos... desejando ser revestidos” do corpo ressuscitado (2 Cor 5, 2-3)²⁷

Nesta citação vemos a importância que o autor Juan Luiz Ruiz de La Peña dá para a ressurreição. Ela não é algo acessório para o cristão, mas fundamento de todo o Reino de Deus, da escatologia e da esperança de todo o povo de Deus. Jesus é o primeiro de todos os homens a ressuscitar e nossa fé se baseia na ressurreição dele para determinarmos que também ressuscitaremos, ainda que passando por dificuldades ou gemidos como destaca o texto de Coríntios.

A escatologia é estudada por Ruiz de La Peña como: “a escatologia paulina é como a de Jesus, histórica-salvífica: a idade presente é escatológica não só porque oferece uma nova forma de existência (o ser em Cristo), senão sobretudo porque Deus começou uma nova criação, que se consumará na Parusia.”²⁸ O mais importante para Paulo nesta passagem é o ser com Cristo, ele que nos transforma para um nova forma de existência que é a ressurreição em Jesus.

O Evangelho de João também se destaca neste caminho quando afirma que a Parusia é um lugar da manifestação gloriosa de Cristo ressuscitado. E o juízo da humanidade se realiza agora na existência humana na aceitação ou na rejeição deste

²⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 137.

²⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 138.

mesmo Jesus Cristo e na sua Palavra. Quem não crê em Jesus já está julgado (Jo 3, 18-19) e quem escuta a Palavra e crê não incorre em juízo (Jo 5, 24).

Mesmo o evangelista João tendo destacado o Já sobre o ainda não, isto não quer dizer que ele tenha excluído o ainda não da sua teologia e também de seus escritos. O centro unificador do já e do ainda não ocorre sempre na pessoa de Jesus Cristo, é ele que faz a união dos dois polos. João destaca que em Jesus Cristo ressuscitado se fazem todas as ações da salvação divina, desta forma a escatologia do Novo Testamento é em última análise uma cristologia. Jesus Cristo é o marco do Novo Testamento, porque Cristo veio, a escatologia do Novo Testamento é manifestada no presente; porque Cristo há de vir é também futurista. O futuro recebe a sua confirmação do presente e o presente alcança a sua profundidade no futuro.

1.4 CRISTO RESSUSCITOU COM O SEU PRÓPRIO CORPO, NELE TODOS RESSUSCITARÃO

O texto mais antigo do Novo Testamento sobre a ressurreição é o da primeira epístola aos Tessalonicenses. Nesta Epístola, Paulo afirma no capítulo 4, versículo 13-17, a participação dos mortos no Reino de Deus. Paulo afirma no versículo 14: “Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também os que morreram em Jesus. Deus há de levá-los em sua companhia” (1Ts 4,14), especialmente aos que morreram em Jesus, que Deus da mesma maneira que ressuscitou a Jesus, também irá ressuscitar os que morreram e os levará consigo. Não terá privilégio quem estará ainda vivo quando Deus chegar, todos serão chamados para a vida eterna ou ressurreição na pessoa do seu Filho Jesus Cristo.

Porém, o ponto de partida é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Há umnexo entre a ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição. Paulo afirma isso para a comunidade de Tessalônica não perder as esperanças. Esta comunidade achava que a vinda definitiva de Cristo estava perto, entre eles até Paulo. Porém, o tempo foi passando e muitos que acreditavam em Cristo estavam morrendo. Por isso esse trecho afirma que não há vantagem para os que morreram antes ou depois, dado que todos serão acolhidos por Deus na ressurreição de Jesus Cristo.

Na teologia paulina o texto central é da Primeira Epístola aos Coríntios, no capítulo 15. Neste capítulo é analisado o fato da ressurreição e o modo da ressurreição. Este texto explica as dificuldades doutrinárias daquela comunidade sobre a ressurreição.

A comunidade de Corinto estava embarcando num desprezo dualista pela corporeidade, rechaçando a concepção corporal da ressurreição. Seu erro consistia na negação pura e simples do conceito de ressurreição. Eles diziam que não há ressurreição dos mortos. Por isso Ruiz de La Peña afirma que:

A tese que Paulo combate seria, pois, a de uma imortalidade da alma, quer dizer, a crença em uma consumação desencarnada como forma definitiva de uma existência ultraterrestre; contra esta tese, o apóstolo insinua no v. 29 uma alternativa: ou existe ressurreição ou não há salvação.²⁹

De acordo com o pensamento de Juan Luis Ruiz de La Peña o apóstolo é claro, ou seja, a negação da ressurreição corporal vai contra os preceitos da fé cristã e acaba com as esperanças da salvação. A salvação dessa maneira deve ser encarnada e histórica, realizada na pessoa do Verbo encarnado Jesus Cristo.

A afirmação oposta não só é um erro teológico como também um erro antropológico. Negar a ressurreição do corpo é valorizar demais o que é espiritual e negar o valor do somático e da corporeidade. Por isso a única resposta satisfatória para a morte é a ressurreição de Cristo, e não a imortalidade só do espírito.

A partir do v. 35 Paulo trata do modo da ressurreição. O corpo realmente é perecível e isso faz parte da essência humana. É interessante a analogia que Paulo faz com a semente, pois esta também para transformar-se em planta tem que morrer. Mas a morte não é o destino final, pois desta corrupção da semente surge uma nova planta, uma nova vida: “Mas, dirá alguém, como ressuscitam os mortos? Com que corpo voltam? Insensato! O que semeias, não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias, não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão de trigo ou de qualquer espécie. A seguir Deus lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio” (*I Cor 15, 35-38*).

Conforme essa passagem, Renold Blank destaca a importância de acreditar na ressurreição do ser humano inteiro, de corpo e alma:

Uma transformação do homem inteiro, rumo a uma nova forma de existir. Esta transformação acontece na morte, ressuscita o homem inteiro, em todas as suas dimensões. Assim Paulo compreende a nossa ressurreição, e assim nós também a compreendemos.³⁰

Porém, a morte continua sendo um limite pelos quais todos temos que passar. Porém, ela não é o fim porque Deus tem o poder de dar vida para o ser humano em sua

²⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*. p. 197.

³⁰ BLANK, Renold J. *Qual é o nosso destino final?* p. 30.

totalidade, não só a alma e nem a este corpo, mas a um corpo glorificado e que não tem os limites de tempo e espaço que são próprios deste nosso mundo.

Quando Paulo fala do corpo ressuscitado não está pensando na reanimação de um cadáver, dos elementos que compõe este corpo, mas do mesmo eu nas formas de existência terrestre e celeste. Esse é o aspecto somático, este ser corruptível e mortal se revestirá de incorruptibilidade e imortalidade. Não é a liberação do aspecto somático, mas sua liberação e transformação, nisto consiste a esperança cristã.

Com este anúncio da ressurreição Paulo quer motivar aquela comunidade de Corinto. É um estímulo e uma orientação para a sua existência temporal, não é para ficar só esperando o dia da vinda gloriosa do Senhor, mas trabalhar aqui na existência e estar com a firme esperança de que Deus vai transformar nossa vida na ressurreição.

Nos Evangelhos não é descrita a ressurreição, pois ninguém viu como foi. O que os apóstolos e Maria Madalena viram foi Jesus ressuscitado, porém o acontecimento da ressurreição foi um milagre que ficou entre o Pai e Jesus. O que os Evangelhos destacam é o sepulcro vazio.

Não se pode pensar o sepulcro vazio como prova da ressurreição, e também não foi nesse sentido que foi escrito:

A sepultura vazia apenas nos foi transmitida como sinal exterior da “ressurreição de Jesus”. Ela própria deve interpretar as mencionadas experiências com as aparições de Cristo. No entanto, pode-se supor que já muito cedo se instalou um culto cristão junto à sepultura de Jesus.³¹

Nesta passagem o sepulcro vazio é um sinal exterior. O sinal interior das aparições é a própria visão de Cristo que os apóstolos experimentaram. Esses fenômenos visionários tiveram como pressuposto a fuga dos discípulos para a Galiléia. Podemos pensar então numa dispersão dos discípulos, por causa do medo.

Também fica claro que a ressurreição de Cristo não é mera reanimação, ou volta à antiga forma de vida. No Novo Testamento Cristo apareceu diversas vezes após a ressurreição de forma gloriosa. Até os discípulos não o reconheceram da primeira vez que o viram. Nem os discípulos de Emaús o reconheceram de primeira, foi necessário que o próprio Cristo se manifestasse.

O caso dos discípulos de Emaús (*Lc* 24, 13-35), demonstra o espírito da comunidade. Os discípulos estavam com medo de tudo o que tinha acontecido a Jesus.

³¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Cristo Jesus: cristologia em dimensões messiânicas*. p. 299.

São convidados novamente a reler as Escrituras e a partir o pão em comunidade para que Cristo se manifeste. “E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles (*Lc 24, 30-31*).

Mais ainda se opõe a circunstância de ele se conservar irreconhecível ao olhar comum. Não é possível identificá-lo como durante sua vida terrena. Ele se descobre exclusivamente na esfera da fé, mediante a explicação da Escritura incendeia o coração dos dois viandantes, e à fração do pão abre-lhes os olhos. Temos aí a indicação dos dois elementos fundamentais da antiga liturgia cristã à qual é integrada de liturgia da palavra (leitura e interpretação da Escritura) e liturgia da fração do pão eucarístico. Assim o evangelista faz ver que o encontro com o Ressuscitado se situa em um plano totalmente novo; tenta descrever o indescritível, mediante o código dos acontecimentos litúrgicos.³²

Os discípulos abandonaram seu discipulado, mas foram trazidos de volta inesperadamente pelas experiências visionárias. Crer na ressurreição de Cristo significa ser tomado pela experiência do Cristo vivo. Jesus morreu, mas agora está vivo e devemos ser tomados pelo mesmo espírito que conduziu os apóstolos a propagar a mensagem de Cristo, e se preciso até a dar a vida.

É importante destacar que Cristo realmente ressuscitou e é o primeiro dentre todos os irmãos que ressuscitarão. Isso é tão forte e tão importante para nós, que Paulo chega a afirmar que se Cristo não ressuscitou, nós cristãos somos os mais desgraçados da terra. Porque tudo o que nós fazemos e somos aqui não teria sentido, seria uma farsa.

Paulo chega até a afirmar, com razão, que *vã é a nossa fé*. Naquele tempo a cruz era um castigo para a pessoa, esse era tido como um desgraçado. O fato de a religião cristã continuar, e os apóstolos quererem dar sua vida por Cristo, demonstra que algo de muito extraordinário aconteceu. Esse algo extraordinário e histórico podemos chamar de ressurreição.

Crer na ressurreição de Cristo e na nossa ressurreição torna-se então não só um dogma, que nós acreditamos, mas vai muito além. Torna-se um fato histórico e presente em cada vida humana. Todos nós participamos desse ato criativo de Deus, tendo seu Filho Jesus Cristo como primogênito dos que morreram e ressuscitaram.

Deus tem esse poder criador sobre o mundo, mais que isso, esse poder vivificador de salvar da morte. A morte faz parte da limitação humana. Porém, não

³² RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o símbolo apostólico*. p. 260.

podemos ficar só esperando a ressurreição, temos que fazer como Cristo, isto é, trabalhar para um mundo mais humano e mais justo para todos. Não é só ficar esperando o dia da morte, mas trabalhar para que esta realidade seja transformada pelo poder de Deus, através das nossas pessoas. Por isso:

Crer na ressurreição não se resume em consentir com um dogma e em tomar conhecimento de um fato histórico, mas significa participar deste ato criativo de Deus. Essa fé é o começo da liberdade. Se Deus se revela no Cristo crucificado em sua fraqueza, então Deus não é a essência do poder, como o representa o César Romano, e também não é a essência das leis, como a reflete o cosmo grego. Deus é então o poder vivificador que enriquece os pobres, exalta os humildes e ressuscita os mortos. A própria fé na ressurreição é um poder vivo que ergue as pessoas e que, em vista do futuro da vida, as liberta das ilusões do poder e do ter. O anúncio da ressurreição de Cristo é um enunciado que faz sentido no horizonte da história da libertação dos homens e da criatura sofredora dos poderes da destruição e da morte por ela inaugurada.³³

Nessa citação todos participam desse ato criativo de Deus, que é a ressurreição em Jesus Cristo. Porém, não é uma ressurreição baseada no poder e nas leis deste mundo. Como em Jesus, Deus se manifesta na fraqueza, para mostrar seu grande dom do amor para a humanidade. Deus tem esse poder de vivificar os seres humanos e a humanidade através do seu grande amor. Esse amor que liberta as pessoas de toda opressão do poder e do ter, e porque não dizer, até da morte eterna. Essa é a verdadeira libertação do homem, encontrada só na pessoa de Cristo, que viveu nesta terra, mas que nos levou a participar da sua divindade pela sua ressurreição.

Esse também pode ser chamado de núcleo da ressurreição, ou seja, há um paralelo entre a ressurreição de Cristo e a nossa. Esse cristocentrismo é a compreensão paulina da ressurreição. No corpo de Cristo quem ressuscita alcança sua plenitude. Nossos corpos são membros daquele corpo de Cristo, e se são membros não podem estar separados. Nossa salvação não pode ser vista de forma individual, mas somente no Corpo de Cristo. Esse corpo não pode ser individualizado, pois cada parte tem sua função importante. Cristo é a cabeça desse corpo, a parte mais importante. Mas todos têm sua função e importância dentro deste corpo.

Por isso seremos salvos por acreditar na ressurreição de Cristo e participar desta ressurreição. Conforme Paulo: “Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um

³³ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Cristo Jesus: cristologia em dimensões messiânicas*, p. 324.

só corpo. Assim também acontece com Cristo. Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria” (*1Cor 12, 12.26*).

Essa participação do ser humano na ressurreição é desenvolvida por outros autores, como Joseph Ratzinger, que afirma:

Dado que o homem por si mesmo não dispõe de meios para subsistir, afirmamos que sua sobrevivência somente poderá originar-se através de sua continuação em sua vida, em um outro. E dissemos a respeito deste outro que somente o amor que admite o amado em seu íntimo estaria em condições de possibilitar essa existência em um outro. Ao meu ver, os dois aspectos complementares espelham-se nas duas formas de apresentar a ressurreição do Senhor no Novo Testamento: Jesus ressurgiu e Deus Pai ressuscitou a Jesus. As duas fórmulas coincidem no fato de o amor total de Jesus aos homens, amor que o levou à cruz, se completar na sua total transferência para o Pai, tornando-se assim mais forte do que a morte, por ser, ao mesmo tempo, totalmente sustentado por Ele.³⁴

Esse texto traz para todos nós o dado de que o ser humano não possui por si só os meios para ressuscitar. Demonstra sua dependência e sobrevivência só em Deus. Este mesmo Deus que ressuscitou Jesus por amor pode fazer o mesmo para com as nossas vidas. Jesus nos dá a vida porque o amor contém em si a chama da imortalidade. Esse amor de Cristo foi total, sem reservas, levado até às últimas consequências.

Esse amor é até mais forte do que a morte e o tempo, limites da vida humana. O amor fundamenta a imortalidade de Cristo e também a nossa imortalidade na ressurreição do Verbo encarnado. E esse amor de Cristo é um amor por toda a humanidade, este amor vai para além dos limites da Palestina do tempo de Cristo e chega até nós hoje.

Se o amor é mais forte do que a morte, deve-se ao fato de que é um amor pelos outros. Cristo morreu por todos nós, deu sua vida para nos salvar. Por isso nosso amor isolado não basta para nos salvar, ao contrário, acaba em morte. Por isso que o amor de Cristo e o poder que tem Deus Pai de dar a vida são bases para a nossa ressurreição.

Cristo, quando ressuscitou, não voltou para esta vida terrestre. Ele ressurgiu para a vida definitiva, vida que não se subordina mais aos limites da nossa vida mortal. Nossa vida terrena é marcada por leis químicas, físicas e biológicas. A morte é uma certeza, mas como Cristo ressuscitou e superou estes limites, assim quando

³⁴ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o símbolo apostólico*. p. 257.

participamos do amor de Cristo ressuscitamos também com ele, superando os mesmos limites que ele venceu.

1.4.1 Cristo, imagem de Deus e o Cristianismo, imagem de Cristo

O apóstolo Paulo possui uma visão cristocêntrica³⁵ de Jesus como a melhor imagem que a humanidade pode ter de Deus: “Porém em qualquer caso a contribuição do apóstolo ao tema se localiza na reviravolta cristocêntrica que ele imprime.”³⁶

Adão e Eva definem para a humanidade no Antigo Testamento a ideia de ser humano e mulher feitos à imagem e semelhança de Deus. Porém, esta imagem foi deformada pelo pecado e expulsão do paraíso criado por Deus para Adão e Eva. Era preciso a imagem de um novo Adão para o mundo, um ser humano em que a imagem de Deus se refletisse com toda a autenticidade. Essa imagem de ser humano autenticamente imagem de Deus acontece em Jesus Cristo.

A palavra imagem não quer dizer para nós uma simples cópia, vai muito além, é como uma reprodução que irradia o esplendor de Deus Pai. Este esplendor é muito perceptível para quem o contempla, não pode haver imagem mais perfeita do Pai do que em Jesus, seu Filho:

Cristo ressuscitado leva impressa a marca da majestade e santidade divinas, quer dizer, “da glória de Deus que está na face de Cristo” (2 Cor 4, 6). Com outras palavras, o Senhor é a manifestação fidedigna e inequívoca da divindade.³⁷

A melhor imagem que podemos ter de Deus só pode vir de Jesus, ele leva a imagem de Deus manifestado em sua majestade e santidade. Olhando e contemplando a imagem de Cristo vemos o próprio Deus em toda a sua glória. Não temos outra manifestação de divindade maior ou mais fidedigna do que Jesus, ele é o que nos dá o acesso para a manifestação de Deus em nossas vidas. Esse Deus não pode ser visto com os olhos humanos a não ser quando olhamos para seu filho Jesus Cristo. Esta imagem de Jesus nos revela em exata reprodução o original que é o próprio Deus.

Se o primeiro homem e a primeira mulher chamados Adão e Eva eram imagem de Deus, gestor da criação, Cristo é a imagem arquetípica de forma acabada para toda a

³⁵ Esta caracterização do Novo Testamento do homem como imagem de Deus é muito conhecida por Paulo, que conhece o homem como imagem e semelhança de Deus.

³⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 78.

³⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 79.

humanidade. Por isso que Jesus Cristo é o primogênito de toda a criação, recapitulando toda ela e dando consistência para todos os seres criados. “Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis; Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. É a cabeça da Igreja, que é o seu Corpo. É o Princípio, o primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia, pois nele aprovou a Deus fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da terra e os do céu, realizando a paz pelo sangue de sua cruz” (Cl 1, 15-20).

Nestes poucos versículos temos que Cristo é a imagem de Deus que dá sentido para toda a criação, tudo foi criado pensando no Filho Unigênito de Deus, tudo o que é visível e também invisível. Jesus é a cabeça da Igreja e nós os seus membros, por isso o Cristianismo é a imagem de Cristo como bem afirma o subtítulo desta secção. Em tudo ele tem a primazia e nós somos importantes na medida em que nos enquadrámos em sua salvação pelo sangue derramado na cruz e pela sua ressurreição, por isso é importante citar Juan Luis Ruiz de La Peña:

A partir daqui, o destino do ser humano não é ser tanto imagem de Deus, senão mais a imagem de Cristo. Ou melhor, o único modo como o ser humano pode chegar a ser imagem de Deus é reproduzindo em si mesmo a imagem de Cristo, que é a imagem de Deus.³⁸

Este carácter processual da participação da imagem e da glória do Senhor se orienta sempre mais ao término escatológico, em que a humanidade se configura a Cristo pela ressurreição. Pela ressurreição nós seremos configurados a Jesus e ele vai transformar este miserável corpo em um corpo glorioso como o seu. “Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos ansiosamente como Salvador e Senhor Jesus Cristo, que transfigurará nosso corpo humilhado, conformando-o ao seu corpo glorioso, pela força que lhe dá poder de submeter a si todas as coisas” (Fl 3, 20-21).

Esta imagem de Deus para com a humanidade não é algo estático, ao contrário, é uma realidade dinâmica na medida em que podemos ter uma relação interpessoal do Cristão com o próprio Jesus Cristo.

O que Paulo descreve em sua teologia é que o ser humano, como imagem de Cristo, deve dar testemunho da promessa do Novo Testamento que encontra seu cumprimento em Jesus. Ser imagem de Deus é ser pura e simplesmente ser humano em

³⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 79.

Jesus Cristo. Deus se reconhece a si mesmo em Cristo, seu ícone fiel, ele reencontra em nós a sua imagem na medida em que vamos reproduzindo a imagem de Cristo: de um Deus que veio para servir, entregar a sua vida e amar sem medida a humanidade. A glória de Deus vem da nossa participação na glória de Cristo. “E nós todos que, com a face descoberta, contemplamos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito” (2 Cor 3, 18).

A doutrina Paulina resume-se nesta ideia:

Cristo, imagem de Deus; a humanidade, imagem de Cristo; logo a humanidade é imagem de Deus. A imagem não pode ser mera transcrição da original; tem que ser uma participação real do imaginado, porque só assim será verdadeira imagem, reprodução fidedigna, similar; será pois, imagem de Deus ele que é “na forma de Deus.”³⁹

A existência humana se realiza conforme se orienta para o seu destino e seu sentido fundamental que é Deus. Esse Deus se revela em Jesus Cristo, seu Filho. A humanidade se realiza quando encontra a Jesus Cristo, ela não poderá ser feliz à margem de Jesus. Paulo pensa que não pode haver vida humana cabal fora de Jesus, uma vez que quando nos conformamos com Ele seremos imagem e semelhança de Deus.

Em suma, em Cristo temos uma nova criação. Se em Adão a criatura foi expulsa do paraíso, em Cristo fomos reintroduzidos novamente no Reino de Deus, temos uma vida nova através da ressurreição de Jesus. O apóstolo Paulo define a vida em Cristo como uma fonte perene de alegria: “irmãos, alegrai-vos no Senhor...Estai sempre alegres no Senhor; repito, estai sempre alegres” (Fl 3,1). Esta alegria não provém do nada, ao contrário, vem de nós sermos criados para sermos imagens de Deus através de Jesus Cristo.

³⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 80.

2 O SENTIDO ANTROPOLÓGICO DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO JUAN LUIZ RUIZ DE LA PEÑA

A compreensão do sentido antropológico da ressurreição passou por inúmeras mudanças, principalmente a partir do século XX, mais precisamente nos anos 70. Rejeitou-se nessa época a confusão com o dualismo da visão humana, segundo a qual o ser humano seria constituído de duas partes separadas e justapostas: corpo e alma. Essa visão, sustentada na atualidade pelos que acreditam na reencarnação, defende que o espírito é imortal, enquanto que o corpo é dissolvido na reencarnação.

Essa é uma visão muito antiga para a humanidade, mas que entra em contradição como nossa maneira cristã de entender a ressurreição. Nesta secção segunda, estudaremos qual é o modelo mais aceito na Igreja e os motivos teológicos desse modelo.

Porém, não é uma questão fácil, porque por gerações foi passado que só a alma era imortal e se separava do corpo. Só a alma entrava na nova dimensão chamada eternidade, antes passava pelo juízo particular. O corpo ficava aguardando o juízo final, que Deus faria no final dos tempos, só aí aconteceria a ressurreição do corpo.

É um resultado de dois julgamentos para o ser humano, se passasse por esses dois julgamentos entraria numa situação de felicidade total no céu, ou no tormento eterno chamado inferno. Isso foi passado para nós através de séculos e séculos de catequese e pregações. Gerava um grande medo diante da morte e do juízo divino, Deus era mais um juiz implacável que um Deus Pai e que deu a vida de seu Filho Jesus Cristo por amor à toda a humanidade.

Para entender melhor o porquê dessa separação, veremos as principais diferenças dos termos bíblicos “*basar*”, “*nefesh*”, “*ruach*” e “*leb*”. Muito se acreditou que essa diferença entre corpo e alma era bíblica, o que é desmentido na atualidade:

Ela se fixou de tal maneira, que muitos cristãos estão convencidos de que estamos diante de um fato de revelação divina. Pensam que a base do modelo antropológico dualista seria a própria Bíblia. Contra tal idéia é importante lembrar que o modelo antropológico dualista tem suas raízes numa cultura alheia à da Bíblia. Ele entrou no cristianismo não por ser revelação divina, mas por razões culturais e ideológicas, ligadas a todo um processo de aculturação do cristianismo dos primeiros séculos.⁴⁰

⁴⁰ BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 78.

A Bíblia apresenta um modelo não-dualista do ser humano. Contra o modelo helênico-dualista sempre existiu um outro modelo, que é o modelo bíblico. Nesse modelo mantinha-se sempre a convicção de que o ser humano apresenta um modelo unitário, o ser humano é uma unidade que não pode ser dividida em dois princípios diferentes, um contrapondo-se ao outro.

Porém, devemos ter prudência ao utilizar a Bíblia, este não é um livro de antropologia, ou um livro de conhecimentos geográficos, físicos ou históricos. Ela tem a sua importância fundamental, como fonte divina revelada para a humanidade, também para a antropologia. Mas não deve ser lida de maneira fundamentalista.

Também é preciso distinguir entre dualismo e dualidade. O dualismo é contrário à fé, porque separa os dois princípios alma e corpo. O espiritismo se baseia nesse dualismo. Existe dualismo quando dividimos 50% alma e 50% corpo, quando privilegia uma só das duas partes, dizendo que a outra é inferior. A dualidade não é contrária à fé, tudo está concentrado na maneira de ver essa relação e a união entre corpo e alma.

O mais exato para destacar essa união é chamá-la de união substancial. Ou seja, corpo e alma são realmente distintos, um se refere à esfera espiritual e o outro à esfera material. Porém, são profundamente unidos porque dão origem a um novo ser, sendo que não tenho como separar as ações do ser humano como sendo só corporais ou só espirituais.

Todas as ações do ser humano são ações tanto da alma como do corpo, mesmo na oração, pois não posso realizar o que é próprio da oração sem a ação conjunta do corpo e do espírito. Não há identidade entre corpo e alma. Para os cristãos o princípio material e espiritual estão unidos estruturalmente no ser humano, sem divisões.

Nesse contexto é importante deter-se no argumento de Moltmann, sobre a unidade do corpo e da alma em uma pessoa humana:

No espírito da “ressurreição da carne” abre-se o horizonte do divino sobre alma e corpo. O corpo não é menos que a alma, não lhe é subordinado, mas tem a mesma dignidade. A imagem segundo a qual Deus criou os homens tem em mente toda sua existência corporal, pois os criou “homem e mulher”. A figura da ressurreição, na qual são redimidos, abrange toda a sua existência corporal. Nem na criação nem na redenção dos homens existe o primado da alma e uma inferioridade do corpo. Isso, porém, significa que no espírito da ressurreição, alma e corpo reencontram sua integridade já antes da morte e que suas cisões bióforas e seus conflitos sequiosos da morte podem ser anulados e curados. Sendo abolidas as repressões do corpo, corpo

e alma passarão a penetrar-se novamente uma a outra e constituem a forma viva de uma pessoa.⁴¹

Toda essa perspectiva fundamenta-se numa união que fazem uma identidade do corpo e da alma no ser humano. A alma não é mais do que o corpo, como era comum pensar na Tradição cristã. Os dois estão profundamente unidos e dependem um do outro, sem sobreposição.

A união da alma com o corpo permite a mediação com os outros seres e com o mundo que está a minha volta. Se eu sinto fraqueza e limitação, não é o corpo que enfraquece o espírito, mas é o espírito que vive a sua manifestação de fraqueza num corpo. Os dois se influenciam mutuamente, por isso o ser humano é uma síntese do universo, um microcosmo que torna nossa existência histórica e temporal, mas ao mesmo tempo orientada para a eternidade da ressurreição do corpo e da alma.

Dentro da antropologia, há a parte que estuda a Bíblia. Chama-se antropologia bíblica, nesta o ser humano é visto como corpo animado, ou seja, não como composto de espírito e alma e nem como espírito encarnado. Nesse conjunto de funções biológicas e capacidade psíquico-espiritual, são quatro os termos mais importantes: *nefesh*, *basar*, *ruach* e *leb*.

O termo “*nefesh*” significa “o ser humano enquanto busca alguma coisa como ser vivente.”⁴² É relacionado frequentemente com a garganta e o pescoço, à ameaça de vida. Geralmente mencionado com referência às necessidades básicas da vida, como: fome, sede e alento. Por isso todos os desejos, apetites, anseios estão relacionados com esse termo bíblico, bem como com a vida do ser humano que é necessitado.

Outro termo analisado pela antropologia bíblica é “*basar*”: “o ser humano enquanto vive em parentesco e solidariedade. Como carne, o ser humano é solidário com os outros.”⁴³ diz-se dos animais e nunca para Deus. É o termo que quer dizer carne que podem ser os músculos ou o ser humano inteiro. Mas o significado principal é o ser humano fraco, com uma existência precária, cheia de misérias e incapacidades, destinado para morrer. Pode indicar o parentesco próximo. Tem conotação positiva, ao indicar o parentesco, e negativa como a debilidade e o ser humano efêmero e fraco.

⁴¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Cristo Jesus: cristologia em dimensões messiânicas*, p. 355.

⁴² BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 83. Os termos *nefesh*, *basar*, *ruach* e *leb* foram tirados deste livro e também descritos nas aulas do professor Renold J. Blank, matéria de escatologia no Instituto Teológico Pio XI, São Paulo.

⁴³ BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 83.

O termo “*Ruach*” traduz-se por pneuma ou espírito. Significa: “o homem enquanto vive sob a direção carismática de Deus.”⁴⁴ Também pode significar o vento, ar em movimento ou a respiração. O principal significado é quanto à vida, indica a força vital do próprio Deus, sua força criadora e transformadora. É Deus que comunica esta força ao ser humano para que desempenhe suas ações de modo eficiente. Por isso designa o ser humano confirmado, potencializado pela presença e ação de Deus.

Outro termo usado é “*leb*”. Este termo é traduzido como coração. O coração é o órgão do qual dependem os movimentos do corpo, pois os antigos não conheciam as funções do cérebro. O coração simboliza os desejos mais secretos e autênticos do ser humano. Tratado como o centro do ser humano consciente, a sua razão, juízo e capacidade de saber, julgar e refletir. Por isso tem valor fundamental para a antropologia bíblica, pois é nele que se dá a consciência, o ser humano como ser consciente, racional e livre.

Atualmente temos que ver estes termos dentro de um contexto crítico. Com certeza estes termos são importantíssimos dentro da revelação, mas temos que determiná-los como unitários dentro do ser humano. Por isso que o Magistério da Igreja, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, pontuando a constituição do ser humano, define:

Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao criador uma voz de louvor. Não é portanto lícito ao homem desprezar a vida corporal, mas, ao contrário, deve estimar e honrar o seu corpo, porque criado por Deus e destinado à ressurreição no último dia (*Gaudium et Spes*, 14).

Nessa citação temos a importância do corpo para a salvação, que não o despreza e nem o eleva acima do espírito. O corpo foi criado por Deus e permite fazer a intermediação com o mundo e com os irmãos. Por tudo o que foi exposto até agora, uma concepção que divide corpo e alma é totalmente errônea no contexto teológico atual. É a pessoa inteira que ressuscita para a vida eterna, essa é a resposta fundamental da antropologia moderna perante a visão dualista. Corpo e alma possuem uma união substancial, segundo a qual a alma não é uma parte do ser humano ao lado do corpo, mas corpo e alma unidos são a pessoa humana, sendo impossível dizer onde começa um e termina o outro. É o ser humano inteiro que ressuscita.

⁴⁴ BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 83.

2.1 HISTÓRICO DO PROBLEMA ALMA-CORPO

Nesta parte da dissertação estudaremos a origem do problema alma-corpo. Segundo Ruiz de La Peña, não vem da filosofia. Desde o início da humanidade, esta sempre se perguntou: que é o ser humano? Como está constituído? É uma realidade homogênea em dois extratos? Será espírito ou matéria? Alma ou corpo?

Os diversos dualismos na história tentaram dar alguma explicação para estas questões, especialmente a união entre corpo e alma. Outra tentativa de explicação desta ligação entre corpo e alma foi o monismo. A antropologia cristã não pode nem ser dualista e nem ser monista. Qual seria a terceira via ou a via correta? A terceira via e a que melhor explica esta relação é a que no ser humano há uma dualidade não dualista e uma unidade não monista.

A síntese desta explicação é que o ser humano inteiro foi criado por um único e mesmo Deus, por isso o ser humano inteiro será salvo em sua unidade psicossomática com a ressurreição. Isto é defendido ao longo de toda esta segunda secção da dissertação e também é obra de estudo de Juan Luiz Ruiz de La Peña, aproveitando-se também do trabalho de outros teólogos e filósofos que estudaremos adiante. Mas é claro para o nosso autor que não existe uma sobrevivência de uma das partes fracionada como a imortalidade da alma, em detrimento do corpo.

Toda a economia da salvação gira em torno desta unidade, o espiritual nunca se dá quimicamente puro, inatingível à materialidade. Se oferece sempre materializado e corporalizado: isto é visto na encarnação de Jesus Cristo, a Igreja e os sacramentos são a concretização visível da doação divina.

2.1.1 A idade Patrística e os Apologistas⁴⁵

Não tem sido fácil para o Cristianismo suplantar a visão Greco-romana do ser humano, com versões muito fortes do platonismo:

a oposição alma-corpo, com a inevitável devolução deste, formavam parte da antropologia comumente aceita nos meios intelectuais.⁴⁶

⁴⁵ Estas afirmações estão descritas no livro de Juan Luis Ruis de La Peña, *Imagen de Dios: Antropología Teológica Fundamental*, páginas 94-96 onde o autor Juan Luis Ruiz de La Peña estuda a Patrística e os Apologistas.

⁴⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 94.

A infiltração de correntes gnósticas no cristianismo alertou aos padres dos três primeiros séculos de que o ser humano não é só alma, ele possuía algo também tão importante para o ser humano que é o corpo. Os dois juntos formam o ser humano e colaboram na sua autenticidade. As ações salvíficas de Jesus não seriam tais se não tivessem as três teses nucleares do credo cristão: encarnação do Verbo, redenção pela morte e ressurreição, todas são insustentáveis sem a ação do corpo.

Justino foi um dos primeiros a questionar a doutrina platônica da natureza divina da alma, da sua preexistência e sua transmigração em mais corpos. O que existe para Justino é o Ser humano inteiro, imagem de Deus e criado pelo próprio Deus, o ser humano não é fruto de uma transmigração das almas. Para ele nem a alma e nem o corpo são o ser humano, este resulta da composição de ambos.

Para Atenágoras toda a natureza humana consta de alma imortal e de um corpo que se adaptou a esta alma no momento da criação. Não foi a alma por si só, separadamente do corpo, a quem Deus destinou a criação e a vida, senão aos homens compostos de alma e corpo. De alma e corpo formam um só ser vivo que padece tanto a sua alma como o seu corpo.

Outro grande pensador que lutou contra a gnosis foi Tertuliano, este também procurou em equilíbrio entre alma e corpo. A carne também participa da salvação. Com efeito, se alma se faz totalmente de Deus, é a mesma carne que torna isso possível. A carne é lavada para que a alma seja limpa, a carne é ungida para que a alma seja consagrada. Para este autor:

no homem, que é corpo e alma juntos, nenhum destes componentes nasce antes do outro, nem é vigente entre eles uma relação de subordinação.⁴⁷

2.1.2 Santo Agostinho⁴⁸

Santo Agostinho dava prioridade para a alma. Ele tinha uma propensão dualista, afirmando que a melhor parte do ser humano é a alma, o corpo não é todo o ser humano senão a parte inferior deste mesmo ser humano. Isto é só para salientar a sua tese em relação ao corpo, porém ele não concordava em tudo com o platonismo.

⁴⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 96.

⁴⁸ Estas afirmações estão descritas no livro de Juan Luis Ruiz de La Peña, *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, páginas 99-100, onde o autor Juan Luis Ruiz de La Peña estuda Santo Agostinho.

Por exemplo, Santo Agostinho era contra a doutrina platônica da preexistência das almas e integra o corpo com a verdade do ser humano, este não pode existir sem a alma e vice-versa, quando ambos estão unidos então há ser humano. Porém, Agostinho concebia esta união alma e corpo como mera interação dinâmica.

Está aí o seu maior engano, é fortemente hierarquizada, pois a alma usa apenas o corpo como instrumento:

O homem é uma alma racional que utiliza o corpo mortal e terreno. A alma é uma substância racional apta para guiar o corpo.⁴⁹

Estes textos sugerem um forte platonismo e dualismo em Santo Agostinho e sua compreensão antropológica do ser humano, onde a alma se destaca hegemonicamente sobre o corpo.

2.1.3 A época medieval e os começos da teologia⁵⁰

O problema alma-corpo nesta época passou por uma mudança, nos primeiros séculos era um problema mais cristológico, na época medieval foi mais uma questão escatológica. O pensamento patrístico afirmava que o ser humano é uma unidade de corpo e alma justapostos. Na época medieval a preocupação é mais escatológica, o que impõe a consideração da unidade substancial alma-corpo. Teólogos medievais como Hugo de São Vítor e Gilberto de la Porrée não se perguntavam pela essência humana movidos por um interesse metafísico; o que os movia era um interesse existencial de compreender o ser humano no marco da história salvífica.

O que importava de fato era a salvação da humanidade. O que é que se salva na humanidade, o corpo ou a alma? É claro que a salvação tem como beneficiário o ser humano inteiro, tanto o corpo como a alma. É isso que testemunha a fé na ressurreição, onde Jesus ressuscita com o corpo e a alma glorificados.

Nos começos da teologia os teólogos estão frente a uma bifurcação: os medievais oscilaram entre o platonismo e o aristotelismo. Um dos representantes mais

⁴⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 100.

⁵⁰ Estas afirmações estão descritas no livro de Juan Luis Ruiz de La Peña, *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, páginas 101-105, onde o autor Juan Luis Ruiz de La Peña estuda a época medieval e os começos da teologia.

destacados de ambas teologias foi Hugo de São Vítor, o introdutor na teologia da corrente neoplatônica-agostiniana. Em sua visão:

a alma foi criada à imagem e semelhança de Deus; por isso que é imortal. O corpo, ao contrário, foi criado à imagem de um animal, daí a sua corruptibilidade. Porém, como possui uma união com a alma, lhe é concedido participar da imortalidade da alma.⁵¹

Corpo e alma são substâncias completas, segundo São Vítor. Como explicar então a sua união? A resposta é que se unem na unidade da pessoa humana. A definição de pessoa segundo este autor dá preferência para a alma, o corpo não entra nesta definição de pessoa. A alma é imortal e o corpo é devolvido para esta depois de um tempo. A alma separada para ele continua sendo pessoa, mais ainda, melhora ainda mais após separar-se do corpo. Assim a unidade corpo-alma na pessoa não seria para este autor uma unidade substancial.

Em suma, a doutrina platônica da alma colocava em perigo a unidade substancial do ser humano. Isto gerava um dilema perigoso, ou se situava a alma tão perto da divindade que se perdia a união substancial da humanidade ou se concebia a alma tão internalizada na matéria que se perderia no próprio corpo. Estava reservado ao gênio Santo Tomás de Aquino a solução deste dilema.

2.1.4 Tomás de Aquino até o Concílio Vaticano II

Este grande santo e pensador conseguiu unir as ideias filosóficas com as verdades da fé cristã e estas são profundamente remodeladas. O ser humano consta de alma e corpo de forma unida:

alma e corpo, pois, não são duas substâncias que existam em ato separado; existem no entanto como substâncias unidas. Dito de outro modo, o ser humano não é um composto de dois seres ou substâncias, senão uma substância complexa, surgida de uma união de dois princípios de ser e que deve sua sustentabilidade a um deles: a alma humana comunica seu ser, nele que subsiste, o corpo.⁵²

⁵¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 103.

⁵² AQUINO, Tomás, apud: RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 107.

Nesta passagem se vê a importância de Santo Tomás para toda a teologia e também para a filosofia. A alma e o corpo são unidos e não podem existir separados, os dois se unem e a alma unida ao corpo se assemelha mais a Deus que separada, porque possui quando unida a sua natureza de forma mais perfeita.

No ser humano concreto não há espírito por uma parte e matéria por outra parte. O espírito no ser humano provém da alma, que não é espírito puro, senão espírito encarnado e forma da matéria. A matéria no ser humano provém do corpo que não é matéria bruta, senão matéria informada pela alma. O ser humano concreto é um ser totalmente espiritual e totalmente corporal, sem que nenhum destes dois adjetivos possam prejudicar-se no ser humano e sua natureza. Esta é a síntese de Santo Tomás de Aquino e que ajudou a Igreja em seu pensamento através dos séculos.

O Concílio Vaticano II fez uma nova aproximação com o tema da unidade corpo-alma. Especialmente na *Gaudium et Spes* 14 e 15 se recolhem os dados primeiros da antropologia teológica: o caráter unitário do ser humano e sua superioridade frente aos demais seres mundanos. A condição corporal do ser humano o converte em síntese do universo material; não é lícito depreciar esta condição, antes deve-se ter por bem e honrar o próprio corpo.

Por outro lado, a sua interioridade confere uma proeminência sobre o universo inteiro. Por sua inteligência e participação da luz e da mente divina, rebaixa a universalidade das coisas e torna o ser humano distinto de uma partícula da natureza ou apenas um elemento anônimo:

Participando da luz e da inteligência divina, com razão o homem se julga superior, por sua inteligência, à universalidade das coisas. Exercitando a sua inteligência diligentemente através dos séculos, nas ciências empíricas, artes técnicas e liberais, o homem de fato progrediu (*Gaudium et Spes*, 15).

O ser humano é compreendido Concílio Vaticano II e valorizado em toda a sua interioridade, a expressão alma-corpo é compreendida como interioridade e abertura para Deus em especial, também como inserção no mundo. O Concílio é contra uma leitura apenas materialista do ser humano, por isto sempre é destacado uma questão espiritual, este dado espiritual não é ilusório, mas é um dado profundamente acessível que o ser humano faz de si mesmo.

2.2 O SER HUMANO É CORPO

Não é possível dar uma definição completa sobre o corpo que constitui o ser humano, porque uma definição de corpo exigiria um autodistanciamento do mesmo com o intuito de abarcá-lo e delimitá-lo. Sendo corpo o ser humano se identifica com ele; o definidor não pode entrar no definido, senão ele vai ser sujeito e objeto da mesma operação.

Neste texto o corpo não vai ser abordado do ponto de vista anatômico ou científico, mas do ponto de vista fenomenológico. O ser humano vai ser estudado com um corpo inserido no mundo, sujeito às ações temporais, com a sua condição mortal, afetiva, sexual e presente no mundo com uma visão encarnada.

a) Ser-no-mundo: nota-se neste tema que ser-no-mundo é mais do que simplesmente estar no mundo. O mundo não é para o ser humano apenas um complemento circunstancial de lugar, ao contrário, é um elemento constitutivo da humanidade. Este não está no mundo de forma alienada, alheia, mas como morada. O mundo não é uma cadeia para o ser humano, mas o seu lar.

A inserção do ser humano no cosmos acontece de forma natural, visto até na criação do mundo por Deus. A ideia de exílio ou cadeia deste mundo foi inserida por Platão e Orígenes, a ideia de Ruiz de La Peña é como se este mundo fosse como um lugar próprio para toda a humanidade. O ser humano é presença ativa e consciente neste mundo. O corpo humano não é apenas uma realidade exterior a este mundo, visível apenas ao que os olhos podem ver, ele é uma realidade que coexiste com o mundo, o corpo do ser humano é um prolongamento do corpo do mundo. O cosmo se encontra particularizado no corpo do ser humano. É o que pensa Ruiz de La Peña:

Corpo e mundo são magnitudes que se coimplicam mutuamente. O anúncio de novos céus e nova terra é a expressão de quem crê que nesta mútua e constitutiva implicação; se Deus quer o homem para sempre, tem que querer o mundo para sempre, todavia que, sem ele, o homem seria simplesmente impensável.⁵³

Nesta pequena observação nosso autor destaca que não posso explicar ou entender a pessoa humana sem direcioná-la de acordo com o ser-no-mundo. Somos vivenciadores deste cosmos e parte dele. O corpo e o mundo estão implicados e existe uma relação de reciprocidade entre ambos: temporal, antropológica e escatológica. A

⁵³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 135.

Parusia deste mundo também ocorrerá com todo o mundo e não só com a pessoa humana em particular, por isso a implicação em nossa corporeidade e ressurreição.

b) Ser-no-tempo: enquanto ser corporal o ser humano também está imerso nas mesmas coordenadas dos seres materiais: espaço e tempo. Toda a história humana está baseada nestes dois fatores do tempo e do espaço. Nesta existência temporal o ser humano fará escolhas e decisões que permeiam a sua vida. Porém estas decisões são de caráter limitado, efêmero e terreno que constituem a existência humana.

Isto quer dizer que como um ser encarnado a humanidade nunca terá seus atos como definitivos e irreversíveis. A condição humana é sempre itinerante e está sempre aprendendo: precisa reavaliar-se, converter-se e arrepender-se. Por isso que a liberdade humana nunca decide uma vez por todas. Até a liberdade humana não é permanente, por exemplo, não posso deixar de viver a temporalidade na minha existência terrena.

O pensamento e a ação humana estão sempre restritos pela temporalidade e pelo espaço. É a partir deste ponto de vista que o ser humano interpreta toda a realidade, o ser humano é sempre um devir, um tornar-se, um vir a ser, um projeto inacabado no interior da história:

A liberdade humana nunca decide de forma irrevogável. Isto porque ao ser-no-tempo a humanidade apresenta em sua realidade um ir fazendo-se progressivamente.⁵⁴

Na medida em que esta temporalidade vai fazendo-se aos poucos o ser humano vive a sua condição de itinerante, mas sempre com vistas para a eternidade. É nesta consumação da realidade terrena que a humanidade vai chegar ao ápice de uma recriação de toda a humanidade e de todo o mundo. É aí que o ser humano alcançará a sua própria identidade. Enquanto esta recriação não chega, o ser humano é um ser-no-tempo com toda a sua implicância, entre as quais a morte.

c) Ser mortal: a morte é uma possibilidade permanente da vida humana. Não é possível falar de antropologia passando à margem deste tema. É a única certeza absoluta que a humanidade possui quanto ao seu futuro, desde o seu nascimento o ser humano já está determinado a morrer.

A morte desmundaniza e também destemporaliza a humanidade. É tirado todo o espaço e o tempo que a humanidade vive aqui no mundo, “a morte é o fim do homem

⁵⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 135.

inteiro”⁵⁵. Supor que o sujeito da morte é só o corpo, não o ser humano inteiro, é ignorar que o ser humano é corpo e uma forma de dualismo antropológico. Por isso a morte é a possibilidade última que aniquila todas as demais possibilidades.

Ter a consciência da morte é algo único na natureza humana e que nos diferencia de todos os outros animais:

O que mais nos interessa agora é o que separa o animal do humano. A consciência que surgiu do *homo habilis* difere qualitativamente do que surgiu nos *australopithecus*; tal diferença se manifesta no distinto modo de perceber o mundo e de atuar nele, na expressão e na linguagem, na conduta livre do ser humano frente à conduta do animal⁵⁶

Essa consciência perante a morte é única no ser humano. A morte não é algo impessoal e transferível, mas pessoal e definitivo para todos. A existência humana é um constante enfrentamento com a morte. O ser humano é um constante ser-para-morte. A morte também ocorre no ser humano total, não é só uma parte dele que morre e não somente o corpo. A morte é o fim do ser humano inteiro, não é possível fazer uma cirurgia do ser humano e separar a condição mortal da imortalidade, a condição inteira do ser humano é mortal. Por isso, Ruiz de La Peña afirma:

A morte deve ser tomada muito a sério porque o homem é corpóreo, mundano e temporal e porque todas as dimensões constitutivas do seu ser caem radicalmente afetadas pela morte.⁵⁷

A redução da morte para apenas um fenômeno superficial, epidérmico e tangencial é uma banalização da mesma, seria tratá-la na antropologia de forma dualista. A banalização da morte conduz para a banalização do ser humano e vice-versa. A pergunta sobre a morte é uma pergunta sobre a pessoa humana e o sentido último da existência humana. O ser humano em sua totalidade é afetado pela morte, em sua corporeidade, mundaneidade, temporalidade e historicidade.

d) Ser sexuado: os relatos da criação destacam que a realização humana passa pela reciprocidade ser humano e mulher. Esta diferença sexual implica a corporeidade e confere ao ser humano uma afetividade, um duplo modo de viver aqui na terra e uma relação social diferente.

⁵⁵ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 136.

⁵⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *A propósito del cuerpo humano*, p. 67.

⁵⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 136.

Através da sexualidade o ser humano se define, se expressa e interage com o mundo. A sexualidade não tem a ver só com a genitália, mas é uma forma de se expressar no mundo e se fazer presente frente aos outros seres. Também não é só o corpo que participa da sexualidade, vai muito além, tem a ver com todo o seu ser. Na medida em que a alma está atrelada ao corpo também participa da sexualidade.

A igualdade e a complementariedade entre os sexos está bem descrita nos relatos bíblicos da criação. O cristianismo em algum momento histórico deu maior destaque para os homens, subordinando a mulher, porém: “a fé cristã rechaçou sempre como herético todo intento de degradar a mulher por debaixo da autêntica humanidade.”⁵⁸

Há sempre uma complementariedade entre os dois sexos. Não existe um melhor do que o outro ou até submissão de um em relação ao outro. A visão cristã não comunga com o androcentrismo. Para a fé cristã a sexualidade não é um fator que determina a superioridade ou inferioridade do ser humano. Ela não é motivo de concorrência mas de reciprocidade, mutualidade, união entre ser humano e mulher e comunhão entre os dois. Não existe uma hierarquia na sexualidade, ao contrário, a sexualidade deve promover o encontro entre as pessoas, o diálogo e gerar em última análise a felicidade entre as pessoas.

e) Expressão comunicativa do eu: pelo corpo o ser humano manifesta-se para o mundo. O corpo é a mediação de todo encontro, onde o ser uno se manifesta e também toda a realidade pessoal. Esta manifestação comunicativa do eu tem como foco o seu rosto, onde manifesta-se a intimidade da pessoa.

Em suma, a linguagem corporal é um veículo pelo qual o ser humano comunica a sua interioridade. Existe um alto teor de fidelidade entre o que se comunica e a linguagem corporal. Um atentado contra o corpo também pode-se dizer que é um atentado contra um território sagrado, como uma violação do eu encarnado. Uma visão puramente biológica, física, cosmética e até mercadológica do corpo humano é refutada pela fé católica.

Atualmente a antropologia leva em consideração estas dimensões do corpo, não há espaço para uma visão hostilizada do corpo. Ver o corpo como maléfico ou inferior no ser humano é resquício de uma antropologia dualista:

⁵⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 137.

O corpo não pode ser inferiorizado, tido por menos, visto como eticamente inferior ou suspeito. Tal consideração pejorativa tem sido frequente em certa literatura espiritual, não só antiga, senão também contemporânea.⁵⁹

A visão cristã citada por Ruiz de La Peña é profundamente otimista em relação ao corpo. Porém temos que cuidar para não cair numa visão só redutiva ao corpo, onde se percebe exageros no mundo atual. Hoje temos toda uma indústria por detrás para gerar o corpo perfeito, sempre belo, sempre jovem e malhado. Este tipo de culto propicia uma supervalorização do corpo e até uma padronização do mesmo. Assim como o corpo ser inferiorizado é errado, também colocá-lo num patamar superior está errado porque o ser humano também é espírito. Nesta visão se excluem os idosos, pessoas com deficiência e que não se enquadram na visão de beleza do mercado.

A fé na ressurreição, ao contrário, tem um justo equilíbrio, nem supervaloriza o corpo e nem desvaloriza o corpo:

A fé na ressurreição, e não o culto pagão e idealista do corpo é a mais alta forma de fidelidade a este e o mais eficaz antídoto contra a sua depreciação.⁶⁰

2.3 O SER HUMANO É ALMA

Novamente topamos com uma dificuldade parecida com a palavra corpo para definir o que é alma. Tanto que vários pensadores como Popper, Zubiri e Pesch preferiram usar outro termo para determiná-la: consciência, mente, psiquê, espírito. Também porque o vocábulo alma teve seu conceito deteriorado, comprometendo a sua credibilidade.

Para o nosso autor, Juan Luiz Ruiz de La Peña, renunciar à definição de alma é como uma automutilação da teologia, por isso esta definição é irrenunciável. O conceito alma para a fé cristã não é uma realidade irrelevante, inútil, marginal, mas é um patrimônio da antropologia teológica. Uma antropologia que joga este conceito fora não tem sustentabilidade porque está jogando fora o que nos aproxima de Deus, porque o ser humano foi feito à imagem e semelhança de Deus.

⁵⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 138.

⁶⁰ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 138.

Com este conceito, com efeito, a antropologia cristã trata de significar, a partir de agora, a absoluta singularidade do homem e sua abertura constitutiva para Deus. O homem vale mais que qualquer outra realidade mundana, dista qualitativamente do infra-humano; assim o certifica a categoria bíblica imagem de Deus. Porém, se isto é assim, se o homem vale mais, não terá que ser mais?⁶¹

Nesta citação destaca-se o papel do ser humano na criação, ele não é apenas mais uma criatura presente nesse mundo, ao contrário, ele é a única criatura que é capaz de discernir, de pensar e de amar Deus em sua vida. Ele sempre vai além do que está meramente estabelecido como limite, por isso é imagem e semelhança de Deus nos seus atos aqui na terra. A alma do ser humano está voltada para Deus, enquanto ser que possui uma alma, isto possibilita ao ser humano uma dignidade e um valor muito acima de todos os outros seres animados e inanimados presentes neste mundo.

Sobre a alma a melhor definição que podemos formular é que esta é “a capacidade de referência do ser humano à verdade, ao amor eterno.”⁶² Esta é a melhor definição que Juan Luiz Ruiz de La Peña dá de alma. O autor vai mais longe quando afirma que o ser humano seja alma significa que em virtude da sua natureza criada está sempre à procura de Deus, de ser para Deus um ser uno, e deve aprender de Deus qual é o seu destino. Neste ponto tomamos como referência já citada sobre o documento do Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes* 14, onde afirmamos que o ser humano é um ser uno, composto de espírito e corpo com igual valorização para a ressurreição.

Por tudo isso o ser humano não pode ser reduzido a uma realidade só física ou biológica. É uma criatura de radical referência a Deus capaz de estabelecer parceria com Deus e capaz de contemplá-lo. Deus chama o ser humano e o ser humano capta este chamado divino e isto não ocorre com nenhuma outra criatura. O que faz com que só o ser humano seja idôneo para ouvir esta palavra? A partir de agora Ruiz de La Peña irá fundamentar a sua teoria sobre a alma de forma fenomenológica dos três primeiros traços (mundano, temporal e mortal) que caracterizavam o corpo, o ser humano enquanto alma pode ser descrito como:

a) Ser mundano que transcende o mundo: o ser humano em sua corporalidade está inserido no mundo mas é chamado a transcendê-lo. É uma mundaneidade que busca sempre ir além da natureza imposta, enquanto que os animais não procuram ir além dos seus instintos. O animal não possui um *quid*, uma dimensão

⁶¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 139.

⁶² RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 140.

ontológica quantitativa que busca transcender o mundo em que vive. O animal encontra-se limitado e realizado em sua condição animalesca.

O ser humano ao contrário é capaz de interagir com os objetos que compõem o mundo e ir além só do instinto recebido pela natureza. O ser humano busca sempre transcender o mundo em que vive, buscando sempre o ilimitado em sua vida. Por exemplo, para um esquilo não existe uma formiga que sobe por uma árvore. Para o ser humano existem ambas e também as montanhas distantes e as estrelas, coisas que no nível biológico são supérfluas.

O ser humano capta os objetos do mundo sem deixar captar-se por eles. Seu modo de interação com os objetos deste mundo não é deixar-se manipular por eles, ao contrário, o ser humano quer sempre outra coisa, procura ligar-se ao absoluto e vai em busca de compreender além dos seus limites. Um reflexo psicológico existencial da mundaneidade transcendente do ser humano é o seu desejo pelo ilimitado, a sua busca constante de ultrapassar as barreiras impostas pela natureza, ir além das circunstâncias e contextos que o limitam.

O ser humano está sempre na busca da totalidade da verdade, do bem, do belo, sem se contentar com verdades parciais da sua realidade:

Qualidades que emergem vivencialmente na experiência constante e irreversível da sua insatisfação; o ser humano é o único animal endemicamente insatisfeito. Dito em termos teológicos: o ser humano é o único ser vivo capaz de esperança.⁶³

No ser humano há sempre um desajuste crônico entre ele e o seu mundo que o leva a transcendê-lo em vez de se contentar com ele. O animal não espera nada além do seu confinamento e do seu nicho ecológico, não tem desejo de ir além. Está completamente adaptado a uma realidade conforme a sua condição, está realizado. Já com o ser humano não sucede o mesmo, há um desajuste crônico entre o ser humano e o mundo que impulsiona o ser humano a transcender o mundo, em vez de repousar sobre ele.

Em suma, o ser humano se experimenta inseparavelmente como ser no mundo (por sua corporeidade) e como ser frente ao mundo (por sua espiritualidade), percebe-se simultaneamente como mundano e transmundano. É um ser de transcendência, capaz de ir além da mundaneidade e temporalidade.

⁶³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 142.

b) Ser temporal que transcende o tempo: o ser humano pela sua corporalidade, encontra-se submetido à temporalidade. Como ser temporal também é chamado a transcender a temporalidade na qual está vivendo. Um sinal da transcendência do tempo se dá nas experiências de tédio e impaciência.

A experiência em relação ao tédio é vivida quando o tempo não tem dinamicidade, meta ou objetivo. É um tempo estagnado, sem mobilidade e convertido num puro nada. É viver o tempo de forma passiva e sem dar qualidade para o mesmo. Uma definição popular para isso é matar o tempo. Só o ser humano e não o animal consegue passar por este tipo de temporalidade, tem tempo, dispõe ou pretende dispor dele, em vez de sofrer passivamente.

A impaciência ao contrário é uma forma de viver como se sempre estivesse faltando tempo e não sobrando. O impaciente pretende manipular o seu tempo, não no sentido de matá-lo, mas de alguma forma apressá-lo. O impaciente faz a experiência do apressamento do tempo, acelerado, intenso e dinâmico do tempo. Esse é veloz e escasso, há um devir intenso onde falta tempo. Há uma desarmonia entre o tempo físico e o vivido. O ser humano não deve viver o tempo como pura fatalidade, ao contrário, deve vivê-lo de forma criativa, ajustando-o para cada experiência da sua vida.

É necessário fazer uma distinção entre tempo físico e tempo vivido, os dois são diferentes entre si. O tempo físico se refere ao tempo das ciências exatas e do relógio, é o tempo quantitativo, matematizável. O que existe é o presente porque o passado já foi e o futuro ainda não é. O presente se constitui em uma sequência de instantes fugazes. O tempo físico se materializa na humanidade tornando-se tempo vivido. Na humanidade o passado se conserva no presente, não é simplesmente esquecido, mas o seu conteúdo é assumido no presente. O presente é a conservação do passado e o projeto do futuro. Por isso cada instante vivido não é igual ao outro, mas está animado por uma experiência pulsante de contração e dilatação, na humanidade o tempo se faz história.

O tempo vivido possui uma peculiar elasticidade, os instantes vividos nunca são iguais entre si: “uma hora pode parecer um minuto ou um século; o tempo quantidade reveste-se de qualidade humanizada.”⁶⁴ A transcendência do ser humano em relação ao tempo emerge da aspiração humana de tentar salvar-se da caducidade das

⁶⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 143.

coisas mundanas. O ser humano se sabe temporal porém deseja ser eterno, com outras palavras, não se resigna ser-para-a-morte.

c) Ser mortal que transcende a morte: como vimos anteriormente, a morte é uma das dimensões do ser humano enquanto corpo, mas não é o seu último destino. Deus não criou o ser humano para a morte mas para a vida. A fé cristã espera uma vitória sobre a morte e a teologia colabora com esta ideia com a ajuda de duas categorias: imortalidade e ressurreição.

É o que diz o texto de Juan Ruiz Luiz de La Peña sobre a ressurreição:

A Escritura desconhece por completo uma morte total e compreende a ressurreição como *creatio ex nihilo*, senão como pleno ser do mesmo sujeito da ação ressuscitadora de Deus, esta não se exerce sobre o puro vazio ôntico; em tal caso Deus ressuscitaria a outro homem.⁶⁵

O tema da ressurreição quer dizer que Deus não cria o ser humano para a morte mas para viver. Com isso Deus não pode assistir indiferente à condição mortal do ser humano, é Ele que arranca o ser humano da morte e conduz para a vida. Segundo a fé cristã a morte não é fracasso, mas plenitude.

Na antropologia dualista a morte é uma separação da alma (imortal) e do corpo (mortal), ou com outras palavras, a liberação da alma que continua existindo sem ser afetada pela morte pois é imortal por natureza. Com tais premissas a ressurreição se admitirá só por puro formalismo ou escrúpulo dogmático. A morte parece que é esperada com ansiedade pela alma que se libera do jugo do corpo. Neste sentido a morte não atinge o ser humano na sua inteireza mas só parte da sua composição. Neste sentido a ressurreição será concebida só da alma e não do ser humano todo.

Esta tese é contrária ao pensamento de Ruiz de La Peña:

Em uma antropologia unitária, pelo contrário, morte é, segundo vimos, o fim do homem inteiro. Se a esse homem, apesar da morte, se promete um futuro, este futuro só pode pensar-se adequadamente como ressurreição, a saber, como recobrar a vida em todas as suas dimensões; portanto, também em sua corporeidade. (...)Em todo caso está claro que a categoria cristã chave, em um contexto de esperança de uma vitória sobre a morte, é ressurreição, não imortalidade.⁶⁶

⁶⁵ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *A propósito del cuerpo humano*, p. 72.

⁶⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 144.

Esta antropologia unitária concebe a morte como o fim do ser humano inteiro. Na visão da fé cristã a esperança e o futuro devem ser pensados em termos de ressurreição, a categoria central da antropologia unitária é a ressurreição. A ressurreição é o termo chave para superar a morte e dar esperança para a fé cristã. Na ressurreição ocorrerá uma reconstituição do ser humano na totalidade de suas dimensões: corporeidade, mundaneidade e historicidade. A existência histórica do sujeito será transformada, sua biografia se transfigurará.

Ao terminar estas considerações sobre a alma novamente o autor destaca a mesma advertência que fez ao final das considerações sobre o corpo. Se trata de uma resenha sumária, necessitando de ampliações posteriores. Concretamente, o conceito de alma e de corpo aqui exposto nos ajudam a compreender o próximo título de estudo, que será o ser humano como uma unidade de corpo e de alma.

2.4 O SER HUMANO É UNO EM CORPO E ALMA

A antropologia cristã concebe o ser humano como uma unidade na pluralidade de suas dimensões. A visão cristã não concorda com o dualismo. O ser humano não é um ser no qual corpo e alma coabitam sem nenhum tipo de vínculo. Corpo e alma não são duas instâncias autônomas e independentes que coexistem juntas, isto é dualismo. Por outro lado, uma visão cristã não comunga com o monismo,⁶⁷ pois não acredita que o homem possa ser reduzido a um princípio ou só material ou só espiritual. O homem é corpo e o ser humano é alma. Nenhum desses dois enunciados dá por si só a razão cabal da realidade humana. Então, como pensar a realidade humana?

É isto que estudaremos nesta parte da dissertação. Esta é uma questão mais filosófica do que teológica, a teologia se preocupa com ela só em função de um dado de fé. Retomado a *Gaudium et Spes*, 14: “Corpo e alma, mas realmente uno, o homem, por sua própria condição corporal, sintetiza em si os elementos do mundo material, que nele assim atinge sua plenitude e apresenta livremente ao criador uma voz de louvor.”

O ser humano é uno em corpo e alma, que por sua vez está estreitamente ligado com as verdades cardinais do credo: encarnação do Verbo, redenção por sua morte, ressurreição dos mortos e sacramentalidade da graça. Se os teólogos se

⁶⁷ “O materialismo sustenta que na realidade do cosmos só existe a matéria.” RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luiz. *A propósito del cuerpo humano*, p. 68.

preocuparam com este problema no passado e arriscaram teorias a respeito era por que a fronteira entre os dois era mais estreita. Muitos teólogos eram filósofos e vice-versa.

Os teólogos atuais não parecem preocupar-se com este problema em especial. Santo Tomás (1224-1274), influenciado por Aristóteles, propõe uma visão unitária do ser humano que será influenciadora da teologia até os dias atuais como o neotomismo, cujos mais ilustres representantes são Karl Rahner, Schillebeeckx e Metz, porém a mais destacável crítica é a de Moltmann à concepção barthiana de uma alma ontologicamente superior ao corpo. Barth quer distanciar-se tanto do dualismo abstrato grego como do monismo abstrato do materialismo ou do espiritualismo ao que opõe um monismo concreto: “o ser humano inteiro é a alma e o corpo, de sorte que não se põe nele duas substâncias paralelas, senão dois momentos ou dois fatores de sua realidade criatural.”⁶⁸

Esta concepção de um corpo servidor e de uma alma que rege o corpo molestava Moltmann, pois ele detectava uma tendência espiritualista instrumentalizadora do corpo. Como já foi destacado na introdução da secção segunda, com um argumento do mesmo Moltmann, corpo e alma possuem a mesma dignidade para a ressurreição. A ressurreição abrange toda a existência do ser humano, por isso tanto o corpo como a alma tem igual importância para o nosso estudo.

Como alternativa Moltmann propõe uma conformação pericorética de corpo e alma, nesta visão não é permitido uma hierarquia entre a alma que rege o corpo e este serve:

O corpo informa sua alma tão decisivamente como a alma informa o seu corpo. Neste equilíbrio corpo e alma vão aprimorando-se a conformação de cada ser humano.⁶⁹

Nestas frases se destacam a visão de equilíbrio que deve existir entre corpo e alma. Os dois possuem igual valor e hierarquia na composição do ser humano. A alma humana é vivificado pelo Espírito de Deus, esta unidade corpo e alma é obra criadora do espírito de Deus.

A unidade constitutiva do ser humano não apresenta duas camadas que se acomodam, nem dois estratos diferentes que se justapõem para formar a unidade múltipla do ser humano. O ser humano é uma unidade corpóreo-espiritual, psicossomática e psicofísica. É uma unidade em que não há domínio de um princípio

⁶⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 146.

⁶⁹ MOLTSMANN, Jürgen, apud: RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 146.

sobre o outro, embora existam atos que são preponderantemente espirituais ou corporais. Todavia não existe um ato que seja exclusivo corporal ou espiritual. O que há é uma ação única da unidade sistêmica.

Tampouco o ser humano é uma máquina ordenada por peças, mas uma unidade ordenada constituída por princípios e possui uma dualidade sem ser dualista. A humanidade é uma unidade dual. Corpo e alma são dimensões diferentes mas referidas, co-implicadas e formando o todo da constituição humana. Não existe alma sem corpo e nem corpo sem alma. O espírito não se realiza à margem da matéria e o corpo é manifestação da alma. O ser humano é corpo e alma, formando uma unidade substancial no ser humano. A fé cristã neste contexto procura unificar espírito e matéria numa síntese coerente, é na unidade e na aliança entre corpo e alma que a humanidade acontece e vive neste mundo. A antropologia teológica neste sentido procura deixar toda tentação espiritualista ou dualista, como acabamos de ver.

Outra teoria estudada por Ruiz de La Peña é a de Karl Rahner que destaca uma antropologia transcendental, ou emergentismo forte, a teoria que reconhece a realidade material de autotranscender-se com saltos qualitativos. Isto é que dá a diversidade ontológica de todos os seres viventes do mundo. Santo Tomás de Aquino entendia por corpo o efeito da função informante da alma sobre a matéria. Juan Luis Ruiz de La Peña destaca que:

A tese emergentista considera a alma como término do processo de autotranscendência da matéria até o outro, sendo tal, é o qualitativamente diverso e ao mesmo tempo, complementar e afim.⁷⁰

O autor Juan Luis Ruiz de La Peña acredita que o filósofo católico Zubiri⁷¹ possui a melhor resposta para esta união entre corpo e alma. O pensador espanhol crê impossível reeditar qualquer forma de hilemorfismo. Zubiri rechaça como Moltmann, toda proeminência da alma em relação ao corpo:

⁷⁰ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 148.

⁷¹ Xavier Zubiri Apalategi (San Sebastián, 4 de dezembro de 1898 – Madri, 21 de setembro de 1983) foi um filósofo espanhol. Estudou em Lovaina, Madri e Friburgo. Discípulo de Ortega y Gasset e, mais tarde, de Heidegger, ocupou a cátedra de História da Filosofia na Universidade de Madri de 1926 até 1935, e depois viveu, até 1939, em Roma e em Paris. Em 1942 ensinou na Universidade de Barcelona, mas abandonou a cátedra dois anos mais tarde, para residir em Madri, onde, até poucos anos antes de seu falecimento, expôs seu pensamento em cursos privados, interrompidos esporadicamente por suas viagens, como quando, em 1973, deu um curso de Teologia na Universidade Gregoriana de Roma.

O homem é uma unidade estrutural e substancial. É uma unidade com coerência primária de um sistema de notas, umas de caráter físico-química, outras de caráter psíquico. O momento físico-químico de tal unidade é o que Zubiri chama organismo (e não matéria ou corpo que lhe parecem coisas vagas).⁷²

Nesta ideia o momento físico-químico é nomeado de organismo e não de matéria ou corpo. Já o momento psíquico é denominado de psiquê e não de alma ou espírito. Estes dois momentos são subsistemas parciais que constituem o sistema total que é o ser humano. Sua psiquê é formal e constitutivamente psiquê de um organismo, e este é formal e constitutivamente organismo de uma psiquê. Esta é orgânica e o organismo é desde si mesmo psíquico. Estes dois momentos se constituem e se codeterminam, mas não de modo hilemórfico, como potência e ato, senão como realidades que se codeterminam em ato e *ex aequo*, para formar a unidade sistemática psíquico-orgânica que é o ser humano. Os subsistemas, organismo e psiquê são irreduzíveis e distintos um do outro, apesar de eles estarem em mútua complementaridade e codeterminação.

Esta concepção de Zubiri é uma alternativa à concepção hilemórfica sobre a relação alma e corpo, que ele prefere chamar de psíquico-orgânica. Esta posição Zubiriana conserva as verdadeiras dimensões da antropologia cristã: corpo, alma e unidade corpo-alma. Juan Luiz Ruiz de La Peña afirma que este pensador tem muito a contribuir e possui um autêntico sistema de pensamento, bem como uma precisa interpretação da realidade. Enquanto outras teorias não a melhoram continua sendo uma teoria apta para dar resposta a questão estudada nesta parte da dissertação.

⁷² RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, p. 148.

3 O SENTIDO ESCATOLÓGICO DA RESSURREIÇÃO SEGUNDO JUAN LUIZ RUIZ DE LA PEÑA

Nessa secção estuda-se a ressurreição como o conjunto de acontecimentos escatológicos, ou seja, que estão destinados para o fim da nossa história vivida aqui na terra. Mas a ressurreição é uma continuidade e está relacionada também com a nossa humanidade, toda a humanidade que compartilha da mesma sorte de Jesus Cristo.

Toda Bíblia, como destacamos na primeira secção, especialmente o Novo Testamento, encontra sua revelação definitiva em Jesus Cristo. É ele a revelação definitiva do nosso futuro e do que seremos, sendo ele a nossa resposta definitiva, conforme a citação de Joseph Ratzinger:

O futuro do homem só se revela definitivamente em Cristo, o homem que “é um com o Pai”, e o homem pelo qual o homem entrou na eternidade de Deus. Só nele, que é o “segundo Adão”, a questão do que seja o homem chega a encontrar uma resposta. Cristo é totalmente humano; por isso, a pergunta representada por nós, seres humanos está presente nele. Mas, ao mesmo tempo, ele é a “Palavra de Deus” dirigida a nós. O diálogo entre Deus e o homem, que se desenrola desde o começo da história, entrou com Cristo num novo estágio: nele, a Palavra de Deus se fez “carne” e entrou assim concretamente na nossa existência. Ora, se o diálogo de Deus com o homem significa vida, se é verdade que o interlocutor de Deus tem a vida porque Deus, que é vida eterna, fala com ele, então podemos concluir que Cristo, o diálogo de Deus conosco, é ele próprio “a ressurreição e a vida” (Jo 11, 15).⁷³

Nosso futuro escatológico será revelado plenamente em Jesus Cristo. É interessante que este texto fala do humano de Jesus, ele assumiu plenamente a nossa condição, passando por aquilo que nós também passamos, menos no pecado. Ele é totalmente humano, mas também é divino por ser Filho de Deus. Por isso que nós também encontramos a dignidade de filhos de Deus. Desde o começo do mundo Deus tem um plano de amor para com toda a humanidade, também para cada ser humano presente aqui nesse mundo.

Esse diálogo de Deus conosco se manifesta na vida, e Jesus veio para que toda a humanidade tivesse vida em abundância. O motivo principal da vinda de Jesus, não foi a condenação do mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Ele é a Palavra

⁷³ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*, 259.

de Deus manifestada a todos. Portanto podemos acreditar que existe a ressurreição, porque ele também ressuscitou.

Por isso que até o nosso primeiro encontro com Deus deve ser visto não com temeridade e com receio. Deus foi tão bom que mandou seu próprio Filho Jesus Cristo para termos mais vida, e não para nossa morte eterna. Este colocar Cristo no centro da ressurreição é destacado também pelo teólogo Ruiz de la Peña:

Resuscitamos: a) porque Cristo ressuscitou (Cristo, causa eficiente da nossa ressurreição); b) a imagem de Cristo resuscitado (Cristo, causa exemplar da ressurreição); c) como membros do corpo resuscitado de Cristo (Cristo cabeça da Igreja, seu corpo, e sujeito complexo da ressurreição); aqui é a raiz e a razão do caráter escatológico da ressurreição, que não acontece ao término da história porque esta precise – igual aos movimentos sinfônicos de uma suntuosa parte final conclusiva, ou porque Deus haja decretado assim, podendo haver sido de outro modo, senão porque nossa sorte está ligada, por natureza, à da comunidade eclesial; a ressurreição só pode ter lugar quando o corpo de Cristo está completo, na cabeça e nos seus membros.⁷⁴

Mais uma vez destaca-se o papel central de Cristo em nossa ressurreição. São três os passos que Ruiz de la Peña utiliza. O primeiro diz respeito à causa eficiente que é Cristo em nossa ressurreição. O segundo é que ressuscitaremos à imagem de Cristo.

O terceiro ponto é importantíssimo, porque destaca o papel de toda a humanidade, todos nós participamos em Cristo da mesma sorte escatológica. Cristo é a cabeça da Igreja e nós somos os membros, por isso que a nossa sorte está ligada à comunidade eclesial, onde todos os membros de Cristo são essenciais. Também é uma visão bonita da caridade que devemos ter para com todos, porque todos fazem parte desse corpo de Cristo que é a Igreja:

Enquanto toda imaginação fracassa diante da morte, a Igreja contudo, instruída pela Revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, além dos limites da miséria terrestre. Mais ainda. Ensina a fé cristã que a morte corporal, da qual o homem seria subtraído se não tivesse pecado, será vencida um dia, quando a salvação perdida pela culpa do homem lhe for restituída por seu onipotente e misericordioso Salvador. Pois Deus chamou e chama o homem para que ele, com a sua natureza inteira, dê sua adesão a Deus na comunhão perpétua da incorruptível vida divina. Cristo conseguiu esta vitória, por sua morte, libertando o homem da morte e ressuscitando para a vida (*Gaudium et Spes*, 251).

O maior desafio que nós presenciamos é a morte. Diante dela não temos como fugir ou até negar. Ela existe e tudo parece fracassar. Se não houver essa esperança

⁷⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 170.

escatológica, isto é, a fé na certeza de que Cristo venceu a morte, então tudo está perdido. Até a vida perde a razão, porque não adianta se esforçar para melhorar se tudo acaba com a morte, pois assim a esperança cristã seria vã.

Existe algo que é mais forte que a morte e que vence esta que parece ser uma barreira final. E esse algo é a vitória de Cristo sobre todas as forças negativas deste mundo. Conforme diz a citação, o ser humano não foi criado para ser deixado sem esperanças nesse mundo. Mas foi criado para compartilhar a alegria e a felicidade que existem em Deus.

Esse é um sentido escatológico muito presente em Deus e assumido por seu Filho Jesus Cristo, nossa felicidade eterna. Deus chama continuamente o ser humano para participar desta felicidade que existe só Nele, porém o ser humano pode até rejeitar porque Deus nos deu a liberdade de escolher.

Por isso não devemos ter em Deus um tirano, um juiz que está só para julgar como se fosse um negociante que pesa as boas e as más ações, depois condena. Deus é muito mais, é um Pai preocupado com a nossa felicidade e o nosso bem-estar. Isso ficou bem visível no seu Filho, que se encarnou para nos salvar.

Nesse sentido escatológico, nosso encontro com Deus será um encontro alegre e o culminar de toda nossa existência, não será com um Deus totalmente estranho que só quer castigar a humanidade. Isso pode ser entendido nessa citação:

É convicção geral da teologia atual que, na morte, o ser humano se encontrará com Deus na pessoa do próprio Jesus Cristo. O amor de Deus apresenta-se na forma que este próprio Deus tomou na vida humana. Sendo assim, porém, o ser humano encontra na morte aquele que durante sua vida na terra nunca condenou ninguém; pelo contrário, chamava a si próprio de bom pastor. Aquele que segue as suas ovelhas quando elas se desgarram. Mais ainda, este Jesus Cristo chamou a si justamente aqueles que não tinham mais esperanças, os resignados e os fracos; em resumo, os pecadores, com suas opções fundamentais malogradas, os seus atos falhos, as omissões, o amor e ódio, verdade e falsidade. Ele os chamou, sem levar em conta a crítica, feita a ele por círculos teológicos de então, que o acusavam de querer igualar a todos, citando a “justiça de Deus”.⁷⁵

Através desta citação podemos entender que há uma continuidade entre este Jesus que viveu neste mundo, e o Jesus glorioso que está no céu. Este mesmo Jesus não pode ter um comportamento tão diferente de quando estava no mundo, tomando parte de quem sofria e precisava. Esse era o fato mais importante da vida de Jesus, querer que

⁷⁵ BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 169.

todos fossem iguais e deixar espaço para a graça de Deus, que age em toda a humanidade.

Jesus é esse Deus que toma parte em nossa vida humana, sua existência foi marcada pela vivência da caridade. Essa caridade era vista principalmente para os mais afastados e tidos como pecadores por todos. E o Jesus escatológico que veremos na hora da morte será esse Deus de caridade para com nossas falhas.

3.1 CONTEXTO TEOLÓGICO SOBRE A RESSURREIÇÃO

É muito importante para o desenvolvimento da dissertação desenvolver o contexto teológico que havia na teologia sobre a ressurreição. Para isso destacaremos o livro história dos dogmas, *o homem e sua salvação*, séculos V ao XVIII, especialmente a parte que trata sobre a ressurreição no capítulo VIII. Este capítulo foi escrito pelo espanhol Luis Francisco Ladaria, teólogo jesuíta espanhol e professor da Universidade Gregoriana de Roma, nomeado pelo Papa Francisco como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, dia 01 de julho de 2017.

Neste artigo em que ele estuda o fim do ser humano e o fim dos tempos, a ressurreição de Jesus ofereceu para os que creem nele a esperança de ressuscitar com ele, por ocasião da segunda vinda. Com isto chegarão os últimos tempos, nesta manifestação gloriosa o Senhor revelará sua realeza salvífica para todos.

Esta vinda gloriosa do Senhor para julgar os vivos e os mortos acompanha também a ressurreição de toda a carne. Os que tiverem feito o bem sairão para a ressurreição que conduz para a vida. Os que tiverem praticado o mal irão para a ressurreição que conduz para o julgamento. Esta ressurreição dos mortos é o caráter distintivo da fé cristã em relação à salvação futura. A vida do ressuscitado é a vida em Jesus Cristo na plenitude de Deus.

Estudaremos nesta parte os dois polos sobre os quais girou o tema da Escatologia: o primeiro é sobre a Parusia, sorte de toda a humanidade, e o outro é o destino pessoal de todo ser humano. De acordo com a época se deu prioridade para um ou para outro aspecto, mas os dois sempre estiveram presentes na reflexão eclesial através dos séculos da Igreja.

3.1.1 A idade Patrística: a ressurreição do corpo total de Cristo

É em vão que procuraríamos entre os padres antigos um tratamento completo sobre a questão escatológica. Na Epístola aos Coríntios de Clemente de Roma já encontramos um testemunho sobre a ressurreição dos mortos, dentre os quais Cristo teve a primazia. Para este autor não há nada de extraordinário que Deus tenha o poder de ressuscitar: “Eu sei que meu defensor está vivo e que no fim se levantará sobre o pó: quando tiverem arrancado esta minha pele, fora da minha carne verei a Deus.” (Jó 19, 25-26)

Nestes versículos percebe-se a razão última e definitiva em nossas vidas é sempre Deus. A razão última da escatologia e da esperança na ressurreição é sempre o poder de Deus, para o qual tudo é possível. A ressurreição dá-se no momento da segunda vinda de Cristo, para os que tiverem feito o bem. Por ocasião desta ressurreição de toda a humanidade se dará o julgamento que recompensará a cada um por suas obras.

Outro autor chamado Inácio de Antioquia defendia que o centro da escatologia é a vida nova em Jesus ressuscitado:

Jesus Cristo ressuscitou verdadeiramente dentre os mortos. Foi seu Pai quem o ressuscitou e também Ele que, à semelhança dele, nos ressuscitará em Jesus Cristo, a nós que cremos nele, fora do qual não temos a verdadeira vida.⁷⁶

Esta frase parece estar em contradição com o início desta secção que afirma que Cristo é a causa eficiente da nossa ressurreição. Porém, o sentido desta parte é dar uma visão geral da ressurreição em toda a história da salvação. Não é a posição defendida nesta dissertação por Juan Luis Ruiz de La Peña, mas tem a função de dar uma visão da teoria tradicional do estado intermediário.

O centro da vida Cristã é a vida nova em Jesus Cristo. Por isso a ressurreição contempla um aspecto positivo na participação da vida em Cristo. Inácio de Antioquia viveu isso com o seu martírio, mesmo sofrendo ele teve a firme fé de que seria libertado em Jesus e renascerá livre nele. É belíssima a sua frase que afirma que a morte é o crepúsculo que dá lugar ao nascer do dia em Deus.

O Pastor, de Hermas foi muito importante para o desenvolvimento da escatologia porque: “encontra-se nesta obra um dos raros textos da época em que é

⁷⁶ ANTIOQUIA, Inácio, apud: LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 347.

utilizado o termo técnico *Parusia* para se referir à vinda de Jesus na glória.”⁷⁷ O Pastor, de Hermas quer convidar a todos para a penitência antes do julgamento iminente de Deus. Os salvos habitarão com o Filho de Deus, pois tem parte em seu Espírito, se perseverarem até o fim. Em contrapartida, em Hermas não se encontra menção sobre a ressurreição.

Para o grande apologista Justino em seus escritos tem uma grande preocupação com a salvação do ser humano e a sua integridade. Este filósofo julga em sua época que a alma é imortal, mas acredita que esta doutrina é insuficiente se a ela não se junta à fé na ressurreição. Para ele haverá diferença entre os bons e os maus na ressurreição, a alma dos justos estará num lugar melhor; a dos injustos em outro, aguardando o dia do juízo. A segunda vinda de Cristo será para Justino o momento da ressurreição e do julgamento. “Para ele a ressurreição se baseia somente no poder de Deus, para Ele não há nada impossível.”⁷⁸ Esta confiança no poder de Deus é o fundamento de toda a fé.

Irineu de Lyon coloca Jesus Cristo no centro de toda escatologia, ele insistirá na salvação da carne. A alma após a morte vai para um lugar invisível, onde espera antes de voltar para o seu próprio corpo:

A alma é imortal, não por natureza, mas porque Deus em sua vontade, quer mantê-la no ser e fazê-la esperar a ressurreição do corpo.⁷⁹

Outra característica do pensamento de Irineu é a relação ente a ressurreição de Jesus e a nossa. Ele utiliza a teologia paulina para dizer que Jesus é a cabeça e a Igreja é o seu corpo. Visto que a cabeça ressuscitou dos mortos todo o corpo também vai ressuscitar. A morte e a ressurreição de Jesus para Irineu são razão e causa única da ressurreição da humanidade. A frase famosa de Irineu é a seguinte: “a glória de Deus é o ser humano vivo, e a vida do ser humano é a visão de Deus.”⁸⁰ Isto é muito interessante neste tema sobre a ressurreição, o ser humano verá a Deus pois está em Deus e Deus quer dar a glória para o ser humano como um presente, para que este seja iluminado pela claridade divina.

⁷⁷ LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 349.

⁷⁸ JUSTINO, apud: LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 350.

⁷⁹ LYON, Irineu, apud: LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 354.

⁸⁰ LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 356.

Para Tertuliano a morte, as trevas e o abandono não são iniciativas divinas, ao contrário, são resultados de uma livre escolha da pessoa humana que Deus respeita. Para Tertuliano:

A escatologia se refere de modo preferencial ao corpo humano. Não há nada de estranho, pois que, a exemplo de Irineu, seu interesse pelo corpo humano, criado à imagem e semelhança de Deus, se reflete também na escatologia.⁸¹

Por isso seu interesse pela salvação do corpo. Na ressurreição haverá a recomposição do composto humano que a morte destruiu. Para este autor a morte separa a alma do corpo, a vida é a união dos dois; se na morte eles se separam a ressurreição deverá fazer a união dos dois. Esta é a recondução da alma para a carne.

Tanto para Justino, como para Irineu e também para Tertuliano, os justos após a morte não vão diretamente para a presença do Senhor, estes justos ficarão num estado intermediário esperando a vinda do Senhor; exceção para Tertuliano que acha que os mártires vão passar direto pela ressurreição, pois a chave do paraíso se encontra no sangue de Cristo, os que passaram pelo martírio podem entrar direto pois partilharam da morte de Jesus.

Já Clemente de Alexandria acreditava que a alma é o melhor aspecto do ser humano, ainda que o corpo para ele não seja mau. Nem pode sê-lo porque foi criado por Deus e o fato de Jesus ter assumido a carne na encarnação, tem por objetivo salvar também a carne. Para Clemente a ressurreição acontecerá no último dia e acontecerá a iluminação última do ser humano.

Orígenes acompanha a tese comum do seu tempo sobre a imortalidade da alma:

A morte física, diferentemente da morte devida ao pecado, afeta somente o corpo, mas a alma sobrevive (...), porque participa da luz eterna, imortal, criada à imagem de Deus e por isso não pode morrer.⁸²

Orígenes acredita que os justos vão para o paraíso antes da ressurreição. Jesus, em sua ascensão, levou consigo os santos do Antigo Testamento. Os que morrem depois sua alma receberá a recompensa segundo os seus méritos, a herança ou o fogo eterno.

⁸¹ LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 357.

⁸² LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 361.

Para Orígenes a ressurreição é o ponto central da doutrina cristã. O pensamento dele sobre a ressurreição do corpo criou dificuldades por muito tempo. Trata-se da ressurreição do nosso corpo num estado e numa condição que se distinguem da que vivemos atualmente. O corpo ressuscitado é um corpo espiritual de características diferentes do corpo atual. Os homens no paraíso serão como anjos de Deus, o que não significa ausência de corporeidade, mas uma posse de corpo transfigurado e luminoso. A alma imortal reveste o corpo e assim o faz participar da sua condição de imortalidade, convertendo o corpo em corpo espiritual.

Outro grande autor deste período foi Santo Agostinho:

O que mais prendia a sua atenção eram os acontecimentos da ressurreição final e do juízo. Com eles dá-se a passagem do tempo para a eternidade, do momento do crescimento para a consumação final.⁸³

A fé na ressurreição é o distintivo para o cristão. Ele também defende o corpo, insiste na identidade material dos corpos atuais com os corpos ressuscitados. A ressurreição será a realização plena da nossa identidade, seremos nós mesmos e a vida eterna pertencerá em plenitude ao ressuscitado.

Quanto a este estudo sobre a ressurreição, o credo de Nicéia já se refere à segunda vinda de Jesus para julgar os vivos e os mortos. O Símbolo de Constantinopla acrescenta no segundo artigo que, na segunda vinda, Jesus virá em sua glória e que seu reino não terá fim. Na redação do terceiro artigo acrescenta a esperança na ressurreição dos mortos e na vida do mundo que há de vir.

O primeiro concílio de Braga afirmou em 561 a fé na ressurreição da carne. O 11º Concílio de Toledo fala também da nossa ressurreição, a exemplo de Cristo. O centro de todos os concílios desta época destaca a ressurreição dos mortos no momento da volta de Cristo no final dos tempos, como ressaltam os Símbolos de fé.

3.1.2 O período medieval: a sistematização da escatologia pessoal

A sorte dos defuntos na ressurreição final é descrita por Hugo de São Vítor. Este pensador estuda a escatologia “intermediária” e a escatologia final. Para ele a alma não habita mais o corpo quando ela o cessa de vivificar. Mesmo separada do corpo as

⁸³ LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 367.

almas podem sofrer penas. São as penas do inferno, de um lado e as penas purgativas, de outro, que constituem a salvação através do fogo.

Hugo insiste sobre a ressurreição da carne, porque não pode haver verdadeira ressurreição se não reerguer o que está caído. Todos os homens ressuscitarão, mas na estatura que teriam com a idade de 30 anos, que foi a idade com que Cristo morreu. Nesta Parusia o mundo também irá ser transformado em um mundo melhor para se adaptar aos homens ressuscitados, que terão, também eles, sido transformados em homens melhores em suas carnes.

Na obra de Pedro Lombardo quem exerceu a principal influência foi Santo Agostinho. Para este autor todos ressuscitarão também com a idade de Cristo, nada se perderá da matéria de cada um, porque todas as partes do corpo serão reintegradas nele. Para os salvos estes terão uma glória e uma alegria mais intensa, após a ressurreição e o julgamento final, do que antes.

O abade Joaquim de Fiore (1130-1202) profetiza para este mundo a realização do que esperamos para o além. Ele divide a história em três: a primeira idade é a do Pai e começa com Adão; a segunda começa com o rei Ozias e frutificou particularmente em Jesus Cristo pelo qual descobrimos o verdadeiro sentido do Antigo Testamento; a terceira era é a do Espírito Santo que começou com os monges como São Bento e que na época de Joaquim estava para manifestar-se definitivamente.

Para Boaventura o resumo da escatologia se encontra no juízo. Em sua Parusia Jesus se tornará visível a todos em sua humanidade, mas somente os justos o verão em sua forma divina:

Incluem-se no julgamento final a destruição e a renovação do universo, bem como a ressurreição. Esta segunda é, sem dúvida alguma, uma questão bastante central e importante. A ressurreição é para todos, e os bons ressuscitarão na medida da plenitude em Cristo (Ef 4, 7). Todos os corpos ressuscitarão, tanto os bons como os maus, em sua identidade numérica. Os defeitos corporais dos justos serão corrigidos.⁸⁴

O juízo nesta citação destaca o seu papel central na teologia de São Boaventura. No julgamento final todos serão chamados, bons e maus, só que a diferença é que os bons ressuscitarão para a plenitude em Cristo. A ressurreição para ele é uma necessidade da justiça, da graça e da natureza. Da justiça porque esta exige que o ser humano seja castigado ou salvo em todo o seu ser. Da graça porque exige que o corpo

⁸⁴ BOAVENTURA, apud: LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 378.

inteiro seja assimilado à cabeça que é Jesus. Da natureza porque esta exige que o ser humano seja formado de uma alma e de um corpo, forma e matéria, que se desejam mutuamente.

Santo Tomás de Aquino afirmava que a transformação e a purificação do mundo devem vir antes da ressurreição. A razão é que o mundo foi criado para o ser humano, quando este for glorificado em seu corpo na ressurreição, todas as coisas do mundo devem ser também modificadas para um estado melhor. A causa principal da nossa ressurreição é Jesus Cristo, porque ele é o mediador entre Deus e os Homens. Uma vez que começou a ressurreição em Jesus ele é a causa da nossa. Cristo é, assim, enquanto Deus, a causa primeira da nossa ressurreição.

Para Santo Tomás há identidade no corpo ressuscitado:

Uma vez que a união corpo e alma não é acidental, é claro que a ressurreição pressupõe que se trate do mesmo corpo. Se assim não fosse não poderíamos falar de ressurreição, mas de uma assunção de um novo corpo pela alma.⁸⁵

Porém Santo Tomás de Aquino não defende de modo excessivo a identidade material do corpo. Quando morremos a matéria do nosso corpo pode ser reconduzida para a reparação do corpo humano inteiro, conservando uma identidade também material sem o qual não haveria uma verdadeira ressurreição.

3.1.3 As declarações Pontíficas e Conciliares do século XIII ao Concílio Vaticano II

O primeiro concílio ecumênico a ser considerado é o de Latrão em 1215. Este concílio sustentava que Jesus virá no final dos tempos para julgar os vivos e os mortos e dar a cada um sua recompensa, aos réprobos e aos eleitos:

Todos ressuscitarão com o próprio corpo que têm agora, para receber, de acordo com o que eles terão merecido ao fazer o mal ou ao fazer o bem, uns o castigo sem fim com o diabo, outros, a glória eterna com Cristo.⁸⁶

⁸⁵ AQUINO, Tomás, apud: LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 381.

⁸⁶ LADARIA, Luis Francisco. *História dos Dogmas: Tomo 2, O Homem e sua Salvação*, p. 385.

O concílio de Lião (1274) contém muitas afirmações escatológicas, ou segundo texto, sobre a sorte dos defuntos. Ela começa com o purgatório onde os arrependidos sinceros que morrem na caridade, sem ter satisfeito com dignos frutos de penitência suas faltas e omissões, são purificados após a morte por penas purgatórias.

A constituição *Benedictus Deus*, de Bento XII, promulgada em 29 de janeiro de 1336, reveste-se de maior interesse e importância. O ponto fundamental deste documento é a declaração da imediata retribuição para os bons e para os maus, pelo menos após a ascensão do Senhor. Em segundo lugar está a preocupação com a beatitude eterna, a visão imediata de Deus e a alegria que ela proporciona.

Essa visão de Deus durará sem interrupção até o julgamento final. A alma daqueles que morrerem em estado mortal desce logo aos infernos. Todavia, no dia do juízo, todos os homens comparecerão em seus corpos diante do tribunal de Cristo, para prestar contas de seus atos pessoais. A imeditez da recompensa não é problema para a importância do juízo particular e da ressurreição; mas são os problemas da escatologia pessoal ou intermediária que estão em primeiro plano.

No concílio de Trento (1545-1563) o tema do purgatório foi praticamente o único a aparecer. Encontram-se alusões isoladas sobre o decreto da justificação e na doutrina sobre o santo sacrifício da missa, em que fala o sufrágio sobre os defuntos. No decreto sobre o purgatório retoma-se a doutrina tradicional que afirma que o purgatório existe e que as almas que nele estão são ajudadas pelo sufrágio dos vivos, especialmente pelo sacrifício do altar.

Entre o final do Concílio de Trento em 1563, e o Vaticano II, não encontramos intervenções pontifícias referentes à escatologia. No Concílio Vaticano II destaca-se a escatologia da *Lumen Gentium*, expressa no capítulo VII, intitulado: o caráter escatológico da Igreja peregrina e sua união com a Igreja celeste. O concílio contempla o conjunto da obra salvífica de Jesus e o caminho histórico da Igreja em direção à consumação final.

Nesse meio termo, entre a obra salvífica de Jesus em direção à consumação final, o papel do cristão é o da vigilância, pois ele não sabe o dia e a hora em que estas coisas acontecerão. O final do número 48 resume os conteúdos da esperança escatológica para a humanidade:

Fortes na fé, aguardamos a esperança bem-aventurada e a manifestação do grande Deus e Salvador nosso Jesus Cristo (Tit 2, 13), “que transfigurará nosso corpo abatido, para que seja conforme ao seu corpo glorioso (Filip 3,

21) e que virá “para ser glorificado nos seus santos, e se fazer admirável em todos os que creram (2 Tes 1, 10) (*Lumen Gentium*, 48).

Com a morte termina o nosso curso aqui na terra, exclui-se a ideia de reencarnação ou qualquer teoria que prive nossa vida terrestre de seu caráter definitivo e escatológico. As possibilidades de salvação ou de condenação dependem do proceder de cada um durante a sua vida terrena. O capítulo escatológico da *Lumen Gentium* caracteriza-se pela linguagem bíblica; quase todo o texto está construído sobre citações neotestamentárias. O quadro da doutrina sobre a Igreja em que se insere o capítulo favorece a perspectiva universal da escatologia na qual a posição central de Cristo é bastante percebida.

No segundo documento importante sobre o assunto escatológico, a *Gaudium et Spes*, este assunto não é tratado de forma sistemática. O capítulo que fala sobre a dignidade humana apresenta o ser humano como único composto de um corpo e de uma alma espiritual e imortal (n. 14). O número 18 trata de novo deste tema em ligação com o mistério da morte, pois há no ser humano uma semente para a eternidade. O ser humano não pode ser reduzido à simples matéria que se corrompe; uma esperança se abre aos cristãos pela ressurreição de Cristo, pois Deus chamou e chama o ser humano para se unir a Ele com todo o seu ser na comunhão perpétua.

Jesus é o princípio e o fim de todas as coisas, também o centro e o sentido de toda a vida humana, é isto que destaca o documento *Gaudium et Spes* como uma conclusão escatológica:

Pois o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, Ele próprio se encarnou, de tal modo que, como homem perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos. A Ele é que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita constituindo-o juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e congregados em seu Espírito, caminhamos para a consumação da história humana, que concorda plenamente com seu desígnio de amor: “reunir todas as coisas em Cristo, as que estão no céu e as que estão na terra” (Ef 1, 10) (*Gaudium et Spes*, 45).

3.2 QUE É RESSUSCITAR?

Ressuscitar é para nós cristãos a maneira imprescindível da realização da vida humana. A ressurreição é para o ser humano inteiro, corpo e alma, sem dissociar um do

outro. O cristianismo, neste contexto, conhece a ressurreição dos mortos pelo poder de Deus, obra da Santíssima Trindade:

Como a ressurreição de Cristo, também a nossa será obra da Santíssima Trindade: Se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também aos vossos corpos mortais, mediante seu Espírito que habita em vós (Rm 8, 11) (*Catecismo da Igreja Católica*, 989).

O ponto central da nossa fé não é a ideia da devolução do corpo, mas da ressurreição dos mortos. Esta é a salvação do ser humano uno e indiviso, e não apenas de metade do ser humano. A ideia da imortalidade da pessoa é expressa na Bíblia com o termo ressurreição. Segundo a fé cristã, o ser humano continua existindo após a sua morte, só que agora transformado através da ressurreição dos mortos.

Trata-se para o ser humano de uma realidade dialógica, ou seja, a imortalidade não é fruto da impossibilidade natural do ser humano ser indivisível, mas da ação salvadora do amante que pode fazê-lo. É pela graça de Deus que o ser humano ressuscita, especialmente através de Jesus Cristo que se encarnou e morreu para nossa salvação.

Ressuscitamos porque Cristo ressuscitou e à imagem de Cristo ressuscitaremos: Ele é a causa eficiente e exemplar de nossa ressurreição. Toda a existência cristã tem sido um processo de assimilação, conformação, transformação em, por e com Cristo; a ressurreição nos confere o último e definitivo traço desse processo, ao nos fazer cópia dele que é, por excelência, o ressuscitado.⁸⁷

Esta citação afirma que o cristão acredita no poder amoroso de Deus que é mais forte do que a morte. A força que vence a morte vem de Jesus Cristo, não do próprio ser humano, mas daquele que nos criou. É nesse diálogo com o criador que voltamos à vida, não somos indestrutíveis pelas nossas forças, mas voltamos porque Deus quer assim.

O ser humano concreto se realiza na história com a sua corporeidade, por isso a ressurreição da alma precisa ser também a ressurreição dos seres humanos. Não perdemos a nossa unidade de seres humanos nem a nossa identidade, mas somos transformados.

⁸⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 155.

A ressurreição da carne para os cristãos é a esperança na ressurreição dos mortos. Com isso não quer dizer como se fosse uma supervalorização de uma parte do ser humano, senão uma restituição da vida total do ser humano inteiro. Quando Deus criou o ser humano já designou-o para ser imortal em todas as suas dimensões, também em sua corporeidade.

A vida humana tem relações com a história, a condição de ser humano transcorre num determinado tempo histórico. A própria relação de Jesus Cristo com a humanidade transcorreu num determinado período histórico. Esse ser ressuscitado tem uma identidade com o corpo terreno, entendido como uma identidade com a matéria corporal atual, que Deus vai convocar de novo para reconstituir o corpo glorificado por seus atributos da sabedoria e onipotência.

O autor Ruiz de la Peña defende essa teoria da identidade entre nosso corpo terreno e o corpo glorificado:

Uma antropologia unitária, que vê na corporeidade um momento constitutivo do autêntico homem, tem que pensar o futuro humano definitivo em termos de encarnação. A Bíblia e, portanto, a fé cristã patrocinam esta antropologia. Assim, pois, se o homem tem realmente um porvir mais adiante da morte, este não pode ser ele de uma subjetividade espiritual e acósmica (tese da imortalidade da alma), senão o de um espírito encarnado, para ele que corpo e mundo são outros tantos fatores constitutivos de seu ser, e não simples complementos circunstanciais de seu estar.⁸⁸

Nessa passagem entende-se bem o que quer dizer ressurreição dos mortos. Não é uma ressurreição de uma parte do ser humano, nem uma devolução dos corpos para a alma. Vai muito além, seu sentido é que a vida vai ser restituída ao ser humano inteiro. Não é como o mundo helenizado, que pensava numa dicotomia entre corpo e alma.

O sentido originário da ressurreição é que Deus criando o ser humano quer o ser humano, ou seja, Deus não cria para deixá-lo sem futuro. Deus quer o ser humano como valor absoluto e supremo, por toda a eternidade. E esse valor que Deus dá ao ser humano ocorre em todas as suas potencialidades e dimensões, também em sua corporeidade.

O projeto de Deus se estende também para toda a sua criação e toda a humanidade. A união com os outros seres humanos é uma realidade constitutiva, e essa

⁸⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 166.

dimensão não pode ser excluída. Há depois da morte uma comunhão entre os seres humanos.

O plano de Deus para a humanidade e para a nossa ressurreição concretizou-se em Cristo. Deus se comunica conosco através de seu Filho, que viveu nossa humanidade inclusive a morte. Nesse caminho até Cristo estamos em contato também com os outros, nossos irmãos e irmãs que também fazem parte desse plano de Deus. Deus não existe fora de Cristo e do nexa com toda a história humana.

O nosso diálogo com Deus começou com a fé. Esta fé não pode ser destruída pela morte e pelos poderes deste mundo. O conteúdo central da nossa fé é a ressurreição. Esta acontece não com uma devolução dos corpos à alma, mas que nós continuaremos vivendo, não pelo nosso próprio poder, mas porque somos amados e queridos por Deus. Ele não permite que desapareçamos por toda a eternidade. É o próprio ser humano que viverá, não só a sua alma isolada.

Ter uma alma espiritual é ser reconhecido por Deus. Mas vai além, é ser chamado por Deus para um diálogo eterno com Ele, que conhece e a quem quer responder-lhe. A imortalidade do ser humano se baseia nesse intercâmbio dialogal com Deus, cujo amor é a única fonte de eternidade.

Por isso que Juan Luis Ruiz de la Peña afirma com forma de resumo para a compreensão da ressurreição:

A ressurreição, em suma, confirma a identidade do homem, mas também de Deus, que se nos revela a sua luz como sendo o que diz ser: amor fiel e veraz, mais forte que a morte.⁸⁹

Essa é a síntese do que é ressuscitar, de forma simples, mas que ao mesmo tempo alcança um profundo grau teológico. O ser humano possui uma identidade com Deus que não se acaba com a morte. Deus se revela nesse momento mais difícil da existência como luz e caminho para o ser humano. E esse caminho é sintetizado pelo amor de Deus pelo ser humano e pela resposta deste.

A morte não é algo negativo, por isso nossa fé na ressurreição não a nega. A morte é para nós tão somente uma passagem, uma passagem para esse Deus de amor e de bondade que está sempre perto para ajudar e acolher o ser humano. Essa é a melhor perspectiva para analisarmos a morte e para dar orientações para as pessoas, tão carentes de esperanças que sustentem sua fé na ressurreição.

⁸⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 169.

Não poderíamos encerrar esta parte sem destacar a importância do cosmos na história pessoal e do mundo. Existe um último nexos entre o espírito e a matéria em que se cumpre o destino do mundo e do ser humano. Existe então o dia do juízo para completar o destino da humanidade.

O cristão está inserido dentro de uma comunhão com Deus, com o mundo e também com seus irmãos. Por isso:

A ação ressuscitadora é a resposta à interrogação da morte humana; assim a vê a Escritura, tanto em suas primeiras manifestações como no caso arquetipo de Cristo. A morte é a crise suprema da existência do homem. Porém esta crise alcança também a Deus, enquanto que põe a prova sua fidelidade e seu amor e sugere a questão se um ou o outro são mais fortes do que a morte.⁹⁰

Essa visão é muito importante para que nossa ressurreição não seja só um caminho egocêntrico, mas que esteja também voltado para os outros. O futuro do ser humano tem uma dimensão particular, mas também é universal porque compartilha da sorte de seus irmãos e irmãs.

Não podemos nesse contexto ficar só olhando para ver o que acontece, caindo num comodismo pessoal. Devemos ver que toda nossa vida atinge sua plenitude com a ressurreição e fazer nossa parte na história da humanidade. Deus quer que acreditemos que o amor é mais forte do que a morte e que Ele tem esse poder de nos tirar do poder da morte, nós e ao mundo todo como projeto de sua criação.

3.3 NA MORTE DEUS VAI RESTITUIR A VIDA AOS NOSSOS CORPOS MORTAIS.

Essa afirmação perpassou os séculos e sua compreensão também foi diferente no desenvolvimento da teologia. Nos três primeiros séculos, não se falava tanto na ressurreição dos mortos, mas se falava mais em ressurreição da carne. Na salvação do ser humano como criatura também estava incluída toda a corporeidade do ser humano e da criação como tal. A ressurreição humana tem de incluir também a dimensão corpórea do ser humano.

⁹⁰ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 168.

Isso é explicado também pela atividade terrena de Jesus Cristo. Esta é a realidade terrena de Jesus Cristo, quando ele assumiu a carne humana, sendo Deus e ser humano numa mesma natureza, por isso:

Então resulta claro que o que promete a esperança cristã não é a recuperação de uma parte de meu homem, senão um ser homem para sempre; ser “eu mesmo”, e ser plenamente. Esse ser é corpo; o corpo é totalidade do homem uno assomando-se ao exterior, mostrando e dizendo (como a alma é essa mesma totalidade una e indivisa em sua interioridade e profundidade). Ressuscitar com o mesmo corpo significa, recobrar a vida em todas as suas dimensões autenticamente humanas; não perder nada de tudo aquilo que agora constitui e singulariza a cada homem.⁹¹

Nesse parágrafo destacamos a importância do corpo para a ressurreição e como reflexo de toda obra da criação de Deus. O nosso Deus é um Deus fiel em toda a criação, ele não criou algo depreciável no ser humano, tudo faz parte do seu ato criativo e tem suma importância. Não é fonte de pecado, mas faz parte da totalidade das obras criadas e planejadas por Deus.

A ressurreição da carne é também a ressurreição das criaturas, com seus corpos. Deus manifestou sua vontade em Jesus que ressuscitou com seu corpo, esta é uma fidelidade de Deus para com toda a sua criação. A criatura não pode prescindir da sua carne, do seu corpo, pois este faz parte do plano de Deus. A exclusão da corporeidade põe em risco até a temporalidade no mundo, por isso não pode ser excluída a dimensão corpórea, como parte fundamental na ressurreição.

Poderíamos nos perguntar nesse momento: O que é isso de corpo ressuscitado? Orígenes em suas sentenças dizia que há uma materialidade no corpo humano que sempre muda e há uma permanente, que o indivíduo expressa inconfundivelmente. Para ele não se trata da conservação do corpo antigo e nem a sua imitação, senão uma produção do essencial. Este corpo definitivo não se apoia nas causalidades das coisas terrenas, mas são corpos ideais que conservam sua essência.

Nesse sentido, Ruiz de la Peña destaca a argumentação de Orígenes como:

Nosso autor denuncia como falsas e ridículas as doutrinas de uma identidade material do corpo ressuscitado a respeito de sua estadia terrena, tal e como havia sido proposta pelos apologistas. Sua alternativa consistirá em distinguir entre corpo e carne: deve negar-se que Deus ressuscite a carne; deve afirmar-se que ressuscita os corpos como corpos espirituais. A identidade entre o corpo presente e futuro não se baseia na continuidade da

⁹¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 168.

mesma matéria, posto que nem sequer na atual existência se dá tal identidade; nossa substância carnal de hoje não é a de alguns anos.⁹²

Esse parágrafo é muito importante para a compreensão do que é restituir a vida aos nossos corpos mortais. É interessante que no século III d.C. já haviam chegado a uma compreensão teológica da ressurreição do corpo. O corpo para Orígenes ressuscitava de forma espiritual, não com a mesma matéria que conservamos em vida.

Porém, este corpo com o qual vivemos na terra, conserva uma identidade para a eternidade. Eu vou conservar uma identidade com o que eu era aqui na terra, não é uma total ruptura com o que eu sou aqui nessa vida. O corpo será espiritual e não conhecerá os limites que tenho, bem como as necessidades básicas de comida e os limites físicos que tenho. Por isso será um corpo espiritual, que vai para além do tempo e do espaço, um corpo glorioso.

A fé da Igreja nesse momento exige que na ressurreição se conserve a identidade corporal. Este corpo da existência terrena será também da existência ressuscitada, porém transformado em corpo glorioso. Há a necessidade de salvar a identidade corporal para não confundir com uma reencarnação, quando a pessoa recebe um outro corpo e volta constantemente para esta vida terrena.

Existem duas correntes teológicas, a primeira afirma que o corpo ressuscitado conserva a mesma matéria, o que é difícil de acreditar. A segunda afirma que há uma identidade formal, não material. Ruiz de La Peña faz uma síntese interessante, e que dá um sentido para o desenvolvimento dessa parte:

Ressuscitar “com o mesmo corpo” significará portanto, por outro lado do que já foi dito: ressuscitar com um corpo próprio, isto é, um corpo que transparece a própria e definitiva mesmice, sem possível equívoco; um corpo que é mais meu que nunca, na medida em que é supremamente comunicativo do meu eu. O corpo glorioso (*soma pneumatikón*) (...), livre de todo automatismo inconsciente, depositário de uma plenitude integral que nasce no núcleo mais íntimo da pessoa e alcança e transfigura sua corporeidade.⁹³

Por isso é importante que, quando ressuscitarmos para a eternidade, nosso corpo também será glorificado. É um corpo mais meu do que nunca e que participa da

⁹² RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*, p. 163.

⁹³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 224.

minha felicidade eterna. Será um corpo glorificado e livre de todo inconsciente, do qual não temos o controle total nesta vida terrena.

É uma transfiguração da pessoa, em que o mais íntimo será transformado de forma integral. Eu desenvolverei todas as minhas potencialidades, será uma nova criação de Deus conservando a minha identidade. Essa nova criação se estenderá até o mundo, tendo o Cristo como centro de todo universo.

Neste contexto ficou claro que a nossa ressurreição tem relação com nossos corpos e nossa identidade pessoal. Na morte Deus vai restituir a vida aos nossos corpos mortais, também a toda a sua obra criativa nesta terra. O cosmos é história, a matéria representa um momento na história do espírito. Não existe um caráter neutro entre matéria e espírito. O que existe é uma última complexidade em que o mundo e a pessoa encontram o seu ômega e sua unidade. A meta do cristão não é uma bem-aventurança particular e sim o todo. Ele crê em Cristo e por isso crê no futuro do ser humano, e não apenas em seu próprio futuro. Por isso ele crê que Deus vai restituir a sua vida, também estendida ao seu corpo mortal, depois de sua morte. Nosso trabalho na terra, tendo em vista essa esperança, alcança sentido e não é de forma alguma inútil.

O modelo tradicional sobre a morte e a ressurreição sempre defendeu que a alma se separa do corpo e entra numa nova dimensão, chamada eternidade. Nessa dimensão a alma é julgada por Deus, ou indo para o inferno ou para o céu, depois de passar pelo purgatório. A isso damos o nome de Juízo Particular. A pessoa aguarda até o dia do Juízo Final, quando acontecerá a ressurreição do corpo e a alma passará com seu corpo ou na alegria do céu ou no tormento do inferno.

É isso que se destaca na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

Pois antes de reinarmos com Cristo glorioso, todos nós comparecemos “diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba conforme o que tiver feito, por meio do corpo, o bem ou o mal” (2 Cor 5, 10). E no fim do mundo “os que praticaram o bem irão para a ressurreição da vida, mas os que praticaram o mal, para a ressurreição do juízo” (*Lumen Gentium*, 132).

Nessa citação destacamos claramente a visão do modelo tradicional. Esse modelo é dualista, hoje se fala mais em modelo binário. Essa ideia de que a alma sozinha poderia esperar na eternidade entra em contradição com o próprio tema de eternidade.

Uma pergunta interessante: será que na eternidade existe o tempo? Para Deus o tempo não existe. A eternidade é sempre vista como uma simultaneidade total, não

podemos falar em eternidade como o passar dos tempos. Na eternidade não existe o tempo como nós o concebemos. Por isso:

Quando não há tempo, não se podem passar anos e séculos, no decorrer dos quais a alma possa aguardar a futura chegada do Juízo Final, para de novo se reunir com o corpo.⁹⁴

Portanto, se a eternidade é um *agora simultâneo*, a ressurreição não pode acontecer num futuro temporal, porque na eternidade tal futuro não existe. Eternidade significa um agora simultâneo, e nesse agora de Deus não há espaço para o futuro. Tudo é agora. Com base nesse argumento formulou-se a partir dos anos 70 do século XX uma nova concepção do que acontece com a pessoa na morte.

Segundo esse modelo, a ressurreição da pessoa inteira ocorre na morte. Esse princípio não fere os dogmas da Igreja porque conforme vimos, a ressurreição ocorre no final dos tempos. E o final dos tempos acontece no momento da morte da pessoa, é nesse momento que ocorre a ressurreição da pessoa:

A ressurreição da pessoa humana em corpo e alma acontece no momento de sua morte, quando esta pessoa inteira e integral sai de sua ligação ao tempo e entra em nova dimensão, chamada eternidade.⁹⁵

Por isso em nenhum momento a alma se separa do corpo e fica sozinha, porque entre a morte e o final dos tempos, nem teria tempo de separar do corpo porque na eternidade o tempo não existe mais.

3.4 A RESSURREIÇÃO E O SEU PROVEITO PARA A HUMANIDADE

Nesta parte da dissertação destacaremos que Deus ama a humanidade. A doutrina cristã da ressurreição é uma explanação desta certeza, que é óbvia para o crente, mas vazia para o incrédulo. O amor de Deus perpassa toda a nossa vida, está no começo de tudo, pois Deus cria todo o mundo por amor. No final da nossa vida Deus plenifica a toda existência do ser humano com o seu amor benevolente.

O amor de Deus aponta sempre para o ser humano, imagem de Deus e que existe para participar do mesmo ser de Deus. O destino do ser humano é ser em Cristo,

⁹⁴ BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 104.

⁹⁵ BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*, p. 110.

como já foi destacado várias vezes nesta dissertação. Porém, esta participação do modo de ser de Deus só é alcançado pelo ser humano quando Deus quer se comunicar de forma gratuita e amorosa.

Estamos diante de um paradoxo, o ser humano é imagem de Deus, mas isto não lhe basta para chegar a ser partícipe da condição divina segundo o propósito do criador. Em outras palavras, o enigma do ser humano,

Baseia-se na impossibilidade de realizar autonomamente a mais genuína possibilidade da própria condição. Ao criar o ser humano, Deus quis fazer um ser finito, mas chamado à infinitude.⁹⁶

Se Deus criou o ser humano finito isto só pode ser defendido se Deus criou a humanidade com o único propósito de ele vir a preencher sua finitude. Isto com a intenção do ser humano ir além das barreiras da sua limitação. Assim, o ser humano é por natureza transcendido para o que deve ser pela graça.

É aí que vem o proveito da ressurreição para a humanidade. A maior graça que podemos ter na vida é a salvação. Este é um tema que circula livremente por todos os itinerários religiosos e também por vários sistemas filosóficos. É o que perpassa pela civilização tecnocientífica e pela cultura consumista, estas professam a ideologia da eficácia, que deve tudo a si mesma e não depende de Deus.

Isto é um perigo porque estas pessoas não sabem entender a salvação de Deus para toda a humanidade. Isto nega toda gratuidade e a hipótese de uma realização do ser humano, que só é possível como dom imerecido, haverá de ser estranha para eles. Também a ideia de salvação não está isenta de dificuldades. A constatação é óbvia, basta ver o número de literatura sobre o tema. A salvação é uma das noções chave em termos de linguagem religiosa e precisa de explicação.

As dificuldades tem a ver com a ideia de salvação, trata-se de um termo não facilmente restringível a um significado preciso, há muitas terminologias porque:

Todo mundo sabe quais são os males que tornam infeliz o homem; não é lá tão simples, em compensação, confeccionar o catálogo dos bens que o fazem feliz. É por isso que, se é relativamente simples determinar com suficiente exatidão o que é a não-salvação, a empresa de definir nitidamente a salvação revela-se problemática.⁹⁷

⁹⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, graça, salvação*, p. 74.

⁹⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, graça, salvação*, p. 76.

Devemos ter em conta que nos movemos em um terreno profundamente subjetivo, o que torna improvável um modelo universalmente válido. Por isso que muitas vezes até no campo teológico se procura tratar de libertação em vez do discurso da salvação. Libertação é muito mais concreto e operativo que salvação, além de ter mais consenso ao redor de si.

A humanidade aspira em sua vida não só a libertação do mal físico, moral e institucional. Também sonha com a salvação no seu sentido positivo de felicidade, a presença do bem, a plenitude de vida, cumulada de densidade existencial e salvo de toda a ameaça. Isto quer dizer salvação, não só para a outra vida, mas uma vida em plenitude já nesta vida. A melhor definição de salvação para Ruiz de La Peña é a seguinte: “o ser humano quer ser, ser ele mesmo, ser sempre, ser de forma consumada. É algo desse tipo que chamamos salvação.”⁹⁸

A primeira dificuldade é quanto à definição de salvação, a melhor é a que acabamos de apresentar. A segunda é quanto à globalidade. A salvação não merece este nome se for regionalizada. Quando setORIZAMOS a salvação ela nos escapa. A salvação tem de ter este tripé que é a salvação da pessoa, da sociedade e da realidade. Por isso o projeto salvífico é tudo ou nada, ou é para todos ou não pode ser aplicado.

Outro grande problema em relação à salvação é a crise da ideia cristã porque o discurso sobre este tema tornou-se dificilmente compreensível. Um dos motivos para esta dificuldade é a linguagem empregada, em outros tempos seriam bons, hoje pouco ou nada dizem para a humanidade racionalmente crítica. O pecado, a justificação, a expiação, satisfação e visão beatífica são termos difíceis e sem ancoragem na concepção e verbalização atual.

Além desta perda de significatividade da linguagem, há também um problema na disparidade de acentos. A teologia clássica da salvação caiu na armadilha de preocupar-se só com o transcendente da relação ser humano-Deus. Acabou desdenhando suas mediações histórico-sociais e concentrando sua proposta em torno do pecado-graça. Isto tornou a teologia insensível a outros males dos quais a humanidade precisa redimir-se e ignorou outras como a libertação. Só articulando projetos práticos de libertação é que torna crível a salvação.

A situação atual quanto à salvação apresenta um mundo fragmentado, onde o resultado é uma falta de orientação, de ética e um anarquismo indiferente. Para as

⁹⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, graça, salvação*, p. 76.

peças atuais também estas vivem um clima de despedaçamento interior, de solidão e de falta de comunicação.

Retomar um discurso sobre a salvação neste contexto sempre é perigoso, porém não podemos deixar de tentar fazê-lo se ainda cremos em Jesus de Nazaré. É ele que nos obriga, apesar de todas as dificuldades sobre o assunto, a continuar falando sobre a salvação. Em resumo, em Jesus está a nossa salvação:

A primeira pregação apostólica proclamou, à distância de poucos dias dos acontecimentos pascaís, que no destino trágico de Jesus havia tomado corpo a promessa de salvação, de modo que “não há sob o céu nenhum outro nome oferecido aos homens que seja necessário à nossa salvação” (At 4, 12). A vida, a morte e a ressurreição do profeta de Nazaré são o acontecimento salvífico que Israel aguardava desde os tempos antigos.⁹⁹

Esta é a ideia central deste texto, Jesus é o fundamento da ressurreição, da vida e da salvação para toda a humanidade. Não há além dele quem possa salvar e nos dar vida plena neste mundo, nos ressuscitar e por merecimento salvar a todos os que praticaram o bem.

Toda a vida de Jesus foi em favor dos que estavam numa situação social e religiosamente depreciada. Ele teve a predileção pelos pobres e pecadores. No tempo de Cristo a sociedade era teocrática e a palavra pecador não era só religiosa, mas indicava também uma classificação sociológica. Os pecadores são os publicanos, as prostitutas, os leprosos, os ignorantes e os enfermos. Pecadores eram todos os marginalizados da sociedade naquele tempo.

No que se refere aos pobres, Jesus manifesta que a riqueza é um obstáculo para aqueles que querem ser salvos. A salvação que Jesus anuncia aos pobres é um amor gratuito de Deus a partir do nada. É interessante que os mais amados são justamente os menos amáveis, os que não tem nenhum título para esperar amor, menos ainda exigí-lo ou retribuí-lo. Estes são os que mais percebem este amor gratuito de Deus, justamente porque não tem nada, veem o amor como simples dom e um este é um amor puro.

Foi isto que pôs Jesus em conflito com a religião judaica, esta via a salvação como troca comercial ou tráfico mercantil. Isto é desbancado por Jesus que vê a salvação como a dos desgraçados agraciados. Durante o ministério público de Jesus este proclamou com palavras e ações uma salvação atípica, que tem como fundamento o amor.

⁹⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, graça, salvação*, p. 80.

Foi dessa existência de amor que Jesus se fez o porta-voz e a encarnação dele foi um testemunho disso. Ao mesmo tempo que oferecia a salvação, ele ia atuando nela por meio de suas opções e comportamentos. É claro que ele não poderia agir assim impunemente, essa atitude não tardou em trazer a morte para Jesus.

É neste ponto que vem a pergunta: será que existe salvação numa vida que desemboca na morte? Porque a morte não é salvação; é mais propriamente uma negação da salvação. Com a morte de Jesus fica em suspenso o valor salvífico de sua pessoa e de sua obra. A única coisa que poderia corrigir esta questão é a ressurreição. Podemos concluir que o amor que Cristo teve e a doação de si mesmo, acaba revelando-se mais forte do que tudo, mais forte até mesmo do que a morte.

A sequência de Jesus vida-morte-ressurreição gera a salvação. Jesus é a salvação. A vida de Jesus entregue implica a morte. Porém, esta entrega não pode ser frustrada e tem de chegar ao seu destinatário, por isso implica a ressurreição:

Portanto, a salvação não brota nem só da cruz (como pensam os legalismos, estoicismos e os mais diversos tipos de ascetismo) nem somente da ressurreição (como estipulam os misticismos e utopismos entusiastas), mas do acontecimento da Páscoa, que funde em uma unidade cruz e ressurreição.¹⁰⁰

Isto é muito interessante porque defende o equilíbrio entre cruz e ressurreição. Não podemos achar que a cruz é mais importante porque ficaríamos só no sofrimento de Jesus. Seria a canonização da dor pela dor, o que pressuporia um Deus apático e não um Deus que sofre e morre com o ser humano. Também pregar um Cristo só ressuscitado ficaríamos só no transcendente. Um salvador que sobrevoasse angelicamente esses abismos da condição humana seria um estranho à história. A Páscoa cristã é que ilumina todos estes acontecimentos e lhes dá significado.

Ao ser humano que saboreia a cada dia o sabor amargo da derrota não pode vir falando de uma salvação que é apenas vitória. É preciso falar-lhe de uma salvação que é derrota e vitória, cruz e ressurreição: uma salvação que não ignora a dor e nem passa à margem dela, mas que a assume, sofre e desse modo vence.

Confessar Jesus Cristo como salvador significa que a dor pode ser vencida; participar da vida de Jesus, é nisso que consiste a salvação; anunciar o reino de fraternidade, liberdade, justiça, e vida como implantada por Jesus Cristo. Crer a partir

¹⁰⁰ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, graça, salvação*, p. 89.

da cruz de Jesus em uma salvação real é afastar-se de toda forma de crucifixão, isto é, é esperar a ressurreição operando-a; a solidariedade, a compaixão e o amor que há no mundo são dimensões da nova vida do ressuscitado dando-se a si mesmo.

3.5 O PROBLEMA DO ESTADO INTERMEDIÁRIO

A escatologia cristã compreende uma dupla dimensão, uma individual e a outra coletiva. O problema é a relação entre ambas: de uma parte a história se consumará com o *eschaton* (compreende a parusia, o juízo e a ressurreição dos mortos); de outro lado não é menos certo que o indivíduo participa da vida eterna (forma de existência definitiva) imediatamente depois da morte.

Surge assim uma tensão entre as duas verdades da fé: ressurreição escatológica e retribuição pós morte. Esta dúvida tem gerado a representação do estado intermediário, que seria um hiato temporal que separa a morte da ressurreição. Isso teria como protagonista a alma separada, receptora da retribuição.

Tal representação teológica, tanto católica como protestante, encontra no presente século sérias dificuldades: primeiramente dificuldades de caráter antropológico, suposto que é o ser humano inteiro (espírito encarnado) o sujeito do mérito ou demérito do período de prova. Outra dificuldade é como pode a humanidade ser bem aventurada sem a sua integridade corpo e alma? Estas dificuldades e possíveis soluções que iremos tratar neste ponto da dissertação.

3.5.1 Estado intermediário e doutrina da Escritura

Os termos hebraicos *basar-nefesh*, remetem à totalidade do ser humano, concebido como unidade psicossomática e não como composição dicotômica. A única resposta satisfatória para o enigma da vida pós-mortal digna do ser humano é a ressurreição, a restituição integral do habitante do *sheol* a forma de existência plena que o israelita designa vida.

Com o livro da Sabedoria escrito em grego já aparece no Antigo Testamento uma linguagem antropológica diversa, que reforça a ideia de que o autor traz algo novo, uma concepção de ser humano distinta da que existia até agora. Os termos antropológicos usados pelo livro de Sb *sôma-psiquê* se substituem por *sôma-pnêuma*. O

vocabulário sarx muda na tradução dos LXX para o hebraico basar. Este termo sarx desaparece por inteiro em sua acepção coletiva.

Esta mudança radical de pensamento se manifesta na passagem de Sb 8, 19-20: “Eu era jovem de boas qualidades, couberam-me, por sorte, uma boa alma; ou antes, sendo bom, tinha vindo num corpo sem mancha.” Isto manifesta uma mudança radical na antropologia com um pronunciado dualista. Salomão orgulha-se de ter sorte em ter uma alma boa, parece que esta já preexistia na constituição do ser humano. O versículo 20 reafirma a subordinação hierárquica do corpo em relação à alma, quando afirma que tinha vindo num corpo sem mancha.

A conclusão deste livro de Sabedoria sintetizada por Juan Luiz Ruiz de La Peña é a seguinte:

O homem é um composto de alma e corpo; b. a alma (preexistente) é imortal, enquanto que o corpo, corruptível, atrapalha suas operações naturais; a relação entre ambos é, pois, forçada e violenta. c. a tensão sôma-psiquê se resolve com a morte, que implica a sobrevivência eterna da alma desencarnada e a sanção da mesma de acordo com seus méritos; d. se desconhece a fé na ressurreição.¹⁰¹

A antropologia daqui resultante possui uma clara definição dualista. Esta representa as correntes helenistas da época, alheias à mentalidade autenticamente bíblica que é defendida por autores como: Schürer, Volz e Greshake entre outros. O livro da Sabedoria é um testemunho em favor da alma separada. Esta é uma visão em oposição ao resto de todo o Antigo Testamento que menciona como resposta a fé na ressurreição como incompatível com toda a doutrina dualista.

Os Sinóticos destacam que no contexto onde surgem os Evangelhos há uma constante teologia hebraica de ser humano como unidade psicossomática. Para a antropologia semítica nenhuma vida é possível sem a corporeidade. A vida se expressa nas funções corporais. A ideia de uma desencarnação não faz parte do vocabulário do judaísmo palestino. Até o termo psiquê para eles denota também características corporais.

São numerosas as passagens em que a equivalência psiquê-nefesh é indiscutível, por exemplo em Mc 8, 35: “Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá; mas, o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará.” Este pensamento não distingue entre dois modos de existência, o terreno e o celeste. Fala

¹⁰¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 351.

mais de uma vida contemplada como unidade indivisível, que ganha ou perde na medida em que aceita ou nega o seguimento em Jesus Cristo. O termo vida neste contexto quer dizer tanto a existência terrena como a salvação oferecida aos que creem em Jesus Cristo.

Já no texto de Mt 6, 25: “Não andeis preocupados por vossa psiquê, que comereis, nem por vossa sôma, como o que o vestireis. Não vale mais a psiquê que o alimento, e a sôma mais que o vestir-se.”¹⁰² Dautzenberg admite, para a primeira parte do versículo, que sôma e psiquê significam o mesmo, chamam a atenção para o ser humano inteiro.

É o ser humano inteiro que está em causa, tanto para alimentar-se como para o vestir-se. Alma e corpo são aqui dois aspectos da mesma pessoa biológica, um dos quais a alma é a dimensão interior, que necessita comer para viver; o outro é corpo, a dimensão exterior, que precisa cobrir-se e se vestir.

Um texto muito importante para compreendermos a ressurreição e o estado intermediário é o de Mt 10, 28: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na Geena.” Isto quer dizer que o poder humano só é capaz de privar o ser humano da sua existência terrena, porém não pode tirar-lhe a vida. O poder de Deus, ao contrário, abrange a pessoa em sua totalidade. Só Deus pode tirar a vida, enviando o ser humano a Geena.

O mesmo também vale para o texto de Mt 27, 52ss.: “Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos.” A ressurreição inaugura aqui um estado definitivo para os santos que aguardavam a salvação. Os bens salvíficos merecidos pela morte de Cristo se realizam através da ressurreição, e não em uma sorte de bem aventuranças sem especificações antropológicas em um estado de alma separada.

Em Lc 16, 19-31 destaca-se a passagem do rico e do pobre Lázaro. Neste texto é interessante notar que não se deduz a doutrina de uma retribuição essencial subsequente à morte; tampouco se observa uma sobrevivência desencarnada da alma. Tanto Lázaro com o rico possuem uma existência pós-mortal com características corporais (o dedo, a língua, a sede, o tormento do fogo, a visão ocular). Não fala em absoluto em almas, mas se fala da condição encarnada de ambos os defuntos. A velha

¹⁰² RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 364.

concepção de sheol foi corrigida com a concepção unitária, que está na base dos elementos figurativos da parábola.

Nos escritos paulinos vemos a dependência da antropologia paulina no Antigo Testamento, tendo como lugar central o binômio *sarx-pnêuma* (*basar-ruach*), como designação alternativa do ser humano inteiro debaixo do pecado (*sarx*). *Sarx* é igual a *basar*, significa o ser humano em sua totalidade, a pessoa inteira, considerada desde o seu ponto de vista externo e físico. Aqui Paulo reproduz fielmente o uso do Antigo Testamento.

Para Paulo *sôma* significa o ser humano inteiro e não só uma parte. A humanidade não só tem uma *sôma* como ela é *sôma*. Esta não é algo exterior ao ser humano mesmo, isto é, algo que ele tem, senão o ser humano é. A palavra *sôma* é o mais próximo e equivalente da palavra personalidade, isto é, o ser designado como um todo. Enquanto corpo o ser humano está aberto para o outro, ao mundo, ao criador, à esperança e à ressurreição.

A consequência desta teologia paulina é a importância do corpo de seu conceito de salvação e de ressurreição:

A ressurreição de Cristo influenciou decisivamente para que a salvação cristã se conceba em forma de ressurreição. Até o ponto de que Hoffmann não duvida em atribuir a Paulo esta alternativa: “a salvação ou é ressurreição dos mortos ou não é nada; a negação da ressurreição implica a perdição da salvação. A ideia de uma morte sem ressurreição equivale e não concessão dos bens salvíficos, pois a vida, em sentido estrito, está ligada a corporeidade...Nova corporeidade, nova vida, consumação da salvação, são para Paulo conceitos idênticos. A negação de um deles equivale a negação de todos os outros.”¹⁰³

Nesta citação destaca-se o estudo de Hoffmann citado por Ruiz de La Peña e que resume a importância da corporeidade para a ressurreição. Esta se dá de forma integrada com o corpo, a pessoa recebe um novo corpo, uma nova vida e negar um desses conceitos é negar também todos os outros. Retoma também nosso estudo anterior onde afirma que o proveito da ressurreição para toda a humanidade foi a salvação através de Jesus Cristo. A salvação ou é a ressurreição de Cristo ou não é nada.

Na passagem de 1Ts 4, 13-18 o apóstolo Paulo é interrogado sobre diversas situações escatológicas como a Parusia. Este era um tema inquietante para a jovem Igreja de Tessalônica. Tanto Paulo como a comunidade esperavam uma Parusia

¹⁰³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 372.

iminente, a tal ponto que achavam que chegariam em vida até lá: “pois isto vos declaramos, segundo a Palavra do Senhor, que os vivos, os que ainda estivermos aqui para a Vinda do Senhor, não passaremos à frente dos que morreram. (1Ts 4, 15).” Também os fiéis mortos antes da Parusia tomarão parte dela; os vivos não estariam em situação mais vantajosa segundo o apóstolo Paulo.

A próxima vinda do Senhor minimizou a discussão sobre um estado intermediário. O problema chave quanto aos seus mortos era: como se encontram agora? Senão a pergunta qual a sorte deles na Parusia? A salvação se concebe condensada na vivência deste momento transcendental; a morte parecia impedir o acesso à Parusia, e com ela, ao Reino de Deus.

Seja qual tese for dada para a questão, Paulo acreditava que o término da nossa esperança ultraterrena se situa na Parusia. Quanto aos mortos, parece por suposto que os fiéis já estão em Cristo (sem que precise dar muitas explicações) e sem perder o foco em Jesus Cristo como o *eschaton*. O *eschaton* é para Paulo quando tiver lugar a consumação descrito em 1Ts 4, 17: “em seguida nós os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor.”

A consumação para Paulo era estar sempre com o Senhor. Este ser com Cristo se subordina toda a sequência dos eventos escatológicos; a ressurreição dos mortos, a saída dos vivos ao encontro de Cristo, são eventos do ser com Cristo. Por isso para Paulo é indiferente estar vivo ou morto no momento da Parusia, pois em todo caso será possível viver com Cristo. Este texto de Tessalonicenses nos dá a orientação para a esperança escatológica paulina; a condensação cristocêntrica desta esperança, onde a esperança está em ser com Cristo; possivelmente os mortos já estão agora em Cristo, sem que esta comunhão pós mortal prejudique o conteúdo da esperança na Parusia para os que estão vivos.

Para concluir a teologia paulina sobre a ressurreição do corpo e da alma de forma unida, sem o estado intermediário Ruiz de La Peña destaca:

a esperança, sempre viva na ressurreição proíbe ler a passagem como desejar livrar-se do corpo. Não existem, portanto, indicações textuais que apontem a alma separada como sujeito do ser com Cristo pela morte.¹⁰⁴

¹⁰⁴ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 381.

Nesta frase o autor acaba com a especulação sobre o estado intermediário com uma alma separada do corpo. A ressurreição é a salvação do ser humano inteiro, da comunidade dos crentes e de toda a criação. A morte pessoal, a ressurreição geral conduz para o mesmo, ao encontro da comunidade com o Senhor. Seremos com Cristo pela morte e seremos com Cristo também pela Parusia.

3.5.2 A discussão teológica católica

Como já estudamos, temos vários pontos de vista sobre o estado intermediário, desde a patrística, temos várias teses sobre a retribuição essencial até a ressurreição. Particularmente importante é a postura de Santo Agostinho. Para ele a tendência natural da alma ao corpo impediria as almas separadas de desfrutar plenamente a bem-aventurança. Porém, a raiz da crise foi provocada por João XXII (1249-1334), ele impõe universalmente como solução ao problema da tese de um estado intermediário, nele a alma separada é quem recebe a retribuição definitiva, desde a morte até a ressurreição; é preciso esperar até o nosso século para assistir à recuperação de um debate sobre a questão.

Pela parte católica, cremos que tem sido Teilhard de Chardin o primeiro a manifestar suas reservas em torno da doutrina tradicional do estado intermediário:

Para ele a morte nos enxerta em Cristo, implica uma prolongação cósmica de nossa personalidade; não é admissível que a alma seja desligada totalmente pela morte do contato com este mundo.¹⁰⁵

Para Teilhard é inegável um certo desapego, mas não na medida expressada correntemente pela noção tradicional de alma separada. Desde seus primeiros escritos o sábio jesuíta declara sua repugnância para conceber a alma como privada, em algum momento de sua existência, de toda conexão atual com o cosmos. Para ele as almas nem se formam neste mundo e nem o abandonam, como se fossem descontínuos e autônomos; as almas não são grupos de montanhas isoladas, elas formam com ele um universo, um bloco único cimentado pela vida e pela matéria; por acabada e autônoma que seja uma alma espiritual, não existe isolamento com o mundo, e não foi feita para subsistir jamais separado do corpo.

Teilhard de Chardin destaca ainda mais este argumento:

¹⁰⁵ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 386.

Para voltar ao problema da sobrevivência individual, compreenda que, como vocês, eu não me detenho na velha ideia de uma alma separada. A morte não consegue isolar-nos do cosmos; deve, ao contrário, inserir-nos mais profundamente nele...Neste sentido, a corporeidade permanece, mas a margem de corpuscular (átomos, moléculas, células, etc).¹⁰⁶

Como conceber que a alma, infraestrutura da matéria organizada, pode separar-se dessa matriz e subsistir num estado separado, sem suporte corporal? A relação transcendental entre alma e a matéria não se separam, segundo ele pela morte. Senão o contrário, é ampliada e aprofundada até adquirir uma dimensão cósmica. A ideia que fará popular Karl Rahner é a pancosmicidade da alma, se encontrará também em Mersh e Hengstenberg.

Para Karl Rahner em uma antropologia tomista a relação da alma e do corpo é de ser forma da matéria; a alma funciona como princípio informante do corpo. Como pode uma alma existir e ser perfeitamente feliz, à margem da relação substancial ao corpo que constitui sua razão de ser? Esta é a pergunta que Rahner se faz e que depois até comenta se seriam heréticos os que colocam o céu imediatamente em corpo e alma. Esta confissão põe em relevo o caráter hipotético de sua tese da pancosmicidade da alma.

Schmaus vê com simpatia a ideia. A sobrevivência da alma é um profundo mistério, justificável com uma intervenção divina especial; a alma procura a sua união com o corpo e só a ressurreição satisfará esta tendência essencial. O estado intermediário é para ele uma etapa prévia que exige uma etapa completa que será o *eschaton*.

Para Juan Luis Ruiz de La Peña:

dentro do campo católico, no momento, a última proposta é a de Greshake. (...) Ele sustenta a imediata sequência morte e ressurreição, porém ele eliminou a objetividade do *eschaton*. A consumação final não é um evento conclusivo da história; em seu lugar, o que se dá é uma série de consumações individuais ao largo de uma temporalidade limitada."¹⁰⁷

Para Greshake não existe um problema de estado intermediário, porque não existe um dos polos geradores do mesmo. A conclusão que as Escrituras nos passam e o Novo Testamento nos professam é uma antropologia unitária, em que o conceito de alma enquanto realidade contraposta ao corpo é desconhecida. A terminologia

¹⁰⁶ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 388.

¹⁰⁷ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 390.

antropológica bíblica segue uma trajetória retilínea, como destacamos no primeiro capítulo da dissertação, e o pensamento preponderante é o hebraico.

O que mais importa agora é o momento em que começa a retribuição essencial. Para Ruiz de La Peña: “a vida eterna se inicia com a morte do justo.”¹⁰⁸ As três principais verdades da fé sobre este tema: Concílio de Viena, que afirma que a alma é forma do corpo (DS 901s.). Para Juan Luis Ruiz de La Peña: “a intenção do Concílio, portanto, é não impor uma visão dicotômica do ser humano, senão tutelar a união substancial de espírito e matéria.”¹⁰⁹ Por isso o Concílio utiliza, conforme a mentalidade da época, uma linguagem tomada da teoria hilemórfica (a alma é a forma do corpo).

A imortalidade da alma (Concílio de Latrão DS 1440), neste Concílio Lateranense V, deve situar-se em uma perspectiva de unidade psicossomática substancial. O que o Concílio quer salvaguardar é a imortalidade do indivíduo singular; para ele se fala de alma imortal. Neste processo não se quer defender uma imortalidade da alma separada, como defende Juan Luis Ruiz de La Peña: “a intenção das palavras do Concílio não tem primeiramente a intenção de postular uma imortalidade da alma separada do corpo.”¹¹⁰ O Concílio Lateranense V quer dizer para nós que a alma é imortal porque como forma do corpo é o que constitui essencialmente ao ser humano individual.

O fato de que é a alma que vê a Deus depois da morte (Constituição Benedictus Deus DS 1000ss.); esta frase supõe um estado intermediário, já que só a alma vê a Deus depois da morte. Porém, não é esta a ideia: “o que o documento quer ensinar, é que a consumação é imediata depois da morte.”¹¹¹ Nestes três documentos, podemos assinalar que em nenhum deles está provada que a doutrina defendida imponha de forma vinculante a tese do estado intermediário da alma separada. Por isso que Juan Luis Ruiz de La Peña defende:

Admite-se que a tese de uma alma separada comporta graves dificuldades; para resolver esta, quando se elabora uma observação conceitual, esta necessita por sua vez de justificação. Porém, em definitivo, não se adverte que os defeitos do discurso residem na antropologia subjacente; como mostrará em uma análise da linguagem com que se discutia sobre o crescimento intensivo ou extensivo, tal antropologia tende fatalmente ao

¹⁰⁸ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 391.

¹⁰⁹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 392.

¹¹⁰ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 393.

¹¹¹ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 393.

dualismo, distanciando-se do ponto de vista bíblico e da doutrina de Viena.¹¹²

Neste argumento a tese da alma separada do corpo não se sustenta e não se justifica para o nosso autor. O maior defeito está numa antropologia dualista que separa o corpo da alma, estudado amplamente na segunda secção desta dissertação. Os dois não podem ser separados, se acontece vamos contra uma linguagem bíblica e antropológica corretas que pregam uma união substancial do corpo e da alma.

No catolicismo um estado intermediário só se justifica, em sentido impróprio, a partir da concepção de uma alma separada do corpo à espera da ressurreição. Isto quer dizer, para concluir:

Na doutrina católica, a expressão se refere, não à qualidade da retribuição pós morte, senão à constituição do sujeito dessa retribuição. E ele porque a chave hermenêutica que recapitula e clarifica todos os conteúdos da esperança escatológica é um ser-com-Cristo alcançável pela morte mesma.¹¹³

¹¹² RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 395.

¹¹³ RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*, p. 398.

CONCLUSÃO

Depois de desenvolver o tema sobre a ressurreição, aspectos bíblicos, antropológicos e escatológicos baseados no autor Juan Luiz Ruiz de La Peña, pode-se concluir que a ressurreição é algo que está na base da nossa fé. Tanto que o apóstolo Paulo destaca que ou acreditamos na ressurreição ou somos os mais desgraçados de todos os homens.

São interessantes os caminhos de Deus escritos na Sagrada Escritura. Desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento foi um sinal do grande amor de Deus para com toda a humanidade. Por isto foi importante começar a dissertação com os aspectos bíblicos da ressurreição, porque toda a Bíblia revela o grande amor de Deus para toda a humanidade, especialmente na encarnação de seu filho Jesus Cristo, causa eficiente e exemplar da nossa ressurreição.

Nisso é importante a noção de tempo que trata a Bíblia no Antigo Testamento. Para os gregos era um tempo cíclico, isto é, não havia um começo e nem um fim. Já o tempo para o povo hebreu tem um começo e um fim, onde Deus mesmo está no começo e será o fim de todo o ser humano e do mundo em que vivemos. Nesse processo Deus se manifesta na história e não somos simplesmente jogados neste mundo, Deus tem um propósito para toda a humanidade.

Isto é destacado em várias passagens do Povo de Deus, desde a sua libertação do Egito com o livro do Êxodo, é Deus quem caminha com o seu povo. Na Bíblia aparecem várias fontes como a javista, a sacerdotal e a deuteronomista em que Deus escolhe o povo, caminha com ele e quer ser do seu povo. Isto é uma revolução para a antiguidade e para nós hoje, Deus nunca abandona o seu povo e quer uma aliança com ele. O Deus de Israel se manifesta na história e a esperança de Israel é escatológica com um futuro plenificador.

Este futuro plenificador do Antigo Testamento é concretizado principalmente na ressurreição de Jesus Cristo. É ele que dá sentido a toda a Bíblia porque trouxe a concretização do Reino de Deus através das suas ações. Jesus anunciou o Reino de Deus como presente para a humanidade através de tudo o que falou para os apóstolos, dos milagres, perdão dos pecados e principalmente pela sua ressurreição. A ressurreição de Jesus manifesta o cumprimento das profecias messiânicas esperadas por Israel. O tempo escatológico da sua ressurreição começa a se manifestar na história. As pessoas que têm

contato com o Jesus ressuscitado começam a perceber um sentido escatológico, transmitido para nós pelos Evangelhos e testemunho dos apóstolos.

Importantíssima neste aspecto é a explicação de Juan Luiz Ruiz de La Peña sobre o já e o ainda não. Com a vinda de Jesus Cristo já tivemos o começo escatológico do Reino de Deus atuando aqui na história. Não há maior revelação de Deus do que esta, seu Filho Jesus Cristo, plenitude da revelação e imagem de Deus neste mundo. Isto é destacado nos atos de Jesus quando derrota satanás, expulsa os demônios, no perdão dos pecados e em seus milagres. Porém nota-se que a vinda de Jesus não atingiu certos males da humanidade como a morte, a doença que continua existindo e persistente falta de fé. É o ainda não. Para isto temos que acreditar na Parusia, onde a terra será transformada e todos viverão ressuscitados com Cristo sem doença, morte ou maldade. Em suma, o Reino de Deus está presente no mundo com a vinda de Cristo, mas a sua escatologia acontecerá encontrará no futuro.

Esta tensão entre o já e o ainda não pede uma decisão pessoal de fé para todos os seres humanos. Para o apóstolo Paulo é necessário sempre voltar-se para a ressurreição de Cristo, pois nela que Jesus começa uma nova criação, conforme 2Cor 15, 44 onde Jesus é a Nova Criação e também nossa ressurreição e fundamenta a nossa fé pela filiação divina. O presente para os apóstolos e para nós hoje é também escatológico porque oferece uma nova forma de existência em Jesus Cristo, início de uma nova criação que se consumará na Parusia.

Para o nosso autor Ruiz de La Peña, Cristo é a imagem de Deus, o cristianismo é a imagem de Cristo. Isto transmite para nós uma visão cristocêntrica, onde Jesus é o centro de toda a criação, redenção e futuro escatológico com a sua paixão, morte e ressurreição. O autor deixa bem claro que Cristo é a imagem de Deus não só por ser uma reprodução perfeita do Pai, mas porque irradia este esplendor de forma plena. Quem vê a Jesus vê também o Pai e o que ele quer revelar. Neste contexto o ser humano só chega a Deus através de Jesus. Não tem outro caminho mais fidedigno para chegar ao amor de Deus. Nós seremos imagem de Cristo quanto mais nos esforçarmos em ter as suas atitudes descritas nos Evangelhos: amor para com os doentes, pecadores, marginalizados. Em suma amar, servir e se preciso entregar a vida como Jesus fez. Se fizermos isso seremos cada vez mais a imagem que Cristo queria para esta terra e poderemos concluir: Cristo é a imagem de Deus; o ser humano é a imagem de Cristo; logo o ser humano é imagem de Deus.

Para entendermos o que norteia esta dissertação, isto é, o estado intermediário após a morte, foi necessário fazer um estudo de antropologia teológica sobre o tema. Primeiramente não podemos defender o dualismo, separando o corpo da alma como duas realidades contrapostas no ser humano. O problema analisado nesta dissertação é a separação do corpo e da alma, proposta pelo estado intermediário e que Juan Luis Ruiz de La Peña é contra.

A Bíblia apresenta um modelo não dualista de ser humano, o ser humano é uma unidade e não pode ser dividido em dois princípios diferentes que se contrapõem. O dualismo é contrário à fé porque separa a alma do corpo, achando que a alma é a parte mais primordial do ser humano e desprezando o corpo. Para Ruiz de La Peña a humanidade toda foi criada por um único e mesmo Deus, por isso a humanidade inteira será salva em sua unidade psicossomática com a ressurreição.

Para Santo Agostinho havia a prioridade da alma em relação ao corpo, uma propensão bem dualista que afirmava que a melhor parte do ser humano era a alma. Santo Tomás de Aquino foi o grande sábio que conseguiu unir de forma equilibrada o problema da alma com o corpo. Ele falava que corpo e alma existem no ser humano de forma unida, eles não são substâncias que existem em ato separado, existem como substâncias unidas. O ser humano é composto de duas substâncias complexas, corpo e alma, que não se sobrepõem.

A visão do estado intermediário é que o ser humano morre, ressuscitando só o corpo e fica aguardando a Parusia para então reassumir o seu corpo glorioso. Esta tese é refutada por Juan Luis Ruiz de La Peña para quem a ressurreição é na hora da morte de todo ser humano. Para chegar a essa conclusão o autor entende o ser humano unidade de corpo e alma. Nenhuma das duas partes, corpo e alma, pode ser separada, o que antropológicamente não se sustenta.

É interessante o estudo que nosso autor faz sobre o corpo, este é um ser no mundo. O mundo não é apenas algo circunstancial para a humanidade, ao contrário, pelo seu corpo o mundo revela-se como uma morada. A ideia de cadeia ou exílio para este mundo foi inserida por Platão e Orígenes. Para a escatologia moderna o mundo é tão importante que também será transformado um dia na Parusia de Jesus Cristo. Outra dimensão do corpo é o espaço e o tempo. Não tenho como fugir dessas duas dimensões enquanto ser vivo, sendo destruídos pela morte e ressurreição. A morte atinge o ser humano inteiro, tanto o corpo como a alma, não só o corpo morre, a alma também

morre. A morte perpassa todo o ser humano, em todas as suas dimensões constitutivas: corpo, mundo, alma, tempo, espaço e história.

O ser humano também é alma, com todas as suas implicações. A melhor definição de alma que aparece é a capacidade de referência do ser humano à verdade e ao amor eterno. Isso é muito interessante porque o ser humano foi criado por Deus, ele chama o ser humano e este ao contrário de todas as outras criaturas, consegue ouvir e responder. Por isso o ser humano busca transcender o mundo, ele está presente neste mundo mas sempre indo além dos seus limites, busca sempre o ilimitado. Até o ponto de ser o único animal insatisfeito, mesmo tendo todos os instintos satisfeitos, busca sempre ir além.

Outra característica em relação à alma é a transcendência à temporalidade. O ser humano é o único ser que pode transcender a temporalidade, ou seja, faz as experiências do tédio e da impaciência. Quando o tempo passa devagar é a experiência do tédio, quando passa ligeiro demais gera a impaciência. O ser humano por isso deve saber harmonizar o seu tempo para viver bem, procurando transcender o tempo para tentar salvar-se da caducidade das coisas do mundo. Assim como o ser para a morte, este não é o último destino da humanidade, ao contrário, existe a ressurreição. Uma antropologia unitária defende que na ressurreição ocorrerá uma reconstituição do ser humano em sua totalidade: corporeidade, mundaneidade e historicidade.

Nesta antropologia o ser humano é uno em corpo e alma. Neste argumento corpo e alma possuem a mesma dignidade, não existe o pensamento do corpo ser servidor e a alma dominadora que instrumentaliza o corpo. Ser uno quer dizer que corpo e alma devem estar em equilíbrio no ser humano, pela ressurreição os dois terão o mesmo valor e hierarquia na composição do ser humano. Embora saibamos que possuímos atos que são mais do corpo ou da alma, não há exclusividade de um ou de outro em nossas ações. O melhor pensamento nesta área para Ruiz de La Peña é o de Zubiri, o qual defendia a ideia do organismo, em que corpo e alma formam uma unidade psíquico-orgânica no ser humano. Esta posição conserva as principais dimensões da escatologia cristã: corpo, alma e unidade do corpo e da alma. Aceitar este argumento significa superar o estado intermediário, pois não tenho como separar os dois elementos. Isto é muito importante para estudar a dimensão escatológica que é a última parte da dissertação.

Na dimensão escatológica podemos concluir que existe algo mais forte que a morte e que vence esta que parece ser uma barreira final. E esse algo é a vitória de

Cristo sobre todas as forças negativas deste mundo. O ser humano não foi criado para ser deixado sem esperanças nesse mundo, mas foi criado para compartilhar a alegria e a felicidade que existem em Deus.

Santo Tomás de Aquino afirmava que a causa eficiente da nossa ressurreição é Jesus Cristo, porque ele é o mediador entre Deus e os Homens. Uma vez que começou a ressurreição em Jesus ele é a causa da nossa. Cristo é, assim, enquanto Deus, a causa primeira da nossa ressurreição. Para Santo Tomás há identidade no corpo ressuscitado, uma vez que a união corpo e alma não é acidental, a ressurreição pressupõe que se conserve uma identidade com o nosso corpo atual. Se assim não fosse não poderíamos falar de ressurreição, mas de uma assunção de um novo corpo pela alma.

Ressuscitar é para nós cristãos a maneira imprescindível da realização da vida humana. A ressurreição é para o ser humano inteiro, corpo e alma, sem dissociar um do outro. O cristianismo, neste contexto, conhece a ressurreição dos mortos pelo poder de Deus. O ponto central da nossa fé é a ressurreição dos mortos, que é a salvação do ser humano uno e indiviso, e não apenas de uma metade do ser humano. A ideia da imortalidade da pessoa é expressa na Bíblia com o termo ressurreição. Segundo a fé cristã, o ser humano continua existindo após a sua morte, só que agora transformado através da ressurreição dos mortos.

Outro argumento forte em favor da ressurreição logo após a morte com o corpo e a alma é que a imortalidade do ser humano se baseia nesse intercâmbio dialogal com Deus, cujo amor é a única fonte de eternidade. Por isso que Juan Luis Ruiz de la Peña afirma como forma de resumo para a compreensão da ressurreição, é o amor fiel de Deus que é mais forte do que a morte. Deus quer que acreditemos que o amor é mais forte do que a morte e que ele tem esse poder de nos tirar do poder da morte, nós e ao mundo todo como projeto de sua criação.

A vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré são os acontecimentos salvíficos que mostram o grande amor de Deus pela humanidade. Esta é a ideia central: Jesus é o fundamento da ressurreição, da vida e da salvação para toda a humanidade. Não há além dele quem possa salvar e nos dar vida plena neste mundo, nos ressuscitar e por merecimento salvar a todos os que praticaram o bem.

Toda a vida de Jesus foi em favor dos que estavam numa situação social e religiosamente depreciada. Ele teve a predileção pelos pobres e pecadores. Os pecadores são os publicanos, as prostitutas, os leprosos, os ignorantes e os enfermos. Pecadores eram todos os marginalizados da sociedade naquele tempo. Estes eram os preferidos de

Deus e de Jesus. A salvação que Jesus anuncia aos pobres é um amor gratuito de Deus a partir do nada. É interessante que os mais amados são justamente os menos amáveis, os que não tem nenhum título para esperar amor, menos ainda exigí-lo ou retribuí-lo. Estes são os que mais percebem este amor gratuito de Deus, justamente porque não têm nada, veem o amor como simples dom e este é um amor puro.

Um outro argumento contrário ao estado intermediário é quanto ao tempo. Será que na eternidade existe o tempo? Para Deus o tempo não existe. A eternidade é sempre vista como uma simultaneidade total. Não podemos falar em eternidade como o passar dos tempos, já que na eternidade não existe o tempo como nós o concebemos. Por não haver tempo, não se podem passar anos e séculos, no decorrer dos quais a alma possa aguardar a futura chegada do Juízo Final, para de novo se reunir com o corpo.

Portanto, se eternidade é um *agora simultâneo*, a ressurreição não pode acontecer num futuro temporal, porque na eternidade tal futuro não existe. Eternidade significa um *agora simultâneo*, e nesse *agora* de Deus não há espaço para o futuro: a ressurreição da pessoa inteira ocorre na morte. Esse princípio não fere os dogmas da Igreja porque conforme vimos, a ressurreição ocorre no final dos tempos. E o final dos tempos acontece no momento da morte da pessoa, é nesse momento que ocorre a ressurreição da pessoa.

Em vista dos argumentos observados conclui-se que o estado intermediário para o autor Juan Luis Ruiz de La Peña não existe: a ressurreição é na hora da morte. A habitação humana junto de Deus concebe sempre o ser humano inteiro, não só uma parte deste, é corpo e alma que vão ressuscitar e o ser humano inteiro é digno da salvação. A esperança, sempre viva na ressurreição não pode desejar livrar-se do corpo. Não existe, a alma separada como sujeito do ser com Cristo pela morte. Nesta frase o autor acaba com a especulação sobre o estado intermediário, com uma alma separada do corpo. A ressurreição é a salvação do ser humano inteiro, da comunidade dos crentes e de toda a criação.

REFERÊNCIAS

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Mysterium Salutis: O Evento Cristo*, Vol. II/6. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: Vida, morte e ressurreição (Escatologia I)*. São Paulo: Paulus, 2000.
- BLANK, Renold J. *Escatologia do mundo: o Projeto Cósmico de Deus (Escatologia II)*. São Paulo: Paulus, 2001.
- BLANK, Renold J. *Qual é o nosso destino final?* São Paulo: Paulus, 2003.
- CANTALAMESSA, Raniero. *O Mistério da Páscoa*. Aparecida: Santuário, 1994.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: *Edição Típica Vaticana*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no Mundo de Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUARDINI, Romano. *Le Cose Ultime: la Morte*. Milano: Vita e Pensiero, 1997.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- LADARIA, Luis Francisco. *Cap. VIII: Fim do Homem e Fim dos Tempos*. in: SESBOÜÉ, Bernard. *História dos dogmas: O homem e sua salvação. (Tomo 2)*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARCONCINI, B. *Daniel*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Cristo Jesus: cristologia em dimensões messiânicas*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 2008.
- RAHNER, Karl. *Sentido Teológico de la Muerte*. Barcelona: Herder, 1992.
- RATZINGER, Joseph. *Escatologia: La muerte y la vida*. Barcelona: Herder, 1984.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: Preleções sobre o símbolo apostólico*. São Paulo: Herder, 1970.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *A propósito del cuerpo humano: notas para un debate*. In: TREVIJANO, R. *Revista Salmanticensis: Universidade Pontifícia de Salamanca*. Salamanca: Kadmos, enero-abril 1990 (vol. XXXVII) p. 65-73.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Criação, Graça e Salvação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Dios y el cientifismo Resistente*. In: TREVIJANO, R. *Revista Salmanticensis: Universidade Pontifícia de Salamanca*. Salamanca: Kadmos, mayo-agosto 1992 (vol. XXXIX) p. 217-243.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Imagen de Dios: Antropología Teológica Fundamental*. España: Eapsa, 1988.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Otra Dimensión: Escatología Cristiana*. Madrid: Eapsa, s.d.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Verdad, el Bien y el Ser*. In: TREVIJANO, R. *Revista Salmanticensis: Universidade Pontifícia de Salamanca*. Salamanca: Kadmos, enero-abril 1994 (vol. XLI) p. 37-65.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *La Pascua de la Creación: Escatología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Materia, Materialismo, Creacionismo*. In: TREVIJANO, R. *Revista Salmanticensis: Universidade Pontifícia de Salamanca*. Salamanca: Kadmos, enero-abril 1985 (vol. XXXII) p. 49-72.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Mente-Cerebro: Notas para un Diálogo*. In: TREVIJANO, R. *Revista Salmanticensis: Universidade Pontifícia de Salamanca*. Salamanca: Kadmos, setiembre-diciembre 1995 (vol. XLII) p. 401-428.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *O Dom de Deus: Antropologia Teológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Psiquê: el Retorno de un Concepto Exiliado*. In: TREVIJANO, R. *Revista Salmanticensis: Universidade Pontifícia de Salamanca*. Salamanca: Kadmos, mayo-agosto 1982 (vol. XXIX) p. 171-202.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luis. *Teologia da Criação*. São Paulo: Loyola, 1989.

SAUHNIER, Christiane. *A Revolta dos Macabeus*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel: O profeta. Os profetas. A mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996.